

RAQUEL MARIA NUNES RODRIGUES DE OLIVEIRA

**O Atual Papel da Mulher na Igreja Evangélica em Portugal -
o caso da II igreja Batista do Barreiro e da igreja O Renovo**

Orientadora: Prof. Dra. Lidice Meyer Pinto Ribeiro

Universidade Lusófona – CUL
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e
Administração

Lisboa
2023

RAQUEL MARIA NUNES RODRIGUES DE OLIVEIRA

O Atual Papel da Mulher na Igreja Evangélica em Portugal - o caso da II igreja Batista do Barreiro e da igreja O Renovo

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do Grau de Mestre no Curso de Mestrado em Ciência das Religiões, conferido pela Universidade Lusófona - Centro Universitário de Lisboa, no dia 17/04/2024, perante o júri, com o Despacho de Nomeação n.º 740/2024, de 28 de fevereiro, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor José Brissos-Lino

Arguente: Profª. Doutora Naira Pinheiro dos Santos

Orientador: Profª. Doutora Lidice Meyer

Universidade Lusófona – CUL

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Lisboa

2023

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Agradecimentos

Apesar de termos enfrentado várias dificuldades derivado à pandemia, é verdadeiramente uma grande vitória chegar até aqui. Portanto, a presente dissertação de mestrado não poderia chegar a bom porto sem o precioso apoio de várias pessoas.

Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer à minha grande mentora Professora Doutora Lidice Meyer Pinto Ribeiro, por toda a paciência, empenho e disposição que sempre demonstrou no sentido prático com que sempre me orientou neste trabalho. Muito obrigada por me ter ensinado com tanta paixão e sempre ser uma verdadeira motivadora. Ao Professor Doutor Fernando da Silva por me ter incentivado a entrar neste desafio e sempre pronto a encorajar-me a prosseguir. Ao diretor do curso, Professor Doutor Brissos Lino por nos ter ajudado a dar os primeiros passos e também ao coordenador do curso Professor Paulo Mendes Pinto bem como ao sempre prestável Professor Doutor Daniel Mineiro.

Eternamente grata. A todos o meu aplauso e o meu muito obrigada!

Dedicatória

Primeiramente, dedico este trabalho a Deus, por ser essencial na minha vida, autor do meu destino, meu Ajudador e Protetor, que me levantou da cama da morte por Covid-19 em abril 2021, e me deu mais uma vez o privilégio de viver. A Ele que me fez acreditar que tudo é possível àquele que crê e, que a idade nunca é obstáculo para realizarmos os nossos sonhos. Ao meu esposo, quero agradecer pelo suporte e ajuda durante o meu trabalho e, por me dar o empurrão ao dizer; ‘Tu és capaz!’ Aos meus filhos, por todo o carinho e apoio, ao mimarem-me dizendo, ‘Tu és o nosso orgulho’, não medindo esforços para que chegasse até esta etapa da minha vida. À minha mãe, irmãs e irmão pela força e coragem que me deram sempre em todo o processo.

A todos o meu aplauso e muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo, investigar o atual papel das mulheres na igreja Evangélica em Portugal, e a forma como ela foi e continua a ser tratada historicamente, bem como a importância de inseri-la como sujeito da observação. A pesquisa não só observa o papel atual da mulher na igreja evangélica em Portugal, mas também, visa promover um debate mais interno na observação e prática real, pois muito do que é aparente não corresponde à vivência das intituladas ‘liberdades’ e ‘direitos’ conquistados. Para tal, procurou-se responder a três questões cruciais. 1. Em que ministérios pode a mulher ser envolvida. 2. Que papéis podem as mulheres assumir na família e na sociedade. 3. Quais, se há algumas, as posições de autoridade que as mulheres podem desempenhar na igreja. A hipótese apresentada é que a despeito do impacto social do feminismo nas últimas décadas que provocou um aumento da presença feminina no espaço público a igreja manteve a mulher aquém das posições de liderança e autoridade governativa fora dos padrões assumidos pelo caráter de liderança no período do Novo Testamento.

O papel do homem, na igreja, ainda continua a prevalecer e a impor-se com um tom de dominância patriarcal, apesar de alguns avanços. Utilizam-se textos, pesquisas e análises que procuram evidenciar a trajetória e função da mulher em diferentes tempos, particularmente, na igreja evangélica, descrevendo o seu papel principal, o trabalho e as transformações que são necessárias para que a igreja comece a tratar a mulher sob um novo olhar. Faz-se também uma pequena referência ao pensamento de alguns estudiosos sobre o papel da mulher, a sua influência, e a sua importância, na busca pela tão almejada igualdade. Apresenta ainda, reflexões sobre o papel da mulher em diversos períodos e segmentos da igreja. Como estudo de caso, examinou-se a II igreja Batista do Barreiro e da igreja de O Renovo através de inquéritos aos pastores principais das igrejas, que esclarecem as suas posições a respeito do papel atual da mulher na igreja. Os resultados são interessantes pois, se de um lado observamos um manter a mulher num condicionamento tradicional com a continuidade da masculinização, sempre sustentado por uma exegese bíblica condicionada e até faltosa, pelo outro lado existe uma liberalização, mas que na prática não se traduz numa totalidade.

Há evidências bíblicas e históricas de que, não só a igreja primitiva de Atos dos Apóstolos, como também as posteriores comunidades cristãs, não só sofreram a influência feminina como estiveram a cargo de mulheres. Priscila, Lídia, Febe ou Junia são alguns exemplos de mulheres, dentre outras, que estiveram ‘na frente’. Elas não estiveram retidas no diaconato, *diakonos*¹, feminino (que alguns líderes advogam como um grande avanço na liberdade da mulher na igreja) mas exerceram papéis de liderança, pregação, governo e expansão, sendo uma delas a muito discutida Junia,

¹ *Diakonos* – literalmente “servo”.

Iounian, (que todas as traduções mais antigas consideram apenas como feminina), tendo exercido o apostolado cujo ofício não era restrito aos Doze iniciais, como não o foi o apóstolo Paulo. Na atualidade, embora haja uma pretenciosa preocupação no discurso oficial da Igreja, no que respeita à dignificação da mulher em geral, no contexto dos valores cristãos, o problema reside na prática. Ao observar-se, a forma como esses valores têm sido aplicados há uma falta de maior empenho em fazer com que a mulher aceda a instâncias tanto de gestão como de governação. Nestes espaços a presença feminina é restrita senão ausente. A liderança feminina... está ligada a um homem – ser pensante, racional – para direcionar a mulher – dotada de sentimentalismo e emoções – à liderança. As linhas sugerem um princípio de divisão entre masculino – ativo – e feminino – passivo – e, por conseguinte, uma hierarquia fundamentada na divisão de género (Neto, 2016:101). A mulher é mantida no ‘seu lugar’ tradicional e retida no que não deveria de ser. Observa-se a continuidade da masculinização, que é defendida por muitos, acerrimamente, sustentando essa posição com passagens bíblicas fora de contexto e numa exegese bíblica totalmente distorcida, como no caso de *1 Timóteo 2:12*² ou *1 Coríntios 14:33-35*³, advogando que a Bíblia realmente proíbe papéis de liderança e, logo, governo na igreja.

Palavras chave: História. Igreja Evangélica. Papel atual das mulheres.

² *1 Timóteo 2:12* – ‘E não permito que a mulher ensine, nem exercite autoridade sobre o homem. Portanto fiquem em silêncio.’ Disponível em: https://bibliaportugues.com/1_timothy/2-12.htm.

³ *1 Coríntios 14:33-35* - ‘Pois Deus não é Deus de confusão, mas de paz, como em todas as igrejas dos santos. As mulheres estão em silêncio nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estão sujeitas, como a lei também ordena. E se querem aprender algo, perguntem aos seus esposos em casa; porque é indecente para a mulher falar na igreja.’ <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1co/14>. (Tradução livre do inglês).

ABSTRACT:

The present work aims to investigate the current role of women in the Evangelical Church in Portugal, and the way she has been and continues to be treated historically, as well as the importance of inserting her as an observation theme.

The objective of this dissertation will be not only to observe the current role of women in the evangelical church in Portugal, but also to promote a more internal debate in observation and real practice, because much of what is apparent does not correspond to the experience of the so-called 'freedoms' and 'rights' conquered. We should not try to escape confronting and debating the three crucial issues. 1. In what ministries can the women be involved. 2. What roles can women play in the family and in society. 3. What, if any, are the positions of authority that women can play in the church.

Despite the social impact of feminism in recent decades that has led to an increase in the female presence in the public space, the church has kept women short of positions of leadership and governing authority outside the standards assumed by the leadership character in the New Testament period. Man's role in the church still continues to prevail and impose itself with a tone of patriarchal dominance, despite some advances.

In this same work we use texts research and analyses that seek to highlight her trajectory and function at different times, particularly in the evangelical church, describing her main role, the work and the transformations that are necessary for the church to begin to treat women under a new look. It also makes a small reference to the thinking of some scholars about the role of women, their influence, and their importance in the search for the long-looked for equality. It also presents reflections on the role of women in various periods and segments of the church.

This dissertation will be limited to examining the case of the Second Baptist Church of Barreiro and the church of O Renovo. To this end, surveys were carried out on the principal pastors of the appropriate churches, which clarify their positions on the current role of women in the church.

The results are interesting because, if on the one hand we observe the keeping women in a traditional conditioning with the continuity of masculinization, always sustained by a conditioned and even lacking a proper biblical exegesis, on the other hand there is a liberalization but that in practice does not translate into a totality.

There are biblical and historical evidence that not only the early church of Acts of the Apostles, but also subsequent Christian communities, not only suffered female influence but were in charge of women. Priscilla, Lydia, Febe or Junia are some examples of women, among others, who were in the 'frontline'. They were not retained in the feminine diaconate, *diakonos*⁴, (which some leaders advocate as a great advance in the freedom of women in the church) but they played roles of

⁴ *Diakonos* – literally 'servant'.

leadership, preaching, government and expansion, one of them being the much-discussed Junia, *Iounian*, (which all the oldest translations consider only as feminine), having exercised the apostolate whose office was not restricted to the initial Twelve, likewise the apostle Paul was not.

Today, although there is a pretentious concern in the church's official discourse, with regard to the dignification of women in general, in the context of Christian values, the problem lies in practice. In the light of the view, the way in which these values have been applied, there is a lack of greater commitment to make women access both management and governance bodies. In these spaces, the female presence is restricted if not absent.

Female leadership... it is linked to a man – to be thoughtful, rational – to direct the woman – endorsed with sentimentality and emotions – to leadership. The lines suggest a principle of division between male – active – and female – passive – and, therefore, a hierarchy based on gender division (Neto, 2016:101).

Women are kept in 'their' traditional place and retained in what should not be. One observes the continuity of masculinization, which is defended by many, fiercely, sustaining this position with biblical passages out of context and in a totally distorted biblical exegesis, as in the case of *1 Timothy 2:12*⁵ or *1 Corinthians 14:33-35*⁶, advocating that the Bible actually forbids leadership roles and, therefore, government in the church.

Keywords: History. Evangelical Church. Current role of women.

⁵ *1 Timothy 2:12* – 'And I do not allow the woman to teach, nor exercise authority over man. Be therefore silent.' https://bibliaportugues.com/1_timothy/2-12.htm

⁶ *1 Corinthians 14:33-35* - 'For God is not God of confusion, but of peace, as in all the churches of the saints. Women are silent in churches, because they are not allowed to speak; but are subject, as the law also commands. And if you want to learn something, ask your own husbands at home; because it is indecent for women to speak in church.' <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1co/14>.

Índice

Agradecimentos	3
Dedicatória.....	4
Resumo	5
Abstract.....	7
Índice	9
Introdução	12
Motivação	17
 Capítulo I - Jesus e as Mulheres	18
A. Jesus foca experiências femininas.....	19
1. Jesus usa exemplos que têm a ver com mulheres	18
2. Jesus usa exemplos de mulheres do Velho Testamento	20
3. O Apóstolo João realça a ilustração de Jesus.....	20
B. Jesus e as mulheres na morte e na ressurreição	21
1. Jesus na Cruz, no Túmulo e as mulheres	21
1.1 Mulheres na cruz.....	21
1.2 Mulheres no túmulo.....	21
2. Mulheres na Ressurreição	22
2.1 História socialmente relevante	22
2.2 Mulheres participaram do Pentecostes como os homens	23
C. Jesus não provoca uma diferenciação entre homens e mulheres.....	23
1. Jesus chamou homens e mulheres para testemunharem.....	23
2. Jesus Cristo pretende que as mulheres tenham uma ligação espiritual como os homens	24
3. Jesus falou com mulheres sobre assuntos e questões da teologia	25
4. Jesus pretende que a comunidade da igreja tenha uma outra visão como testemunha	25
 Capítulo II – O Status das Mulheres na Igreja Primitiva	27
A. A Proeminência das mulheres no primeiro século do cristianismo.....	29
1. Mulheres como missionárias.....	29
2. Apóstolos no feminino	30

3. Igrejas nas casas, domínio das mulheres.....	30
3.1 As mulheres com cargos e papéis significativos	30
3.2 As mulheres como profetizas	31
B. O extraordinário caso que provocou o título ‘ <i>Apóstolo dos Apóstolos</i> ’	31
1. Paulo, o apóstolo e as mulheres	31
2. Significado teológico pertinente da palavra ‘Apóstolo’ relativo às mulheres	34
Capítulo III – O Papel da Mulher Portuguesa Contemporânea	36
A. A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea	36
B. A mulher portuguesa na contemporaneidade	40
C. O novo papel da mulher contemporânea e as implicações na sua performance familiar.....	40
1. A redefinição de papéis.....	40
2. A redefinição no âmbito familiar	41
3. A (nova) proximidade entre pais e filhos.....	42
4. A redefinição no âmbito profissional.....	43
Capítulo IV - Marginalização das mulheres devido a uma Hermenêutica faltosa.....	45
4.1. A marginalização das mulheres nos dois movimentos mais relevantes das últimas décadas	45
4.1.1. O pentecostalismo e a sua hermenêutica com tendências patriarcais.....	46
4.1.2. O pentecostalismo tem sido celebrado como potenciando as mulheres.....	46
4.1.3. A repercussão da teologia Pentecostal propaga a injustiça no que respeita ao papel da mulher	47
4.1.4. Subordinação feminina e domínio masculino	47
4.1.5 A marginalização da mulher devido a interpretações literais e hermenêutica seletiva	48
4.2. O conservadorismo Baptista	50
4.2.1. Autoridade Religiosa e Desigualdade de Género	51
Capítulo V – Para além do Impasse - Mulheres no ministério (O Caso da II Igreja Batista do Barreiro e da Igreja O Renovo).....	56
5.1. As duas posições opostas da questão de liderança das mulheres	56

5.1.1 A II Igreja Batista do Barreiro e a ‘ <i>Posição Complementarista</i> ’	56
1. Breve análise histórica da II Igreja Batista do Barreiro	58
2. Conclusão da investigação feita à II Igreja Batista do Barreiro a respeito da sua posição acerca do papel da mulher na igreja	59
5.1.2 A Igreja O Renovo e a ‘ <i>Posição Igualitarista</i> ’	60
1. Breve análise histórica da Igreja O Renovo	61
2. Conclusão da investigação feita à Igreja O Renovo a respeito da sua posição acerca do papel da mulher na igreja	62
Considerações Finais:	64
Lista de Recursos Consultados:	68

Introdução

Em Portugal fazemos a distinção entre igreja evangélica⁷ e neopentecostal⁸ devido a esta última não ser reconhecida pelos dois órgãos principais, a Aliança Evangélica Portuguesa, que é a entidade representativa das mesmas, e Conselho Português de Igrejas Cristãs que tem como reconhecidas as Igrejas protestantes históricas (presbiterianos, metodistas) e ortodoxas do rito grego (Brissos-Lino, 2023:1); (Faria, 2017:1).

Iremos, maiormente focarmo-nos no papel da mulher dentro das igrejas neopentecostais. A razão fundamental é que, neste movimento de igrejas, a mulher tem tido uma ampla participação no âmbito das suas congregações. Ainda que exista uma notável presença masculina, é possível, mesmo assim, perceber um protagonismo feminino incipiente em termos de decisão, direção e influência (Gabatz, 2016:95). É interessante observar que a inserção das mulheres decorre da possibilidade de criar espaços alternativos para a discussão dos problemas familiares e femininos, ajudando na recuperação da autoestima, entabulando redes de cooperação e proximidade que possibilitem, entre outras situações, a entrada no mercado de trabalho (Machado; Mariz, 1997:1-15).

Além disso, estas Igrejas tratam das aflições humanas, e tais assuntos, na maioria das vezes, se encontram no âmbito da vida doméstica. Em função disso, cria-se uma situação onde a mulher pode exercer um importante papel enquanto mediadora na relação com o sagrado dentro da família. (Birmann, 1996:201-226).

É comum se encontrar mulheres na direção de escolas bíblicas dominicais e na organização de grupos de oração, louvor, visitação a enfermos, enlutados (Miranda, 2009:25-34), papéis estes comumente atribuídos às mulheres, sob a orientação de uma liderança masculina que dirige a congregação.

Entre as maiores limitações impostas às mulheres neopentecostais, encontra-se o exercício do pastorado, pois este traz consigo a exigência de maior autoridade eclesiástica e, consequentemente, suscita discussões entre líderes das denominações (Santos, 2002:20-35). Mesmo que em algumas igrejas exista a possibilidade do pastorado feminino, ainda assim, surgem insatisfações por que as mesmas se encontram submissas a uma hierarquia pautada na figura masculina.

⁷Igreja evangélica - herdeira da Reforma Protestante que tem as Escrituras como única regra de fé. 'Evangelicalismo' lida com as doutrinas, exercícios e história de uma classe de protestantes que surgiram de forma distinta no início do período moderno, durou três séculos e se espalhou pelos cinco continentes. Os evangélicos, portanto, têm se preocupado centralmente com o que significa descobrir um relacionamento pessoalmente significativo com Cristo por meio da conversão. A Bíblia tem sido central nas suas vidas, não apenas como uma crença e prática da autoridade Suprema, mas também como objeto das suas afeições e instrumento da sua devoção. A cruz de Cristo teve um lugar exaltado na adoração evangélica, central para a pregação de um Cristo que sofreu e morreu "por mim" como meio de conversão e fonte de gratidão. Finalmente, a certeza dos pecados perdoados produziu confiança e energia para a missão cristã que impulsionou os evangélicos aos confins e cantos mais escuros do mundo a serviço de Cristo. <https://www.christianitytoday.com/ct/2018/march-web-only/what-is-evangelicalism.html>.

⁸ Neopentecostalismo - é uma forma contemporânea de cristianismo evangélico, surgido maiormente, de dissidentes pentecostais, que trazem uma mistura sincrética de fundamentalismo e de outras religiões, sobretudo das religiões afro-americanas. Têm como crença fundamental a necessidade de eliminar a presença e ação do demónio no mundo, tende a classificar outras denominações religiosas como pouco engajadas nessa batalha, ou mesmo como espaços repletos de ação de demónios, que se 'disfarçam' de divindades cultuadas. nesses sistemas. São seguidores e propagadores da teologia da prosperidade, do uso da mídia para o trabalho de proselitismo em massa e propaganda religiosa (levando ao nome de 'igrejas eletrônicas') e a centralidade da teologia da batalha espiritual contra outras denominações religiosas.

Dentro das denominações clássicas que vedam o pastorado às mulheres, estes tornaram-se um campo propício para o surgimento de transformações significativas, que refletem um modo alternativo de viver a fé. O neopentecostalismo tem mostrado inúmeros exemplos de mulheres autoproclamadas pastoras e bispas que rompem com as demandas anteriores e celebram em igrejas e espaços adaptados a novas possibilidades cotidianas.

Celso Gabatz no seu trabalho ‘As mulheres nas igrejas neopentecostais: a busca pelo protagonismo em meio a tradições hegemônicas’ (Gabatz, 2016:96), cita o historiador inglês Peter Burke (História e teoria social, 2002), afirmando que, para este último, a ideia de que a masculinidade e a feminilidade são construídas socialmente passou a ser considerada uma questão bastante óbvia. Por este motivo, as discussões acerca de gênero buscavam referir o modo como estas características sexuais eram compreendidas e representadas, ou então como eram trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico.

Os papéis reservados para cada sexo são construções sociais que envolvem aspetos de dominação subjetiva, que podem ser vislumbrados na chamada “vocação” feminina, onde as mulheres estariam predispostas a aceitar a sua submissão como sendo um fator natural, inquestionável e imposto sobre os seus corpos e a sua existência. Tal perspectiva reflete-se na identidade feminina em nome do “amor” à família e, em função de seu papel de supridora e promotora do equilíbrio emocional da vida dos homens e de todos os membros da família, obrigações estas reforçadas, principalmente, pela religião (Bourdieu, 2012:55-70).

Na história do cristianismo, os eventos ligados a figuras masculinas são considerados mais relevantes, e a própria figura de Deus é pensada como masculina. A construção dos símbolos religiosos cristãos seria prioritariamente masculina e a obediência se daria em torno de figuras masculinas: pais, padres, bispos.

A religião encerra em si mesma um alto índice de contradição. Levando em conta que a mensagem das religiões, em geral, e de modo particular do cristianismo, é garantir a vivência humana a partir dos valores fundamentais de toda existência. Parece contraditório que esses mesmos valores tenham podido gerar formas de cumplicidade com a violência social. (Gebara, 2000:156).

De acordo com Gebara, existe uma visão pessimista do ser humano, incapaz de amar e de ser feliz. Restaria, portanto, obedecer. Obedecer assim como Jesus o fez em relação à vontade de Deus, até a sua morte. É baseada na imitação desse sacrifício que se justificaria a obediência feminina. Riane Eisler pondera acerca de passagens bíblicas do Antigo Testamento que reforçam os argumentos apresentados por Gebara:

Conforme se lê no Antigo Testamento, as leis criadas por essa casta masculina dominante definiam as mulheres como propriedade privada dos homens e não como seres humanos livres e independentes. Primeiro pertenciam a seu pai. Depois, pertenciam a seus maridos ou senhores, como também os filhos que gerassem. (Eisler, 2007:151).

Na opinião de Machado (2005:387-396) a ética neopentecostal, incentiva valores ligados a uma perspectiva de subjetividade, considerada feminina pela cultura contemporânea. Valores como

docilidade, tolerância, dedicação à família, cuidado e carinho com os filhos, são aspetos considerados inerentes ao feminino.

Moreira (2006:233-242) afirma que o neopentecostalismo tem como uma das suas principais características o rompimento com o sectarismo e o ascetismo puritano do protestantismo histórico tradicional. Se por um lado, as igrejas neopentecostais querem fugir das coisas do mundo, através da crítica ao álcool, ao fumo, aos bares, por outro lado, há fortes mudanças. Como o autor salienta, a esfera do lazer e do sexo continua a ser vigiada, mas já não são interpretados com a carga negativa que existia antes. O sexo é entendido como algo prazeroso, e do que, dentro do casamento, deve ser feito pelo prazer, e não só para a procriação. As roupas são bem mais liberais que em outras épocas, sendo permitido, por exemplo, o uso de biquínis nas praias, até mesmo com a intenção de salientar as curvas do corpo feminino.

O neopentecostalismo surge num período onde as fronteiras entre o sagrado e o profano se tornaram cada vez mais ténues. Tem havido um esforço para adaptar a mensagem bíblica para as novas gerações. E isto tem sido feito, frequentemente, através de uma sacralização do profano.

A autonomia leiga e a concorrência institucional parecem conduzir as igrejas cristãs a uma orientação rumo às marcas da cultura contemporânea de rejeição de tradicionalismo, adoção de antigos processos mágico-religiosos e inserção na lógica de mercado e na cultura dos média. (Mendonça, 2008:225).

Para Toledo-Francisco (2002), há um processo acentuado nas igrejas neopentecostais de adequação da visão institucional às representações e experiências dos fiéis, no que diz respeito a questões como sexualidade, divórcio, representações de género ou papéis sociais na família. Assim, ao mesmo tempo em que os fiéis se enquadram numa normatização moral religiosa, também causam transformações na posição da própria igreja, readaptando valores do restante da sociedade que anteriormente não eram aceites pelas igrejas.

O processo de socialização numa igreja é sempre realizado de forma ativa, de modo que o fiel não recebe a doutrina sem reflexões e adaptações. É o que se pode chamar de hibridização, uma espécie de apropriação seletiva da cultura do outro no qual as instituições neopentecostais em constante formação terminam por influenciar este processo de construção (Tomita, 2006:147-166).

As denominações neopentecostais, conseguem reunir um considerável grupo de seguidoras em torno do ‘carisma’ das mulheres autoproclamadas bispas e pastoras que, mostram que é possível uma nova configuração da identidade feminina, de acordo com parâmetros mais liberais e, coadunados com as necessidades imediatas das mulheres nas famílias, na igreja e na sociedade em geral. (Gabatz, 2017).

A pesquisadora Fabíola Rohden, na sua dissertação ‘*Catolicismo e Protestantismo: O Feminismo como uma Questão Emergente*’ (1997:83) destaca que a “crescente presença das mulheres participando das comunidades leva a que seja ‘permitido’ o acesso de algumas a determinadas posições”.

Weber (1994), por sua vez, argumenta que a participação e o envolvimento religioso das mulheres enquanto dotadas de carismas não significa a sua igualdade. Quando as relações são parte do

cotidiano e, portanto, regulamentadas pelas instituições, esses carismas femininos são tidos, por vezes, contrários à ordem eclesiástica.

Michelle Perrot na obra *‘Minha História Das Mulheres’* afirma que, a mulher não deveria ser vista apenas como um objeto de trabalho ou de sexualidade, pois isso reduziria a figura feminina apenas à condição de serviçal no âmbito masculino (Perrot, 2006:249-251). Embora a realidade histórica aponte para a falta de uma autonomia sociocultural, nos últimos anos do século XX, essa visão foi sendo mudada. A autora explica que a mulher, na sociedade do terceiro milênio, tem sido mais procurada para que assuma seu papel de destaque nas relações sociais. Isso implica também numa inserção maior em espaços religiosos. As estratégias de mobilidade e consolidação de um maior protagonismo das mulheres nos espaços das igrejas neopentecostais acontecem mediante a incorporação de novas habilidades, antes atribuídas somente aos homens. Mesmo em ambientes restritivos em termos de organização sacerdotal e obrigações hierárquicas, surgem novos horizontes de mobilidade social baseados na capacidade pessoal de inovação e empreendimento (Sauzana, 2001:79-96).

É importante compreender que a rejeição à emancipação das mulheres também é acentuada por um engessamento e uma precária formação teológica. As matrizes da socialização imaginária sobre o papel da mulher perante o marido coincidem com determinadas matrizes cristãs que enfatizam o papel da submissão. Citado por dos Santos Martins, M. G. e de Castro Guedes, M. (2020), no seu artigo *‘Feminismo e religião: uma análise das feministas evangélicas na rede social na rede social’* referindo Nunes em *‘O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões’* (2017:65-76). Por isso, outra forma de se enquadrar esse aspecto de poder sobre as mulheres se dá pelo fato de que elas praticamente não possuem um discurso próprio. Assim, há uma continuidade hermenêutica. Algo que caracteriza e amplia a dominação masculina, patriarcal (Lerner, 1986:6-30). O papel social representado pelas mulheres, nesse ambiente híbrido de mercadorias e fiéis, pode ser endossado como mais um atrativo a ser oferecido (Mafra, 1998:4-15).

O neopentecostalismo tende a elaborar a similaridade de comportamentos e cerimônias religiosas de acordo com as exigências socioculturais da sociedade moderna, com o objetivo de inserir-se no contexto social. Há uma preocupação por não se manter à margem do sistema e, por isso, cabe renunciar a certos atributos religiosos e adotar padrões seculares, promovendo, desse modo, a “mundanização” da experiência espiritual (Mariano, 1999).

Celso Gabatz referindo Tavares (expõe que, “a proporção de superação do imaginário da subordinação natural das mulheres e da dominação masculina implica muito mais do que transformações aparentes” (Gabatz, 2016:100),

O neopentecostalismo oferece a possibilidade às mulheres de uma reelaboração das suas identidades. Ao acompanharem as tendências que modificam o papel da mulher na sociedade, as obreiras, as pastoras ou as bispas, têm-se transformado não só em líderes religiosas, mas também em chefes de família e atores de destaque nas comunidades em que vivem e exercem os seus papéis ministeriais religiosos.

As denominações neopentecostais parecem mover-se num esforço estratégico para suscitar ruturas em relação a uma rigidez dos usos e costumes além de uma nova percepção em relação a temas polémicos como, por exemplo, planeamento familiar, sexo, aborto, mercado de trabalho. O universo religioso neopentecostal é marcado por adesões e novos significados. Mostra-se como um campo bastante privilegiado para compreender e pensar as construções de género dentro de uma perspetiva religiosa que envolve uma grande pluralidade nos processos de individualização e protagonismo ensejado por homens e mulheres (Gabatz, 2018: 194).

“Onde estão as mulheres?” Quando esta pergunta foi feita por Cynthia Enloe⁹ em 1989 (Cynthia, 2000:252,253), ela estava a pensar no mundo da política internacional. Mas esta questão tem sido uma força motriz para que vários historiadores tenham estado em busca de ultrapassar narrativas que predominam com a expressão ‘grandes homens’ que tendem a dominar a nossa compreensão do passado e que se tem projetado até à era pós-moderna

A mulher era um ser destinado à procriação, ao lar, para agradar o outro. Durante o desenvolvimento das sociedades, a história regista a discriminação homem-mulher, principalmente em relação à educação. Ao atribuir aos homens a condição de donos do saber e às mulheres o papel feminino, subordinado ideologicamente ao poder masculino, a história vem salientar as desigualdades. As conceções divulgadas no século XVII reforçaram a imagem da mulher como um ser sem vontade própria. Rousseau (Gaspari, 2003:29) detinha um discurso de que a educação feminina deveria ser restrita ao doméstico, pois, segundo ele, elas não deveriam ir em busca do saber, considerado contrário à sua natureza. Essa sociedade que lutava tanto por liberdade, passou a exigir que as mulheres fizessem parte dela, mas como mães, guardiãs dos costumes, e como seres dispostos a servir o homem.

Para que a verdadeira igualdade seja uma realidade para as mulheres, é fundamental a partilha do poder com os homens’ (Wall; *et al*, 2016:1).

⁹ Cynthia Holden Enloe, nascida a 16 de julho de 1938, é uma escritora, teórica e professora feminista. É mais conhecida pelo seu trabalho sobre género e militarismo. (“Enloe, Cynthia H., 1938- . Papers, 1977-1984: A Finding Aid”. Biblioteca da Universidade de Harvard - Sistema de Informação de Pesquisa de Arquivo Online (OASIS). Arquivado do original a 3 de abril de 2017. Consultado a 3 de junho de 2020) (Ferguson Kathy E (2001). “Reading Militarism and Gender with Cynthia Enloe”. *Theory & Event*. 5 (4). doi:10.1353/tae.2001.0037.)

Motivação

A motivação para se abordar o tema desta dissertação, prendem-se com a constatação de existir uma tradição religiosa em Portugal que tem ofuscado e limitado o papel da mulher.

A formação cultural, norma social, económica e política tem sido afetadas pelo papel vital que a religião desempenha. Ao longo da história das religiões o papel da mulher tem-se mostrado essencial e primordial. No entanto, o relacionamento entre a religião e igualdade de género é complexa. “Ao longo da história, as mulheres tiveram os seus direitos humanos básicos negados, por meio de restrições impostas pela religião ou exploração e manipulação economicamente projetadas da sua posição na família e na sociedade” (Sachedina, 2003:10).

É muito o que Lopa Banerjee, chefe da Seção da Sociedade Civil, ONU Mulheres é perentória em afirmar,

Organizações, instituições e comunidades baseadas na fé têm um papel fundamental a desempenhar em interrogar, desafiar e propor estruturas de poder alternativas para que possamos trabalhar em raça, classe e género para não deixar ninguém para trás (Banerjee, 2016:2).

Não podemos negar o choque e a violação dos direitos humanos a coberto da religião. A despeito de muitos se intitularem respeitadores dos direitos da mulher, a prática diária religiosa mostra exatamente o oposto na esmagadora maioria das religiões.

Nunca poderemos mudar a maneira como as mulheres eram percebidas e até tratadas bem como a maneira como viveram no passado, mas uma coisa será fundamental, podemos e devemos modificar o modo como elas vivem no presente e perspetivam o futuro.

O direito à vida, à autonomia e o respeito igual são três dos componentes mais básicos do conceito teológico da dignidade humana. Sem vida, nenhuma pessoa pode possuir dignidade ou exercer direitos. Esses três componentes, refletidos numa infinidade de maneiras nas escrituras e tradições religiosas, são realmente a base dos direitos humanos tal como os entendemos hoje, (Khanna, 2016:14).

Outro dos elementos motivacionais desta dissertação é o facto de ser necessário uma continuação de trabalho académico que investigue e contribua para a formação na área da igualdade e direito da mulher no que concerne ao exercício ministerial e sacerdotal de modo a que a nova geração tenha não só um papel equilibrado, mas também se aperceba do fundamental que é. Muito mais trabalho terá que ser efetuado a nível educacional perante este desafio.

Que esta dissertação contribua para o despertar da mulher evangélica portuguesa de modo a que ela seja catapultada de modo a exercer o seu papel numa forma mais inclusiva.

Capítulo I - Jesus e as Mulheres

Nos últimos anos, mais do que um/a autor/a descreveu Jesus como um campeão das mulheres¹⁰. Mas Jesus ao ser observado nos quatro Evangelhos não foi um revolucionário que contendesse vocalmente pelos direitos das mulheres. Como é que Ele o fez?

Quando avaliamos a evidência temos que ter em conta e verificar cuidadosamente o ambiente judaico no qual Jesus vivia, ensinava e operava. No judaísmo dos dias de Jesus as mulheres não eram consideradas iguais aos homens. Nos escritos rabínicos, mais do que uma vez é registada uma oração¹¹ que ainda hoje é encontrada, com certas modificações no Livro de Orações Diárias. A transcrição seguinte, é a sua forma presente:

*Bendito és Tu, Ó Senhor nosso Deus, Rei do universo,
que não me fizeste um pagão.*

*Bendito és Tu, Ó Senhor nosso Deus, Rei do universo,
que não me fizeste um escravo.*

*Bendito és Tu, Ó Senhor nosso Deus, Rei, do universo,
que não me fizeste uma mulher.*¹²

Embora as comunidades ortodoxas e mais tradicionais preservem a forma original existem mulheres que substituem a última frase do seguinte modo:

*Bendito és Tu, Ó Senhor nosso Deus, Rei do universo,
que me fizeste de acordo com a Tua vontade.*

O documento judaico Pirkê Aboth, ou ‘*Ditos dos Pais*’ (uma coleção de máximas éticas e religiosas de professores judeus que viveram entre o século III a.C. e o século III d.C.), regista que: “José ben Johanan de Jerusalém disse: ‘... falar pouco com uma mulher’”. Disse-o no caso da própria mulher, muito mais no caso da mulher do seu companheiro. Daí o Sábio ter dito: “Todos os que falam muito com uma mulher causam mal a si mesmos, e desistem das palavras da Torá, e o seu fim é que herdaram o Gehinnom”¹³ (Travers; Tepfer, 1987:24).

Quando uma mulher aparece nas numerosas parábolas rabínicas, o que é raro, é mais frequentemente apresentada em má luz, a não ser que seja uma pessoa conhecida, como a filha de um rei¹⁴ (Leipoldt, 1921:25).

É significativo, portanto, que Jesus muitas vezes falasse das mulheres no Seu ministério pedagógico. E nos Seus ditados e ensinamentos parabólicos desenhou ilustrações da vida e dos problemas das mulheres que indicam claramente a Sua compreensão empática acerca delas.

Embora os evangelhos diferem um pouco na representação de aspetos da vida de Jesus noutras áreas, não há evidência de qualquer diferença de opinião sobre a questão da completa aceitação e apreciação de Jesus Cristo das mulheres em plena igualdade com os homens. Esta atitude de aceitação, de compreensão de que a mulher, bem como o homem, é responsável individualmente perante Deus e, portanto, constitui a essência de ser um agente moral livre, também é totalmente aceite na igreja primitiva. O Novo Testamento mostra claramente uma compreensão de um novo princípio em operação naqueles que aceitaram Jesus Cristo como seu Salvador e caminham à luz do Espírito. Lado a lado com a ideia judaica fundamental de que a sociedade é paternal e patriarcal nas áreas de liderança e domínio corre o novo ideal de igualdade de homens e mulheres em Cristo.

A. Jesus foca experiências femininas

É significativo, tendo em conta a cultura nos Seus dias, que Jesus muitas vezes falasse de mulheres no Seu ministério pedagógico. E nos seus ditados e ensinamentos parabólicos ele desenhou ilustrações da vida e dos problemas das mulheres que indicam claramente a sua compreensão simpática das mulheres.

1. Jesus usa exemplos que têm a ver com mulheres.

Ele comparou o reino de Deus na sua forma de mistério atual com uma mulher a colocar fermento em três medidas de refeição (Mateus 13:33; Lucas 13:20-21). Ele comparou a iniciativa de Deus em buscar os perdidos a uma mulher que procura diligentemente na sua casa por um dracma de prata perdida, que provavelmente fazia parte do seu dote matrimonial (Lucas 15:8-10). Na parábola das dez Virgens, ilustrou o que significa estar pronto para o Segundo Advento (*Mateus 25:1-13*). No seu relato da persistente viúva a implorar justiça a um juiz sem escrúpulos. Aqui Ele realça a necessidade de oração persistente (Lucas 18:1-8).

¹⁰ Como exemplos ver: Halford E. Luccock no *The Interpreter's Bible* 7:795; Arthur John Gossip no *The Interpreter's Bible* 8:529; Harold Cooke Phillips no *The Interpreter's Bible* 6:617; C. G. Montefiore, *Rabbinic Literature and Gospel Teaching*, p. 47.

¹¹ T. Ber 7, 18; J. Ber. 13b, 57 ff.; b. Men. 43b

¹² S. Singer, tr., *The Authorized Daily Prayer Book*, pp. 5-6

¹³ Abot 1.5. R. Trevor Herford, *Pirkê Abot—The Ethics of the Talmud: Sayings of the Fathers*, Edited with Introduction, Translation, and commentary. Disponível em: <https://www.abebooks.com/9780805200232/Pirke-Abot-Ethics-Talmud-Sayings-0805200231/plp>

¹⁴ Johannes Leipoldt, Jesus und die Frauen: Bilder aus der Sittengeschichte der alten Welt'. Disponível em: <https://www.worldcat.org/pt/title/14003351>

Pelo exemplo da mulher de Ló, Jesus também alertou os Seus seguidores contra o apego ao mundo (Lucas 17:32; cf. Gênesis 19:26). Ele Elogiou uma pobre viúva que lançou duas moedas de cobre minúsculas no tesouro: *‘Na verdade, digo-vos, esta pobre viúva investiu mais do que todos aqueles ricos que estão a contribuir para o tesouro. Pois todos eles contribuíram da sua abundância; mas ela da sua pobreza colocou tudo o que tinha, toda a sua vida’* (Marcos 12:43-44, RSV). O enigma uma mulher e de quem seria esposa na ressurreição, pois tinha tido sete maridos, não veio de Jesus, mas dos Saduceus que tentaram fazer a doutrina da ressurreição parecer ridícula.

Mas ao lidar com isso, Jesus revelou verdades profundas sobre a vida que está para vir (Mateus 22:23-33; Marcos 12:18-27; Lucas 20:27-30). Na parábola dos dois filhos, Jesus fez a surpreendente declaração de que os publicanos e as prostitutas entrariam no reino de Deus à frente dos principais sacerdotes e dos anciãos do povo (ver Mateus 21:28-32). *‘Olhando para o dia do julgamento, Jesus declarou: ‘Haverá duas mulheres a moer juntas; uma será tomada e a outra será deixada’* (Mateus 24:41; Lucas 17:35, RSV).

2. Jesus usa exemplos de mulheres do Velho Testamento.

Jesus também tirou uma lição da história da rainha do Sul (isto é, de Seba), que visitou Salomão no tempo do Velho Testamento (Mateus 12:41-42; Lucas 11:31-32). No seu primeiro sermão feito na sinagoga de Nazaré, falou da viúva de Zarefate que ministrava a Elias, como exemplo de uma gentia que abençoou um profeta de Deus (Lucas 4:25-26).

3. O Apóstolo João realça a ilustração de Jesus.

João recorda que Jesus declarou que, pouco tempo depois os Discípulos seriam separados d’Ele, e mais um pouco de tempo e eles iriam vê-lo: *‘Vocês irão ficar tristes, mas a vossa tristeza se transformará em alegria. Quando uma mulher está em trabalho de parto ela tem tristeza, porque a sua hora chegou; mas quando lhe é entregue a criança já não se lembra da angústia, pela alegria de que uma criança nasceu no mundo’* (João 16:20-22).

Claramente, as mulheres tinham um lugar de destaque no ensino de Jesus, bem como ao Seu serviço. É de notar que o Evangelho de Lucas, mais do que qualquer um dos outros, enfatiza o ensino de Jesus sobre, e acerca da relação com as mulheres. Às vezes tem sido designado como o Evangelho da feminilidade. Ao todo, cerca de 13 mulheres que não são mencionadas nos outros Evangelhos são mencionadas em Lucas.

B. Jesus e as mulheres na morte e na ressurreição

1. Jesus na Cruz, no Túmulo e as mulheres.

1.1 Mulheres na cruz.

No Evangelho de João 19:25-27 há quatro mulheres que são mencionadas, estando junto à cruz, onde Jesus estava crucificado:

Maria, a mãe de Jesus; a irmã de Sua mãe – a tradição mantém como sendo Salomé, mãe de Tiago e João, os filhos de Zebedeu; Maria, a esposa de Clopas. Sendo esta a única vez que ela ou Clopas são mencionados; e Maria Madalena.

As mulheres correram o risco de estar presentes na cruz. Foi preciso coragem para elas ficarem ali, no meio do ódio e do ridículo. A sua presença destinava-se a encorajar Jesus. A mãe de Jesus, Maria, está a experimentar o que Simeão tinha previsto anos antes em Lucas 2:34,35 que diz, *‘E Simeão os abençoou, e disse a Maria, sua mãe: Eis que este é posto para queda e elevação de muitos em Israel, e para sinal que é contraditado. (E uma espada traspassará também a tua própria alma); para que se manifestem os pensamentos de muitos corações.’* Enquanto estava ali, a sua dor deve ter sido quase inacreditável. Como sobreviveu, vendo o filho morrer diante dos olhos? Às vezes, os nossos corações partem-se quando os nossos filhos sofrem ou sentem dor. Como Maria, como podemos demonstrar preocupação com os nossos filhos?

1.2 Mulheres no túmulo.

No Evangelho de Marcos 15:47 ou Lucas 23:55-56 há duas mulheres que são mencionadas. Uma é Maria Madalena outra é Maria, a mãe de Joses ou José. Elas vieram ver onde Jesus tinha sido colocado. Isso era importante, pois o corpo tinha de ser preparado com especiarias para o enterro. As mulheres estavam a ‘observar’ ou a ‘assistir’, primeiro na cruz e depois no túmulo.

No túmulo vazio segundo Marcos 16:1 ou Lucas 24:10 as mulheres mencionadas são três. Maria Madalena; Maria, mãe de Tiago; Salomé, mãe dos discípulos, Tiago e João. João era conhecido como o Amado e escreveu o Evangelho de João, as cartas 1, 2 e 3 João, e Apocalipse. A tradição diz que Salomé era irmã de Maria e, portanto, seria tia de Jesus.

Estas mulheres foram as últimas na cruz e as primeiras no túmulo. Quais seriam as emoções destas mulheres enquanto contemplavam o túmulo vazio? Vieram ao túmulo à espera de ver Jesus vivo? Mesmo em tempos de angústia, ao contrário dos discípulos, não se esconderam nem se trancaram por detrás de uma porta!

2. Mulheres na Ressurreição.

O relato das mulheres na Ressurreição, encontram-se nos quatro evangelhos canônicos, Mateus 28, Marcos 16, Lucas 24 e João 20. Isto é bastante significativo no que respeita à evidência e testemunho dos envolvidos. Cada livro tem o seu próprio ponto de vista e detalhes para a história, mas os elementos básicos permanecem constantes. Depois da Sua ressurreição dos mortos, Jesus escolheu aparecer primeiro às Suas seguidoras, apesar da sua falta de credibilidade nesse tempo e lugar.

O registo em Lucas 24:9-11 menciona 4 mulheres por nome e, '*outras mulheres devotas*'. As mulheres mencionadas são, Maria Madalena; Susana; Joanna, que foi uma seguidora de Jesus (Lucas 8:1-3), que ajudou e apoiou Jesus por seus próprios meios. Ela tinha experimentado a cura das mãos de Jesus. Era casada com Cuza, o gerente da casa de Herodes. Maria, a mãe de Tiago também esteve presente. Estas mulheres partilharam a boa nova da ressurreição.

2.1. História socialmente relevante.

Nesses dias, as mulheres não eram consideradas testemunhas de confiança bem como o testemunho das mulheres não era considerado prova aceitável em tribunal. Wordelman afirma sucintamente que a sociedade via “as mulheres como seres mental e fisicamente inferiores, irracionais e supersticiosas”, esta era uma visão que “apoiava a norma do poder político masculino e da autoridade” (Wordelman, 1998:482).

Não era lógico escolher uma testemunha feminina para espalhar a notícia da ressurreição de um indivíduo que era considerado rabi, dada a audiência cética e misógina da Roma Antiga. As Escrituras mostram que, mesmo os seguidores devotos de Jesus não acreditaram nas testemunhas femininas da ressurreição (Lucas 24:11, Marcos 16:11).

As narrativas da ressurreição retratam as mulheres apresentadas como “modelos de verdadeiro discipulado” (King, 1994:619). As mulheres que serviram Jesus Cristo foram leais; não O abandonaram na Sua hora de necessidade, foram mais além para Lhe dar um enterro adequado, e cuidaram das Suas necessidades após a Sua morte. As mulheres mostraram uma fé e determinação incríveis em partilhar a notícia da ressurreição de Jesus, apesar

de, como mulheres, os discípulos duvidosos não acreditarem nelas (Paetzhold, 2016:147).

2.2 Mulheres participaram do Pentecostes como os homens.

“As mulheres e os homens estiveram na primeira celebração cristã do Pentecostes e não surpreendeu ninguém naquele círculo inicial que o Espírito Santo tivesse vindo com igual poder sobre ambos” (Culver, 1967:52)¹⁵.

Os seguidores imediatos de Jesus tinham sido preparados para esta significativa rutura que os levou para além das restrições do judaísmo rabínico por três anos de estreita associação com o Mestre e de observação da Sua vida. Eles foram testemunhas do facto de que o ministério de Jesus corta tudo o que já se havia passado anteriormente. Em nenhuma área isto é mais evidente do que enquanto estudamos a história das mulheres na religião. Certamente, os velhos tabus e argumentos que se desenvolveram a partir de uma longa história de preconceitos rabínicos neste domínio não tinham lugar no seu pensamento. As mulheres eram pessoas, amigas a serem visitadas, conhecidas com quem se podia discutir teologia, e mães que queriam que os seus filhos fossem curados (Culver, 1967:53).

Muitos dos milagres de Jesus Cristo foram realizados a pedido de alguma mulher. Muitas vezes, as conversas mais profundas de Jesus não foram com os doutores cultos da religião, mas com mulheres. Um exemplo disto é o interagir de Jesus com uma mulher a tirar água de um poço ou com as duas mulheres hospitaleiras, Maria e Marta, que viviam com o irmão em Betânia.

Da atitude de Jesus em relação às mulheres, como evidenciado pelo Seu ministério para com as mulheres que rodearam a Sua vida, pode-se chegar a algumas conclusões bem fundamentadas.

C. Jesus não considera uma diferenciação entre homens e mulheres.

1. Jesus chamou homens e mulheres para testemunharem.

Primeiro, Jesus chamou homens e mulheres para testemunharem o facto de que Ele é Senhor e Salvador, tanto em público como em privado. A história da mulher que foi curada como resultado de tocar a orla da roupa de Jesus ilustra este facto. Está gravado em Mateus 5:21-34.

O cenário entra em verdadeiro foco quando nos lembramos que Jesus tinha acabado de receber um pedido de um proeminente líder judeu. Foi-lhe pedido que curasse a filha de um dignitário. Jesus Cristo, no entanto, interrompeu a Sua missão de importância aparentemente crucial para um homem, a fim de ajudar uma mulher.

Quando a mulher foi curada através da fé, Jesus parou toda a multidão para que ela pudesse fazer uma confissão pública da sua fé viva. Ele fez com que ela não pudesse deixar a Sua presença sem tal testemunha. Sem dúvida que a mulher fiel teria elogiado Deus para o resto da sua vida de uma forma privada, mas Jesus não estava satisfeito com um ministério tão escondido, mesmo de uma mulher restrita pelos regulamentos do seu mundo.

Parece lógico, ao olhar para a história, concluir que Jesus estava a estabelecer um princípio. Homens e mulheres devem igualmente testemunhar a fé que lhes foi dada através da graça de Deus. Deus inclui alguns dos Seus filhos para testemunhar de forma pública, independentemente do sexo ou da posição social.

2. Jesus Cristo pretende que as mulheres tenham uma ligação espiritual como os homens. A segunda conclusão a que podemos chegar é que, no momento em que se estuda a relação de Jesus Cristo com as mulheres é que Ele estava ansioso que as mulheres gozassem de uma ligação espiritual muito próxima com Ele assim como acontecia com Ele e os homens. Lucas 8:1-3 revela que as mulheres, bem como os homens viajaram na companhia de Jesus. Alguns deles contribuíram para o apoio financeiro do grupo, e todos eles tinham a intenção de aprender e ouvir. Não há razão para pensar que as mulheres não foram incluídas nas setenta pessoas que Jesus enviou antes das Suas viagens para anunciar a Sua vinda nas cidades que Ele iria visitar. Por que não haveriam de haver equipas de marido e mulher neste trabalho? Será que a regra estabelecida pela qual os apóstolos casados viajavam com as suas esposas nas suas viagens missionárias posteriores teve o seu início na missão dos setenta? Nenhuma negligência das crianças teria resultado mesmo que os casais envolvidos neste trabalho fossem muito jovens. As estruturas familiares diferiam das nossas, naqueles dias, e havia sempre dezenas de parentes adultos perto para ajudar. As crianças com idade suficiente para viajar podem até ter acompanhado os pais. O seu amor por Jesus Cristo e o desejo de estar na Sua presença é especialmente notado em todos os evangelhos.

O facto é que, Jesus tinha um número de mulheres entre os Seus seguidores permanentes. Isto definitivamente não estava de acordo com os costumes estabelecidos pelos professores rabínicos da lei.

A alta consideração de Jesus pelas mulheres é vista em como Ele reconheceu sua igualdade intrínseca com os homens, em como Ele ministrou às mulheres e na dignidade que concedeu às mulheres durante seu ministério (Borland, 1991:2).

Significativo também é o facto de que, estas mulheres, terem sido mencionadas pelo seu nome. O pequeno grupo de mulheres incluía Maria Madalena, Joana esposa de Cuza, Susana, Salomé, Maria mãe de Tiago e José, a mãe dos filhos de Zebedeu, Maria a esposa de Clopas, e Maria Sua própria mãe. Um olhar para a lista mostra que várias das mulheres eram parentes de discípulos. O facto parece apoiar que, as testemunhas tenham sido feitas em grupos familiares em muito mais tempo do que pensamos. Note-se também que, estas e outras mulheres da Galileia, não só seguiram Cristo e ministraram-lhe, como foram fiéis a Ele “até à morte”. Os homens fugiram com o horror das cenas finais da crucificação de Jesus, mas as mulheres da Galileia ficaram com o Seu Salvador até ao fim.

3. Jesus falou com mulheres sobre assuntos e questões da teologia.

O terceiro ponto que os evangelhos afirmam é que, Jesus Cristo falou com as mulheres sobre assuntos e questões da teologia. Isto é especialmente notável, uma vez que se sabe que, de acordo com a tradição rabínica, as mulheres não eram consideradas dignas o suficiente para aprofundar questões religiosas. A Bíblia regista claramente que, os discípulos de Jesus Cristo observaram o Seu hábito de falar com mulheres, mesmo mulheres estranhas de outras raças e classes sobre o reino de Deus o que tornava toda a questão muito intrigante. Na solidão da casa de Maria e Marta Jesus sentiu-se livre para descrever as partes mais simples e profundas da sua missão messiânica. Á Maria, declarou que tinha poder sobre a morte. Aos sacerdotes e governantes no templo foi forçado a debater por causa da sua incredulidade ao mascararem estas verdades em linguagem simbólica. O evangelho de João grava a Sua conversa ainda mais interessante e longa com a mulher no poço. Jesus iniciou claramente a conversa. Mais uma vez, a Bíblia também mostra que os discípulos foram fundados na sua prática de se dirigirem às mulheres e falarem com elas de coisas espirituais. Jesus Cristo, no entanto, não parou aqui. Não só revelou a Sua Divindade à mulher do poço, como a mandou de volta para a cidade numa missão pública de evangelismo.

4. Jesus pretende que a comunidade da igreja tenha uma outra visão como testemunha.

Um quarto princípio que pode ser deduzido da comunhão de Jesus com as mulheres é que Ele pretende que a comunidade da igreja leve a sério o ministério e a dedicação dos seus membros, mulheres, e as apoie na sua chamada e missão como testemunhas da ressurreição.

Todos os quatro evangelhos deixam claro que, as mulheres foram as primeiras testemunhas da ressurreição. A quantas longas horas de luto os discípulos teriam sido poupados se tivessem aprendido esta lição, da igual chamada de Cristo para ministrar dentro da igreja, se tivessem acreditado nas vozes das mulheres de imediato. Em face da tradição, as mulheres foram enviadas pelos anjos e mais tarde pelo próprio Jesus para contar a boa nova do Seu triunfo sobre a morte. O mundo judeu na época não considerava o testemunho de uma mulher como de qualquer valor num julgamento, no entanto, Jesus confiou nas mulheres para levarem a mensagem que seria a pedra angular do gozo na nova fé. Swidler comentou esta mesma ideia quando afirma o significado da revelação de Cristo às mulheres à luz da sua posição social naquele tempo.

No seu particular papel masculino, característico da sua cultura, os onze discípulos recusaram-se a acreditar nas mulheres, uma vez que, de acordo com a lei judaica, as mulheres não podiam testemunhar legalmente. E Jesus, estaria totalmente ciente desta posição com as suas implicações severas. Podemos dizer que, a primeira aparição de Jesus bem como a Sua comissão poderão ter sido feitas deliberadamente. Embora as mulheres com seu estatuto de segunda classe tivessem que se remeter a um papel correspondente, Jesus trouxe-as para a cena principal incumbindo-as de tão notória tarefa.

Capítulo II – O Status das Mulheres na Igreja Primitiva

O status das mulheres no início do cristianismo tem sido bastante debatido nas últimas décadas. Não há dúvida que este debate tem sido motivado pelo interesse no movimento das mulheres nos países ocidentais nos dias presentes. Aachamos que a evidência é um pouco mista. Certamente, há evidências no próprio Novo Testamento de mulheres a fazerem muitas coisas, que à prior caberiam somente ao papel dos homens, no início do cristianismo.

Nas cartas de Paulo, ele cumprimenta as mulheres e chama-as de colegas de trabalho. Refere-se uma tarefa importante na igreja, dada a mulheres, com uma palavra em grego antigo ‘*διάκονος*’, ‘ministro’, ‘servo’, ‘ajudante’ ‘o que serve às mesas’, na forma feminina, que traduziríamos como “diaconisa”.

- a) A primeira é Febe, *‘Recomendo-vos a nossa irmã Febe, que é diaconisa na igreja de Cencreia. Para que a recebais no Senhor, como convém aos santos, e a ajudeis em qualquer coisa que de vós necessitar; porque tem sido protetora de muitos, de mim inclusive’*. (Romanos 16:1-2). A ela, Paulo confiou a carta que deveria ser levada a Roma; uma grande responsabilidade. Paulo a elogia de três maneiras diferentes, como uma irmã em Cristo, como uma diaconisa e como ajudadora de muitos, incluindo ele próprio.
- b) Da segunda vez é a referência da qualificação dessa função em I Timóteo, que diz o seguinte: *‘Semelhantemente, quanto a diaconos, é necessário que sejam respeitáveis, de uma só palavra, não inclinados a muito vinho, não cobiçosos de sordida ganância, conservando o mistério da fé com a consciência limpa. Também sejam estes primeiramente experimentados; e se, se mostrarem irrepreensíveis, exerçam o diaconato. Da mesma sorte, quanto a mulheres, é necessário que elas sejam respeitáveis, não maldizentes, temperantes e fiéis em tudo’* (I Timóteo 3:8-11).

Provas mais concretas sobre a presença de diaconisas na Igreja primitiva encontram-se em documentos do segundo e terceiro século onde diaconisas aparecem a servir na área do discipulado, visitas, a ajudar com o batismo, entre outras tarefas. Há duas diaconisas que são mencionadas como mártires cristãs no princípio do segundo século pelo governador de Bitúnia, Plínio, o jovem.

Paulo até chama uma das mulheres de apóstolo, *‘Saudai a Andrónico e a Júnio, meus compatriotas e companheiros em prisão, os quais se assinalam entre os apóstolos, e que também estavam em Cristo antes de mim.’* Romanos 16:7. O que exatamente esses termos significavam é um pouco difícil de dizer, dada a distância no tempo, mas há muitas evidências da atividade das mulheres. Aachamos, portanto, que parte da atividade no período inicial, que é o período do Novo Testamento, talvez esteja relacionada ao papel das mulheres nas igrejas domésticas. No que respeita a Júnio, no grego ‘*ἰουνία*’ (Iounia), diferentes fontes tomam pareceres diferentes e umas colocam-na como mulher outras como homem. Mas, se olharmos para a palavra estritamente como sendo masculina

ou feminina, a indicação é que é feminina¹⁶. Mas parece que a maioria das referências apoiam a forma feminina. O Novo Testamento Grego Nestle-Aland dá a análise interlinear de Júnias como *'substantivo, feminino, singular, acusativo'*. Os comentadores bíblicos antes do século XIII favorecem unanimemente o nome feminino, Júnias. Avançando, uma esmagadora maioria das traduções bíblicas do final de 1300 até meados de 1800 traduzem *'Iounian'* como mulher, não como homem. Traduções do início do século XX que entendem Júnias como uma mulher incluem: Weymouth (1903), Montgomery NT (1924), Riveduta (1927), Lamsa Bible (1933), e Bible in Basic English (1949). As Bíblias do século XX que também apresentam Júnias como mulher incluem: 5 CJB, GNT, GW, HCSB, ISV, KJ21, NCV, NIRV, NIVUK, NLT, NKJV, NRSV, NRSVA, NRSVACE, NRSVCE, REB, TMB, WE. Desde 2000, houve pelo menos trinta novas traduções ou revisões que traduzem *'Iounian'* como Júnias. Estas incluem: aent, brg, ceb, CSB, EHV, EOB, erv, esv, EMTV, exb, Jmnt, jub, mev, Mounce, nabre, net, NMB, nheb, niv, NTE, nog, NR06, oeb, ojb, osb, leb, tniv, TPT, tlv, web. (Preato, 2019:1).

As primeiras comunidades cristãs deram início em casas. Durante todo o Novo Testamento, particularmente as cartas de Paulo no Livro de Atos, descobrimos que as mulheres eram donas das casas nas quais os primeiros cristãos se encontravam. Aachamos, portanto, significativo, porque elas não ofereciam simplesmente café e biscoitos à comunidade cristã. Isso provavelmente deu-lhes algum caminho para o poder na igreja...veremos!

O que parece acontecer nos primeiros séculos é que, quaisquer atividades limitadas que as mulheres possam ter no início começam a ser reduzidas à medida que se desenvolve uma hierarquia de membros do clero com bispos, presbíteros e diáconos, e está firmemente estabelecido que as mulheres não devem ser bispos ou ministros. Muitos pais da igreja escrevem sobre isso. Para que as mulheres tendam a ser excluídas dessas funções, embora elas tenham alguns papéis, como ingressar num grupo chamado viúvas ou diaconisas no século IV. Temos boas evidências de uma ordem de diaconisas, mas elas são excluídas do sacerdócio (King, 1998:1).

As mulheres no decurso da história da Igreja desempenharam vários papéis na vida do cristianismo principalmente como contemplativas, prestadoras de serviços de saúde, educadoras e missionárias. Até tempos recentes, as mulheres eram geralmente excluídas de posições episcopais e clericais dentro de certas igrejas cristãs; no entanto, um grande número de mulheres tem influenciado a vida da igreja, desde contemporâneos de Jesus a santos, teólogos, médicos da igreja, missionários, abadias, freiras, fundadoras de institutos religiosos, líderes militares, monarcas e mártires.

¹⁶ No grego, ιουννια (Iounia), n.pr.fem. — LN 93.177 Junia (Rom. 16:7, 15 v.r.), Swanson, J. (1997). Dicionário de Línguas Bíblicas com Domínios Semânticos: Grego (Novo Testamento) (ed.) (GGK2686). Oak Harbor: Logos Research Systems, Inc.

A. **A Proeminência das mulheres no primeiro século do cristianismo**

Após a morte de Jesus, as mulheres continuaram a desempenhar papéis proeminentes no movimento primitivo. Estudiosos/as até sugeriram que a maioria dos cristãos no primeiro século podem ter sido mulheres.

Textos posteriores apoiam as figuras iniciais de mulheres, tanto em exemplificar a sua proeminência como na confirmação dos seus papéis de liderança (Atos 17:4, 12).

Certamente, a mais proeminente entre estas, na antiga igreja foi Maria Madalena. Uma série de descobertas espetaculares de textos cristãos no século XIX e XX no Egito, datados dos séculos II e III, deram origem a um tesouro de novas informações. Já se sabia pelos evangelhos do Novo Testamento que Maria era uma mulher judia que seguia Jesus de Nazaré. Aparentemente tinha meios independentes, acompanhou Jesus durante o Seu ministério terreno e apoiou-O com os seus próprios recursos (Marcos 15:40-41; Mateus 27:55-56; Lucas 8:1-3; João 19:25).

Embora outra informação sobre ela seja mais fantástica, Maria Madalena é repetidamente retratada como uma visionária e líder do movimento primitivo. (Mateus 28:1-10; Marcos 16:1-9; Lucas 24:1-10; João 20:1, 11-18).

No Evangelho de João, o Jesus ressuscitado dá-lhe um ensinamento especial e comissiona-a como apóstolo aos apóstolos para lhes levar as boas novas. Ela obedece e é, portanto, a primeira a anunciar a ressurreição e a desempenhar o papel de apóstolo, embora o termo não seja especificamente dado a ela.

A tradição posterior, no entanto, irá anunciá-la como ‘apóstolo aos apóstolos’. A força desta tradição literária permite sugerir que historicamente Maria era uma visionária no âmbito profético e líder dentro de um setor do movimento cristão primitivo após a morte de Jesus. (King, 1998:1).

As cartas de Paulo - datadas de meados do século I d.C. - e as suas saudações casuais a conhecidos oferecem informações fascinantes e sólidas sobre muitas mulheres judias e gentias que foram proeminentes no movimento. As suas cartas fornecem pistas vívidas sobre o tipo de atividades em que as mulheres se envolveram mais geralmente.

1. Mulheres como missionárias.

O Apóstolo Paulo saúda Priscila, Junia, Júlia e a irmã de Nereus, que trabalharam e viajaram como missionárias em parceria com os seus maridos ou irmãos (Romanos 16:3,7,15). Ele diz-nos que Priscila e seu marido arriscaram as suas vidas para salvar a sua.

2. Apóstolos no feminino.

Tudo começa com Jesus e Maria Madalena quando Ele depois de se levantar da sepultura e lhe aparecer diz, em João 20:11-18, ‘...*Vai aos meus irmãos e diz-lhes: 'Vou ascender para o meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus'*’ (João 20:17)

Maria Madalena encaixa nas qualificações da palavra grega ‘*ἀπόστολος*’ (pronuncia-se ap-os’-tol-os). Nas epístolas, um Apóstolo é definido como alguém que testemunhou o Cristo ressuscitado e foi encarregue de partilhar a notícia (Gálatas 1:11-16; 1 Coríntios 15:8-11).

Foi esta interação que provocou o título ‘*apostola apostolorum*’, apóstolo dos Apóstolos de Maria Madalena (Villasenor, 2019:1).

Como a primeira a testemunhar o Cristo ressuscitado, e a primeira a ser comissionada a partilhar o testemunho da ressurreição de Jesus, Maria Madalena encaixa nas qualificações de um Apóstolo.

Paulo elogia Júnias como uma proeminente apóstola, que tinha sido presa pelo seu trabalho. Maria e Pérside são louvadas pelo seu trabalho árduo (Romanos 16:6,12). Evódia e Síntique são chamadas de suas colegas no evangelho (Filipenses 4:2-3).

Aqui está uma evidência clara de mulheres apóstolas, ativas no primeiro trabalho de espalhar a mensagem cristã.

3. Igrejas nas casas, domínio das mulheres.

As cartas de Paulo também oferecem alguns vislumbres importantes do funcionamento interno das antigas igrejas cristãs. Estes grupos não possuíam edifícios de igrejas, mas encontravam-se em casas, sem dúvida devido, em parte, ao facto de o cristianismo não ser legal no mundo romano da sua época e, em parte, devido à enorme despesa para tais sociedades incipientes. Tais casas eram um domínio em que as mulheres desempenhavam papéis-chave. Não é surpresa, então, ver mulheres a assumir papéis de liderança em igrejas nas casas.

Paulo fala de mulheres que eram as líderes de tais igrejas em casas (Áfia em Filémon 2; Priscila em I Coríntios 16:19). Esta prática é confirmada por outros textos que também mencionam mulheres que lideravam igrejas em suas casas, como Lídia de Tiatira (Atos 16: 14-15) e Nínia de Laodiceia (Colossenses 4:15).

3.1 As mulheres com cargos e papéis significativos.

As mulheres ocupavam cargos e desempenhavam papéis significativos no culto em grupo. Paulo, por exemplo, saúda uma diaconisa chamada Febe (Romanos 16:1) e assume que as mulheres estão a orar e a profetizar durante o culto (I Coríntios 11).

3.2 As mulheres como profetisas.

Os papéis das mulheres teriam incluído não só o discurso público extático, mas também a pregação, o ensino, a oração principal, e talvez até mesmo a realização da refeição de amor, mais conhecida por santa Ceia. (Uma obra do século I, chamada Didaché, assume que este dever recaía regularmente sobre os profetas cristãos.)

B. O extraordinário caso que provocou o título ‘Apóstolo dos Apóstolos’

Começando nas primeiras igrejas cristãs do século I e até aos nossos dias há, no Cristianismo, uma continuidade de debate do papel religioso das mulheres. No entanto, ao contrário de outras doutrinas da Igreja, a posição ortodoxa das mulheres ainda não foi definitivamente estabelecida. Pelo contrário, esta questão tem sido perpetuada, não só dentro da Igreja Católica, mas também entre as muitas denominações do cristianismo. Como resultado, as mulheres cristãs que desejam dedicar as suas vidas a alguma forma de ministério são confrontadas com a difícil questão de saber se podem, onde podem, ou até se devem servir. E, aqui, podemos colocar a questão de como poderemos reconciliar, por exemplo, a declaração do apóstolo Paulo em Gálatas 3:28 que não há nem ‘*macho nem fêmea*’¹⁷ com a sua afirmação de que as mulheres não eram para ensinar ou falar na igreja?

1. Paulo, o apóstolo e as mulheres

A relação entre Paulo, o Apóstolo e as mulheres, é um elemento importante no debate teológico sobre o cristianismo e as mulheres porque Paulo foi o primeiro escritor do Novo Testamento a dar diretivas eclesásticas sobre o papel das mulheres na Igreja. No entanto, existem argumentos de que alguns destes escritos são interpolações deutero-paulinas (Odell-Scott, 2000:68-74).

Os Evangelhos registam que as mulheres estavam entre os primeiros seguidores de Jesus. Houve mulheres judias que foram discípulas, incluindo Maria Madalena de quem sete demónios tinham sido expulsos, Joana e Susana a esposa do mordomo de Herodes Chuza, que acompanharam Jesus durante o Seu ministério e que O suportaram com os seus meios privados. Lucas 8:1-3 (NRSV)¹⁸.

Quando o apóstolo Paulo inicia o seu movimento missionário, as mulheres eram agentes importantes dentro das diferentes cidades. As cartas geralmente aceites como sendo de Paulo são Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1 Tessalonicenses e Filémon (Leonhard, 2006:1).

As suas saudações casuais a conhecidas oferecem informações sólidas sobre muitas mulheres judias e gentias que foram proeminentes neste movimento. As Epístolas

¹⁷ Bíblia Online - ACF - Almeida Corrigida Fiel (<https://www.bibliaonline.com.br/acf/gl/3>)

¹⁸ (NRSV) New Revised Standard Version - Nova versão padrão revista.

Paulinas dão-nos pistas bem vívidas acerca do tipo de atividades em que as mulheres se envolveram. (Meeks; White, 2014:1).

Gálatas 3:26-28 (pt NVI 2011) diz, *‘Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram. Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus.’* Há como que um sentido de igualdade implícita, segundo Paulo. Ele queria igualdade para todos os cristãos e escreveu sobre isso nas suas cartas. Noutros versos, o conceito de igualdade é mais claro.

A palavra grega para *‘igualdade’* é *‘isotēs’*. [1] Porque a equidade é o resultado da igualdade, *‘isotēs’* também pode ter o significado de *‘equidade’* e *‘equiparação’*. Pode até significar *‘semelhança’*. Paulo usou a palavra *‘isotēs’* uma vez em Colossenses 4:1 e duas vezes em 2 Coríntios 8:13-14 (Mowczko, 2011:1).

Os defensores do poder das mulheres na Igreja citam mais frequentemente a carta aos Romanos, capítulo 16. Na sua lista de quase 30 cristãos ativos, pelo menos oito deles são mulheres. Sublinha-se a relevância de uma mulher, Priscila (Prisca no grego original). É impressionante que quatro das seis vezes que Prisca é mencionada em Atos e nas cartas Paulinas, o seu nome precede o do marido. Na cultura greco-romana teria sido costume, quando se referia a um marido e mulher, colocar o nome do homem em primeiro lugar. A ordem inversa de Paulo e de Lucas mostra a elevada estima em que a tinham. Há um outro casal, Junia e Andrónico, dos quais é dito em Romanos 16:7 serem *‘eminentes entre os apóstolos’*. Paulo nunca confiou nas opiniões de outros apóstolos para apoiar o seu ensino ou os seus elogios. Ele conhecia estes dois muito bem, tendo estado na prisão com eles. Porque é que ele estaria a dizer que os outros pensavam que eram excelentes? Conhecia-os melhor e elogiava-os como *‘notáveis (ou eminentes) entre os apóstolos’*. Paulo considerava-os apóstolos tal como se considerava a si mesmo um apóstolo. Eles faziam parte do grupo chamado apóstolos, eram apóstolos, e estavam a dar um excelente exemplo.

A melhor medida da sensibilidade igualitária de Paulo reside na forma como fala de diferentes mulheres cristãs. Paulo não era um ranger solitário no seu ministério apostólico, e muitos dos seus colegas eram mulheres. Olhando para as passagens nas cartas de Paulo e nos Atos dos Apóstolos em que estas mulheres são mencionadas, encontra-se um grande sentido de colegialidade e muitos exemplos de mulheres a quem foi dada autoridade (Reid, 2008:1).

Paulo valorizou o ministério das mulheres e até comparou o seu próprio ministério apostólico ao de uma mulher a amamentar.

Pelo menos dezoito mulheres são mencionadas nas cartas de Paulo; 16 são identificados pelo nome. Paulo menciona algumas destas mulheres juntamente com um parente masculino, mas a maioria é mencionada independentemente de um homem. Além disso,

Paulo usou os seus termos de ministério favoritos, colegas de trabalho, diácono/ministro (*diakonos*) e apóstolo, tanto para colegas do ministério masculino como feminino. Aqui está uma lista, por ordem alfabética, das dezoito mulheres nas cartas de Paulo, mais Lídia.

Áfia (Fil. 1:2), Cloé (1 Cor. 1:11), Cláudia (2 Tim. 4:21), Eunice (2 Tim. 1:5); Evódia (Filip. 4:2-3), Febe (Rom. 16:1-2 NIV), Júlia (Rom. 16:15), Junia (Rom. 16:7 NIV), Lóide (2 Tim. 1:5), Maria (Rom. 16:6), irmã de Nereus (Rom. 16:15), Nimfa (Col. 4:15), Lóide (2 Timóteo 1:5) Pérside (Rom. 16:12), Priscila (Rom 16:3-5; 1 Cor. 16:19; 2 Tim. 4:19 cf. Atos 18:1-3, 18-19, 26), mãe de Rufus (Rom. 16:13), Síntique (Fil. 4:2-3), Trifena (Rom. 16:12), Trifosa (Rom. 16:12) Lídia é mencionada em Atos 16:13-15, 40 (Mowezko, 2014:1).

À primeira vista para os ouvidos ocidentais modernos, os comentários de Paulo podem soar chauvinistas. Mas quando aprofundamos o significado das palavras, a crítica textual e o cenário literário e histórico, a nossa visão de Paulo começa a mudar. Além disso, a recomendação de Paulo sobre as mulheres e o panorama geral da sua teologia pinta uma visão positiva e que dá vida às mulheres.

Não cremos que 1 Coríntios 14:34 seja uma imposição universal tendo em vista o silenciar permanentemente das mulheres na igreja. Também julgamos que, a intenção do registo em 1 Timóteo 2:12 não fosse o proibir todas as mulheres de ensinar mulheres ou homens. Uma das razões para esta posição é em função de existir uma palavra singular que se encontra nas duas referências, ‘*epitrepō*’.

‘*Epitrepō*’ é consistentemente usada no Novo Testamento grego no contexto de dar, ou pedir, permissão, fazendo uma exceção ou um subsídio temporário, limitado no âmbito. Também é usado no contexto de retenção de permissão numa situação *ad hoc* ou específica e limitada. Pode verificar-se isso. Aqui estão todos os versos do Novo Testamento que contêm o verbo ‘*epitrepō*’. Mateus 8:21; Mateus 19:8; Marcos 5:13; Marcos 10:4; Lucas 8:32; Lucas 9:59; Lucas 9:61; João 19:38; Atos 21:39-40; Atos 26:1; Atos 27:3; Atos 28:16; 1 Coríntios 14:34; 1 Coríntios 16:7-8; 1 Timóteo 2:12; Hebreus 6:3. (Usou-se a versão inglesa NASB para esses versos.) (Mowezko, 2014:1).

A partir destes versos podemos ver que a palavra ‘*epitrepō*’ é comumente usada em contextos de situações, exceções e concessões locais, em vez de contextos de normas e regulamentos universais. Assim, Andrew Perriman nota que o uso de *epitrepō* no Novo Testamento “está em todos os casos relacionado com um conjunto específico e limitado de circunstâncias...” (Perriman, 1993:129-142).

A palavra grega ‘*epitrepō*’ não era a palavra tipicamente usada para fazer declarações amplas e definitivas ou injunções universais. Esta é uma das razões pelas quais afirmamos que as restrições em 1 Coríntios 14:34 e 1 Timóteo 2:12 foram estipulações

ad hoc que abordam os problemas locais¹⁹. Assim, estes versos não devem ser usados para negar os ministérios de ensino público das mulheres.

2. Significado teológico pertinente da palavra ‘Apóstolo’ relativo às mulheres.

A palavra Apóstolo é uma das palavras mais implicativas nas Escrituras. O termo grego ‘πστολος’ (pronuncia-se *ap-os'-tol-os*) tem origens pouco claras, mas o significado bíblico da palavra foi reduzido a duas principais qualificações (Brock, 2003:115-135). A palavra grega para apóstolo, ocorre mais de 80 vezes no Novo Testamento e mais de 700 vezes na Septuaginta²⁰.

Nas epístolas, um Apóstolo é definido como alguém que testemunhou o Cristo ressuscitado e foi encarregado de partilhar a notícia (Gálatas 1:11-16, 1 Coríntios 15:8-11). Em 1 Coríntios 9:1, Paulo afirma: *‘Não sou livre? Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor? Não sois vós o resultado do meu trabalho no Senhor?’* As implicações aqui são monumentais. Em João 20:11-18, Jesus aparece a Maria Madalena depois de sair da sepultura, e diz, *‘...mas vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.’* (João 20:17). Foi esta interação que provocou o título apóstolo dos Apóstolos de Maria Madalena (Brock, 2003:115-135).

Como a primeira a testemunhar o Cristo ressuscitado, e a primeira a ser encomendada a partilhar o testemunho da ressurreição de Jesus Cristo, Maria Madalena, encaixa nas qualificações da palavra “πστολος”. Ela junta-se a outras mulheres importantes na vida de Jesus Cristo. Elas são mais decisivas do que tradicionalmente se acreditava. São mulheres independentes, e as primeiras testemunhas da ressurreição bem como da sua proclamação. São elas, assim, as primeiras missionárias da Igreja.

As narrativas da ressurreição de Jesus, nos Evangelhos, retratam as mulheres que estiveram presentes como sendo modelos de verdadeiros discípulos. As mulheres que serviram Jesus foram leais; elas não O abandonaram na sua hora de necessidade, elas foram para além de forma a dar-lhe um enterro adequado, e cuidaram das suas necessidades após a sua morte. As mulheres mostraram uma fé e determinação incríveis em partilhar a notícia da ressurreição de Cristo, apesar de, como mulheres, os discípulos duvidosos não acreditarem nelas.

O evangelho de Marcos é especialmente interessante na forma como retrata os seguidores de Jesus. Na narrativa do Evangelho de Marcos, os seguidores femininos são relegados a um lugar secundário em relação aos discípulos masculinos até à

¹⁹ Howard Marshall conclui que a proibição em 1 Timothy 2:12 ‘é de facto destinada a um grupo específico de mulheres entre os destinatários da carta.’ As Epístolas Pastorais (International Critical Commentary) (Londres, T & T Clark, 2004:455). Pergunto-me, no entanto, se 1 Timóteo 2:11-15 envolve um casal particular na Igreja de Éfeso. (Marshall, I. H. (2004:455). Disponível em: <https://www.bloomsbury.com/us/the-pastoral-epistles-9780567084552/>. Acesso em: 25.02.2021.

²⁰ A Septuaginta é uma tradução da Bíblia hebraica do Antigo Testamento em grego. Esta tradução foi feita por volta de 200-250 a.C. por cerca de 70 estudiosos; portanto, o termo Septuaginta que é, muitas vezes, reduzido a algarismos romanos como LXX.

crucificação. Só depois dos homens que seguem Jesus o abandonarem é que as mulheres assumem o centro do palco, suportando a crucificação e indo enterrar o seu corpo corretamente (Paetzhold, 2016:20-22). Os discípulos de Jesus femininos mostram a sua devoção pela forma como ficaram com Ele na crucificação, e na sua escolha de ir ao seu túmulo apesar da incerteza, e até estarem não só dispostas, mas decididas a serem capazes de entrar para ungir o seu corpo (Marcos 15:40, Marcos 16:3). Em ambos estes momentos de serviço, os homens estão visivelmente ausentes. A fé exibida pelos seguidores femininos de Jesus Cristo continua a ser demonstrada nas suas primeiras aparições após a ressurreição. As mulheres que testemunham a ressurreição reagem com crença fiel, enquanto os outros discípulos duvidam de Jesus (Mateus 28:8-9, Lucas 24:8-9, Lucas 24:36-41, João 20:25). Na verdade, a sua fé era tão grande, em três das quatro narrativas nos evangelhos, estas mulheres deixaram-se para partilhar a notícia da ressurreição de Cristo. Em Mateus, as mulheres que vão ao túmulo acreditam e viajam com intenção de testemunhar antes de ver Jesus pessoalmente (Mateus 28:10-11), demonstrando assim a sua entrega e disposição em crer na veracidade da mensagem do Mestre. Elas imediatamente partem para informar os discípulos depois de encontrarem um anjo, apesar do próprio Jesus não lhes ter aparecido até que já estejam na viagem de volta do túmulo (Mateus 28:8-10). As mulheres tinham fé suficiente em Jesus, enquanto Ele estava vivo, e demonstraram que acreditavam na mensagem inacreditável do anjo e foram testemunhar, apesar da falta de consideração da sua cultura para com alguém do seu género.

Além disso, a escolha de Jesus para iniciar a difusão da sua mensagem através das mulheres fala ao carácter da mensagem. As mulheres, uma parte do povo judeu a quem tinha sido dada a presença mínima no Judaísmo do Novo Testamento, foram as primeiras a partilhar um evangelho aberto a todas as pessoas – homem, mulher, judeu e gentio (Wainwright, 1994:635–677). A mensagem central é a inclusão de todos os discípulos em Cristo Jesus. Paulo reconhece isso em Gálatas 3:28; *‘Não há nem judeu nem gentio, nem escravo nem livre, nem há macho e fêmea, pois vocês são todos um em Cristo Jesus’*.

O facto inquestionável é que Jesus escolheu deliberadamente as mulheres como sendo as primeiras mensageiras da sua ressurreição, como veremos mais adiante, no Cristianismo. Esta é uma escolha que ecoa o próprio espírito do evangelho pois sem a ressurreição *‘... é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé’* segundo 1 Coríntios 15:14. É uma mensagem de salvação para uma humanidade, que está uniformemente quebrada, e igualmente a necessitar de ser salva independentemente do sexo, raça, classe, reputação, passado, ou qualquer outra coisa. (Paetzhold K., 2016:15-25).

Capítulo III - Papel da Mulher na Era Contemporânea

Atualmente percebe-se a diferença visível do papel da mulher na sociedade pois a maioria dos grandes estigmas que haviam sido criados e propagados nas sociedades do passado têm caído. Na contemporaneidade com as suas grandes descobertas e inovações, como veremos mais adiante, percebeu-se uma manifesta diferença do papel das mulheres na sociedade.

Com o papel consolidado na sociedade até mesmo os costumes antigos de maternidade e casamento deixaram de ser prioridade. Hoje, a mulher já usufrui de uma liberdade de decisão. Ela tem um domínio maior sobre a sua decisão e desejo de casamento e maternidade sem haver imposições da sociedade ou até de família.

O cotidiano feminino, acabou por ser distinguido por uma jornada dupla ou até mesmo tripla de trabalho. Isto tem resultado numa mulher que, muitas vezes, é sobrecarregada de tarefas e responsabilidades.

A partir das novas possibilidades, os projetos de vida da mulher contemporânea, também acabaram por alterar-se. Um desses projetos que sofreu um impacto é a maternidade. Em virtude dos requerimentos relacionados pelos contextos profissional, económico ou académico, cada vez mais mulheres acabam por adiar o projeto da maternidade. Influenciadas pelos movimentos feministas, pela economia, pela tecnologia e pela pílula anticoncepcional, que deu maior liberdade sexual às mulheres, elas passaram a protelar a maternidade e a exercer maior dedicação ao mundo do trabalho.

A mulher contemporânea tem vindo a acrescentar novas funções ao seu estilo de vida e pretende realizar-se e trabalhar, subir na sua carreira e partilhar depois as suas experiências. A mulher contemporânea conquistou o seu espaço e é independente, qualificada e demonstra confiança. No entanto, o homem vê muitas vezes numa mulher assim como que uma personalidade de liderança mais conhecida no meio social de liderança de tipo masculina. (Ribeiro, 2016:1). Por isso, houve mulheres que foram rotuladas como loucas, masculinizadas ou invejosas da masculinidade do homem. Mas, tendo a mulher atingido um papel de destaque significa que, ainda poderá evoluir ainda mais.

Acredita-se que a mudança verdadeira é aquela em que se dá na consciência e no comportamento, que se faz pelo entendimento e pela incorporação da ideia de igualdade de direitos da pessoa e não somente de género.

Neste contexto, mais importante que ser homem ou mulher, é ser pessoa, pois existem diferenças e habilidades, que variam de pessoa para pessoa, que devem ser respeitadas, sob pena de se perder a identidade. (Pelicioli, 2012:1).

A. A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea

A mulher contemporânea tendo quebrado o papel tradicional que tinha já há muitos séculos passou a ocupar diferentes lugares e a desempenhar funções diferentes e distintas, assumindo muitos papéis que eram desempenhados pelos homens. Ela hoje trabalha, estuda, cuida de si mesma, da casa e da família, e em muitos casos faz tudo isto ao mesmo tempo. Portanto, a

vida da mulher contemporânea é repleta de uma diversidade de papéis que ela conquistou e, além disso, ela tem demonstrado ser extremamente versátil, propondo novos desafios.

Atualmente as mulheres conquistaram o direito de realizar as suas próprias escolhas, têm enfrentado o mercado de trabalho e infiltraram-se com êxito no âmbito acadêmico. Muitas mulheres chefiam tanto as suas carreiras como as suas famílias, tudo isso em busca de novas oportunidades e possibilidades, que vêm acompanhadas também por novas responsabilidades. “A mulher, assim, também assume um modo de existir excessivamente flexível para se adaptar ao mercado globalizado, adquirindo novos hábitos, novos valores, novos modelos, novas posturas etc.” (Boris, 2007:465).

A partir da sua inserção no mercado de trabalho (com alto número de horas dispensadas na atividade), a mulher contemporânea, obteve outras conquistas notáveis, tendo enfrentado uma oposição acérrima dos defensores do que estava estabelecido. Algumas dessas conquistas foram a ocupação de cargos e atuação em profissões que, até então, eram consideradas masculinas, tendo sido o passo decisivo para a sua emancipação, o direito a votar e a atuação na política (mesmo ainda sendo minoria), além de obter um maior reconhecimento da sua capacidade intelectual, o que vem de encontro com a procura por mais qualificações, através de cursos técnicos e universitários, por exemplo (Lopes, *et al*, 2014:922).

Com o assumir dos vários papéis a mulher contemporânea vê-se a ter que lidar com o impacto que eles têm na sua vida.

Impacto da multiplicidade de papéis na vida da mulher, incluiu os seguintes aspetos: A falta de tempo para o lazer é um deles, bem como a falta de tempo para a família. Com o seu envolvimento em demasiadas horas nas suas ocupações ela vê-se a braços com a falta de tempo para cuidar da saúde emocional. Embora aplique muito empenho no seu trabalho e com a formação profissional isso traz-lhe alguns prejuízos (Lopes, *et al*, 2014: 922).

A mulher contemporânea ao passar a desempenhar funções diferentes e a ocupar lugares e papéis distintos de outrora tornou-se capaz de assumir uma independência que havia desconhecido durante séculos. Com isto os seus projetos de vida também se alteraram, tendo a maternidade sofrido um impacto. Ela hoje escolhe a altura de vida para a sua maternidade.

Neste período complexo a mulher contemporânea vive perante diversas escolhas e possibilidades, descobrindo-se a si própria e reivindicando o seu devido lugar e, ao mesmo tempo, como o homem ainda é em muitos contextos o ser provedor do lar, com autonomia para estabelecer regras e delegar funções, considerado superior às mulheres e a sociedade ainda possui um pensamento machista, que dá a prioridade ao homem, a luta da mulher para ‘ser igual’ ainda é travada (Lopes; *et al*, 2014:918); (Almeida; Gomes, 2018:3,4).

B. As mulheres portuguesas na contemporaneidade

A contemporaneidade é atingida e mudada pelas grandes descobertas e inovações e com isso percebe-se a diferença do papel das mulheres na sociedade.

Uma dessas grandes inovações no século XXI é a inserção da mulher no mercado de trabalho ao competir ela por vagas ocupadas por homens e ao executar funções que eram de particular especialidade masculina. A mulher tem conquistado cada vez mais o seu espaço na sociedade, apesar de ainda sofrer alguns preconceitos, principalmente no mercado de trabalho e em cargos de chefia, isto por ainda existir o estigma de que ela não irá conseguir executar alguma função, precisando por sua vez de um homem para poder dar solução à situação (Almeida; Gomes, 2018:3-5).

Embora a Constituição da República Portuguesa consagre como uma das tarefas fundamentais do Estado a promoção da igualdade entre homens e mulheres, o conceito e preconceitos acerca do papel da mulher continuam embora disfarçadamente a oferecer uma resistência notável.

‘Assegura medidas de promoção da igualdade e não discriminação entre mulheres e homens no exercício de cargos dirigentes procedendo à 7.ª alteração da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro que aprova o estatuto do pessoal dirigente dos serviços e organismos da administração pública.’ (Projeto de Lei N.º 833/XIII. 2018)

A mulher portuguesa na contemporaneidade apesar dos avanços e de uma mudança de papel tem sido, muitas vezes, “impedida de ascender às posições de topo e de maior responsabilidade da organização pelo simples facto de serem mulheres... a discriminação e a segregação, tendo por base o género, têm marcado de uma forma mais ou menos constante a carreira das mulheres” (Santos, 2010:100).

Inclusive no conceito de “mentalidade de empreendedor” o discurso descreve práticas e experiências masculinas como valores normativos preferenciais, deixando as mulheres na posição do ‘Outro’ (Santos, 2010:106).

As mulheres em Portugal apresentam um maior conflito entre o trabalho e a família em determinadas profissões, sendo que “as mulheres, comparativamente aos homens, experimentam maiores níveis de conflito entre o trabalho e a família, sobretudo quando têm crianças em idade dependente” (Santos, 2010:116). No que respeita ao investimento na carreira, a tendência é que seja o homem o primeiro a beneficiar pois, o conceito de ele ser o ‘cabeça’ de família dá-lhe o privilégio. Aqui, podemos observar o pressuposto cultural de que a responsabilidade dos cuidados a prestar à família são, ainda, uma prioridade da mulher. Isto reforça a posição cultural na distinção dos papéis de género ainda existente.

Em Portugal bem como por toda a Europa, o fosso salarial entre homens e mulheres não ajustado é um facto constatado.

Tendo em consideração as crises dos anos 2000, Portugal mostra segundo os dados do EUROSTAT que,

O mercado de trabalho português é considerado um caso específico do ponto de vista do género (pelas normas da UE e, em especial, pelas normas do Sul da Europa). Isto deve-se principalmente a uma elevada taxa de participação feminina. Na verdade, Portugal tem baixas diferenças de géneros em taxas de participação e taxas de emprego a tempo inteiro equivalentes, quando comparado com a média dos Estados-membros da UE... Dentro da UE15 países em 2012,13 Portugal ficou em quarto lugar a diferença de género da taxa de emprego (González, 2014:250).

No entanto em Portugal, apesar da elevada taxa de participação feminina, ainda se pode observar uma segregação de género no mercado de trabalho. Hierarquicamente, as ocupações mais altas são mais representadas pelos homens.

A mulher portuguesa na contemporaneidade também é atingida pela ‘indústria do corpo’ (academias, clínicas de estética, salões de beleza, ‘spas’, boutiques, revistas, costureiros e estilistas etc.).

A mulher portuguesa

“parece estar muito mais submetida do que homem ao consumo de roupas, de acessórios, de cirurgias plásticas e de academias de ginástica, dentre outros produtos, adotados com a finalidade de se adequar ao padrão de corpo estabelecido pela sociedade capitalista, principalmente devido ao fato de ela ser o alvo principal de propagandas publicitárias da moda, ocorrendo uma forte pressão da sociedade com relação aos padrões corporais femininos” (Boris, 2007:465-466).

Bem como na grande parte do mundo contemporâneo, a mulher em Portugal, também é vista conforme a sua beleza exterior e saúde, aparência exterior desagradável e doença, que cada vez mais se associam como sinónimos, no tocante às representações do corpo feminino. Esculpir o corpo passou a ser uma prática representativa de uma estética da perfeição (Vilhena, 2005:110-113). À imagem passada tem sido dada uma importância fora do natural e um significado da perfeição que, poderá garantir, segundo o mercado, um ‘produto’ bem-sucedido.

A beleza da mulher contemporânea abandonou o fundamentalismo cristão da Idade Média onde a mulher bela era o próprio Pecado Original e no qual a sua estética dava forma ao desejo e a envolvia na angústia da culpa e passou a ser, na sua maioria, o seu ‘cartão de visita’. O ideal de beleza feminina retrata, então, esta mulher socializada. “A aparência passa então a ser o que de mais particular, único e singular o indivíduo possui. Paradoxalmente, o que há de mais íntimo, pessoal e com maior atribuição de valor social, está na superfície do sujeito – na pele” (Vilhena, 2005:140).

A estética feminina adquiriu um peso dramático o seu alcance é fruto de constante obstinação e perseverança. E a mulher portuguesa contemporânea avança com uma exigência de si própria, neste campo, porque passa a vivenciar uma nova maneira de compreender e apresentar o seu corpo.

A mulher contemporânea portuguesa tendo quebrado o papel tradicional que tinha já há muitos séculos passou a ocupar diferentes lugares e a desempenhar funções diferentes e distintas,

assumindo muitos papéis que eram desempenhados pelos homens. Ela hoje trabalha, estuda, cuida de si mesma, da casa e da família, e em muitos casos ela faz tudo isto ao mesmo tempo. Portanto, a vivência da mulher contemporânea é cheia por uma diversidade de papéis, nos quais ela se tornou tremendamente versátil.

C. O novo papel da mulher contemporânea e as implicações na sua performance.

Atualmente percebe-se a diferença visível do papel da mulher na sociedade pois a maioria dos grandes estigmas que haviam criados e propagados nas sociedades do passado têm estado a cair.

O novo papel social das mulheres anda lado a lado com o seu desempenho educacional. Nas últimas décadas, os dados agregados fazem menção que as mulheres superaram os homens na educação formal, constatando-se cada vez mais as mulheres com níveis iguais ou mais elevados que os homens, ao contrário do passado. (Doblhammer; Gumà, 2018:52).

Hoje em dia, é comum as mulheres investirem cada vez mais numa carreira profissional, que as levam inclusive a ocupar posições de prestígio no espaço público.

É um facto quem as mulheres continuam a enfrentar barreiras na sua busca por empregos mais recompensadores.

No entanto, nos países da União Europeia (EU-28), as mulheres estão mais expostas a situações de desvantagem no mercado de trabalho (MT) do que os homens, apesar de constituírem sensivelmente metade da população, de terem mais êxito nos respetivos percursos escolares na generalidade dos Estados-Membros e de representarem a maioria das pessoas titulares de diplomas do ensino superior (Jordão, 2017:11).

1. A redefinição de papéis

Existe uma redefinição dos papéis de homem e de mulher no casamento contemporâneo, no momento que as mulheres começaram a exercer as suas funções sociais, concebidas anteriormente aos homens. A partir daqui os homens passam a participar mais da vida doméstica, embora exerçam essa função como uma ajuda às mulheres (Figueiredo; Diniz, 2018:9-12).

Parece persistir uma visão muito forte e conservadora que mantém os papéis dos cônjuges, em relação às responsabilidades domésticas e ao cuidado e educação dos filhos, na contemporaneidade. A mulher é que deve desempenhar predominantemente o papel de cuidar e educar os filhos. O maior número de tarefas domésticas executadas é da sua responsabilidade familiar, cabendo à mulher a responsabilidade por inúmeras tarefas domésticas tidas como '*essencialmente femininas*' (Jablonski, 2010:266).

Bernardo Jablonski (2010) refere que,

a distribuição de tarefas dentro do lar é ainda bastante marcada pela divisão sexual, com a responsabilidade de serem as mulheres a executar a maior parte delas (Jablonski, 2010:270)

Persiste um choque entre as propostas igualitárias e práticas tradicionais.

A par das diferenças culturais e dos avanços a reboque do movimento feminista, parece persistir uma visão conservadora dos papéis dos cônjuges no que se refere às tarefas domésticas e à responsabilidade pelo cuidado e educação dos filhos. Teoricamente, as perspectivas dos recursos econômicos relativos e de gênero têm predominado na base da literatura a respeito. A primeira enfatiza os aspetos racionais/econômicos e leva em conta os ganhos relativos de homens e mulheres na alocação de tarefas domésticas (Jablonski, 2010:264).

João Oliveira e Lúcia Amâncio (2002) analisaram Talcott Parsons (1956) depararam-se com a distinção de papéis observando que, a função da figura masculina seria a mais importante, quantitativa e qualitativamente, mas a função feminina seria complementar (de Oliveira; Amâncio, 2002:45).

Nos últimos anos o papel da mulher na família vem sendo repensado e reelaborado. Muitos fatores influenciaram essa mudança, como a inserção da mulher no mercado de trabalho, as conquistas advindas da luta do movimento feminista, a maior participação sociopolítica da mulher, dentre outros. Porém, essas mudanças trouxeram grande impacto sobre o papel da mulher na família...

A mulher tem ganhado mais espaço principalmente a partir do século XX, “com o advento do movimento feminista e a maior participação sociopolítica da mulher, onde ela lutava para garantir direitos iguais entre os sexos e a divisão de papéis” (Costa; Androsio, 2019:1).

Com todas as mudanças no mercado de trabalho e com os novos formatos que as famílias passaram a ter, o espaço ocupado pelas mulheres nos postos de trabalho tornou-se bem expressivo, e cada vez mais são encontradas mulheres em postos de chefia ou em áreas que eram exclusivamente masculinas (Martins, *et al.*, 2017:13).

2. A redefinição no âmbito familiar

A família tem papel mediador e é considerada por alguns a célula constituinte da sociedade, auxiliadora na construção da identidade pessoal dos sujeitos (da Silva, *et al.*, 2019:3). No entanto, o casamento também sofreu transformações. “Já no século XX, a família

contemporânea ou pós-moderna, desde os anos 1960, caracteriza-se pela união ter duração relativa e também pela desprivatização da família” (da Silva, *et al.*, 2019:5).

As conquistas da mulher por espaço na sociedade, em momento algum foram de fácil aceitação, nenhuma ocorreu pela compreensão da importância de igualdade permitindo que a mulher exercesse outros papéis além de mães e donas de casa, para assumir também papéis no mercado de trabalho, pelo contrário, as mulheres tiveram que buscar e lutar por estas conquistas (Gomes, 2017:25).

Ana Vale (2015) estabelece que, a mulher foi ganhando clareza, evidência e visibilidade frente ao mercado de trabalho. Por outro lado, a mulher obtém, também, uma nova visão da sociedade. Estas mudanças causaram um certo incômodo pois a mulher passou a tomar posição no que respeita às questões ligadas à liderança, independência sexual bem como, também, o sucesso financeiro (Ana Vale (2015:10-12).

O divórcio, há muito tempo, deixou de ser um fenómeno de exceção para se tornar quase um acontecimento do cotidiano das famílias (Grzybowski; Wagner, 2010:1). A revolução do divórcio nas décadas de 1960 e 1970 foi sobre determinada (Wilcox, 2009:1). A partir da legitimação do divórcio, a mulher não mais permanece em casamentos insatisfatórios e busca relações mais igualitárias.

Na atualidade notamos cada vez mais relacionamentos conjugais descartáveis e desinteresse por uma união estável. As mulheres estão mais insatisfeitas com o casamento que os homens, apesar da satisfação conjugal ser um fenómeno complexo, no qual interferem diversas variáveis e são elas que procuram mais a dissolução dessa relação (Machado, 2007:116).

A insatisfação das mulheres será um produto da desilusão originária de promessas de igualdade não cumpridas, uma vez que as suas perspectivas foram ampliadas, mas as desigualdades entre os géneros continuam ainda muito atuais, existindo diferenças em relação aos direitos, oportunidades e conquistas sociais.

Apesar de tudo houve uma mudança nos últimos anos nas famílias Portuguesas.

3. A (nova) proximidade entre pais e filhos

De acordo com Sofia Marinho, socióloga e investigadora na área da família, coparentalidade e relações de género no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa diz, “houve uma mudança cultural. A forma de pensar a família, as relações familiares e a importância da criança mudaram” (Vasconcelos, 2017:1).

‘Coparentalidade’ é um termo retirado do inglês (*coparenting*) que foi introduzido por Bohannon na década de 70, referindo-se a aspetos do divórcio que se relacionam com os filhos (Ahrons, 1981: 415-428).

De modo a existir proximidade entre pai e filho não significa que passe apenas pelo trabalho

doméstico ou pelos cuidados da criança. Sofia Marinho refere que, “Alguns pais querem ter a experiência completa, outros investem na relação próxima com os filhos e veem-se como ajudantes das mães. Isso ainda está muito enraizado”. Este é o pai companheiro que está presente e participa (Vasconcelos, 2017:1).

No entanto, Marinho afirma que “mantém-se a separação entre as práticas femininas e masculinas. Isso faz-se pela retórica da ajuda, reproduzida por ambos. Muitas mulheres dizem que o marido é ótimo, porque as ajuda imenso, quando se referem a tarefas que são dos dois”. Nos casais que dividem tarefas e responsabilidades, verifica-se já uma perspetiva de igualdade (Vasconcelos, 2017:1).

É importante que as mulheres olhem para sua posição e os caminhos que têm percorrido ao longo do tempo com criticidade e percebam que muitas de suas reivindicações do passado surtiram efeito (Carvalho; Paiva, 2010:225).

A mulher contemporânea ao passar a desempenhar funções diferentes e a ocupar lugares e papéis distintos de outrora tornou-se capaz de assumir uma independência que havia desconhecido durante séculos. Com isto os seus projetos de vida também se alteraram, tendo a maternidade sofrido um impacto. Ela hoje escolhe a altura de vida para a sua maternidade.

A mulher moderna está passando por um período complexo, descobrindo-se a si mesma e reivindicando seu devido lugar na sociedade.

4. A redefinição no âmbito profissional

“A participação de mulheres no mercado de trabalho, desde os seus primórdios, foi marcada por controvérsias”, os homens sempre foram os privilegiados tanto na esfera da organização familiar como no âmbito do trabalho (Figueiredo; Diniz, 2018:2).

Embora as mulheres sempre trabalhassem, o seu envolvimento em áreas do trabalho e mercado era restrito quando essas áreas eram tidas como sendo ‘dos homens’. Durante muito tempo o trabalho das mulheres era “predominantemente circunscrito ao espaço privado, era exercido de forma não remunerada e não valorizada. As atividades domésticas eram atribuídas e vistas como atribuições da mulher, independentemente de ela possuir outras atividades dentro ou fora de casa” (Figueiredo; Diniz, 2018:5).

Devido às mudanças ocorridas ao longo dos tempos e “dos anos na vida da mulher tanto no sentido profissional quanto no pessoal, a mulher hoje em dia tem sido independente, mudando os hábitos que lhes eram impostos pelo marido, sociedade e pela própria família, onde a sociedade impulsionava os pais a ensinarem às mulheres, desde pequenas, que elas deveriam casar-se para cuidar dos filhos, da casa e do marido” (Costa; Androsio, 2019:2).

A realidade no século XIX e início do século XX preconiza o modelo da família tradicional de classe média que sagrava uma diferença notória dos papéis em que, geralmente o homem se envolvia nos destinos da família e no trabalho remunerado e que, por outro lado, a mulher se dedicava aos afazeres da vida familiar, que incluía a administração da casa e os cuidados com os filhos. “Atualmente, um número cada vez mais expressivo de mulheres trabalha fora de casa e contribui com a renda da família. Além da maternidade, muitas mulheres preocupam-se com a sua realização acadêmica e valorizam a construção de uma carreira profissional, vislumbrando nessa atividade uma condição necessária ao sucesso da sua vida” (Fleck; Wagner, 2003:1).

Além disso, “assumir uma profissão configura-se, para elas, não apenas como fonte de sustento, mas, principalmente, como fonte de satisfação, algo que deveria ser assumido não só pelo retorno material, mas principalmente pelo prazer que proporciona” (Rocha-Coutinho *et al.*, 2007: 497).

Os papéis antes preestabelecidos no âmbito da família têm sido alterados e já não são como tradicionalmente acontecia. As tarefas do lar e as responsabilidades são exercidas por ambos os cônjuges. Com a inserção da mulher no mercado de trabalho e a sua luta por direitos iguais, a mulher obteve muitos ganhos e passou a usufruir da sua individualidade e espaço (Maluf, Adriana 2010:134).

Capítulo IV - Marginalização das mulheres devido a uma Hermenêutica faltosa

4.1 A marginalização das mulheres nos dois movimentos mais relevantes das últimas décadas

Como as mulheres, desde as sociedades mais antigas, sempre foram marginalizadas e até mesmo tratadas como uma aberração ou como um ser incompleto e até ligado ao maligno, torna-se evidente e necessário ir além de apenas nomear as grandes, que em proporção são poucas, mas buscar na história de muitas que permanecem invisíveis à história da humanidade. Há uma dificuldade enorme na investigação dessas muitas que fizeram a diferença e que foram fundamentais para que se pudesse chegar onde se chegou. Isto, também, é verdade dentro do contexto da igreja evangélica.

Vamo-nos focar um pouco sobre o pentecostalismo e o movimento batista pois foram aqueles que tiveram um expoente mais evidente na expansão protestante e evangélica nas últimas décadas.

O que fez a diferença de tamanho entre as denominações episcopais, presbiteriana e metodista, por um lado, e os Irmãos e os Batistas, por outro, foi a diferença de atitudes e os meios à sua disposição. Irmãos e Batistas mantiveram durante mais tempo uma atitude evangelizadora aguerrida que era parte da sua própria sensibilidade religiosa, enquanto episcopais, presbiterianos e metodistas se orientaram - talvez a partir da sua segunda geração no início do século XX - para a manutenção e gestão das redes já constituídas no antecedente (Santos, 2000:54).

Os grupos pentecostais incluindo as Assembleias de Deus demudaram em relativamente poucas décadas esta tendência destemida de evangelização numa expressão numérica dentro do Protestantismo.

4.1.1 O pentecostalismo e a sua hermenêutica com tendências patriarcais.

Mesmo no movimento Pentecostal, as mulheres e os homens não ocupam o mesmo estatuto porque o movimento, em si, apoia o domínio masculino e a submissão das mulheres aos homens, embora à primeira vista, o culto e a prática pareçam ser democráticos. Mesmo quando é dada voz às mulheres, especialmente por causa da crença dentro das igrejas pentecostais que o Espírito Santo fala através de homens e mulheres, essa mesma voz é retirada quando as mulheres são subordinadas ao poder masculino. Isto deve-se em uma medida considerável às formas como a Bíblia é vista, lida e interpretada dentro da tradição pentecostal.

4.1.2 O pentecostalismo tem sido celebrado como potenciando as mulheres.

As mulheres são atraídas pelo Pentecostalismo principalmente devido à sua promessa inerente de liberdade de as mulheres poderem estar plenamente envolvidas no ministério (Alexander, 2009:2-3).

As igrejas pentecostais são tidas como amigas do género e de abrirem mais espaços para as mulheres do que outras denominações, mas ainda assim, limitam os papéis das mulheres, “alimentando a sua ideologia de género da sociedade tradicional” (Kalu, 2008:149).

Quando se observa e nesta linha de análise conclui-se que, a igreja pentecostal continua a ser um espaço que subjuga as mulheres mesmo quando se lhes oferece uma permissão única para falar.

Durante muito tempo, os estudiosos do Pentecostalismo focaram-se no papel emancipatório do Espírito Santo, focando-se no facto das mulheres pentecostais poderem pregar e ensinar sob o enchimento do Espírito Santo. No entanto, prestaram pouca atenção às práticas interpretativas opressivas no que diz respeito à Bíblia e às tendências patriarcais dos Pentecostais em geral, que apoiam e defendem o poder masculino. (Gabaitse, 2015:1).

Estudos recentes indicam que existem fronteiras de exclusão ao longo das linhas de género dentro do movimento Pentecostal em África, (Masenya, 2009:1-5) Ásia, (Tan-

Chow, 2007:136-138) e no Ocidente (Powers, 2001:27).

É evidente que as mulheres e os homens não ocupam o mesmo estatuto e as igrejas pentecostais permanecem patriarcais.

4.1.3 A repercussão da teologia Pentecostal propaga a injustiça no que respeita ao papel da mulher.

Ao reforçar a supremacia masculina a teologia pentecostal propaga a injustiça de género e a desigualdade. O modelo de liderança empregue pelas igrejas pentecostais também foi descrito como autoritário e hierárquico, sendo que, promove a autoridade masculina e as relações hierárquicas com mulheres e crianças são colocadas no fundo da equação. As relações hierárquicas são promovidas não só no contexto da igreja, mas também são promovidas e encorajadas no seio da família com o pretexto de cumprir a doutrina da submissão. Tudo isto é feito através do uso e interpretação de alguns textos bíblicos que aparentam promover o poder masculino e a submissão das mulheres aos homens.

A domesticidade e a subordinação feminina, sendo as características clássicas do patriarcado, são reforçadas e mantidas como bíblicas e piedosas através da utilização de textos como o de Efésios 5:22-6:4, que se lidos de forma acrítica podem parecer apoiar e promover ideologias patriarcais. Ao aplicar desta forma a interpretação, as prerrogativas patriarcais passam a ser promulgadas, mantidas vivas e reforçadas.

4.1.4 Subordinação feminina e domínio masculino.

No que diz respeito à subordinação feminina e ao domínio masculino, as ambiguidades surgem dentro do movimento Pentecostal de duas maneiras principais.

- a) Em primeiro lugar, embora haja uma linguagem e um falar de igualdade entre homens e mulheres por causa do trabalho do Espírito Santo, essa linguagem não é posta em prática, uma vez que as mulheres permanecem na periferia e no fundo da hierarquia do género.

A Igreja Pentecostal falhou em desconstruir textos que avançam o poder masculino, para que homens e mulheres sejam verdadeiramente iguais.

- b) Em segundo lugar, embora seja verdade que as mulheres e os homens pentecostais podem ser cheios com o Espírito Santo e ter experiências paralelas à experiência detalhada em Atos 2, também é verdade que os quadros pentecostais de leitura e interpretação da Bíblia insistem que as mulheres devem submeter-se aos homens. Portanto, as mulheres pentecostais ainda estão localizadas em esferas sob domínio masculino, mesmo quando há a pretensão de que também podem receber o Espírito Santo (Yong, 2005:40). Portanto, a marginalização das mulheres deve-se principalmente à hermenêutica pentecostal opressiva, especialmente a praticada nas igrejas (Gabaitse, 2015:2).

4.1.5 A marginalização da mulher devido a interpretações literais e hermenêutica seletiva.

Um dos modelos mais dominantes de interpretação bíblica nas igrejas pentecostais é o literal. Uma leitura literal da Bíblia é do tipo que leva a Bíblia pelo valor facial e acrítica, e afirma que a ‘Bíblia diz isto e eu creio nisso’.

Uma leitura literal da Bíblia não leva a sério o contexto histórico dos textos. A Bíblia é lida no presente para significar o que significa. Os efeitos do literalismo podem ser perigosos, especialmente no que se refere ao tratamento das mulheres e das regras relativas ao seu estatuto. O compromisso dos pentecostais nas suas igrejas de tomar e interpretar a Bíblia literalmente significa que ‘as diretivas bíblicas que insistem em que as mulheres estejam silenciosas na igreja também são tomadas literalmente’ (Powers, 1999:323) por isso, são obedecidas e aplicadas. Além disso, textos como 1 Coríntios 11:3 e 1 Timóteo 2:9 “são interpretados literalmente e com força legislativa universal, e assim, excluem as fêmeas do centro” (Tan-Chow, 2007:136-138).

Não há o ter em consideração que, os textos que parecem apoiar a marginalização das mulheres têm uma história; emergem de culturas judaicas particulares e específicas, de culturas greco-romanas e outras culturas patriarcais. Portanto, há necessidade de os leitores lerem sob a superfície dos textos bíblicos, bem como interrogar os contextos em

que os textos foram produzidos, o que os textos significavam então e como podem significativamente abordar os leitores da Bíblia, de carne e osso, do século XXI. Os leitores literais pentecostais não se importam com estes contextos, especialmente quando se trata de textos que apoiam o patriarcado. As injunções de Paulo em relação às mulheres são lidas e aplicadas no contexto imediato sem qualquer interrogação das suas agendas porque confirmam e apoiam os quadros ideológicos dominantes masculinos existentes que colocam as mulheres à margem (Gabaitse, 2015:4).

a) A hermenêutica seletiva como base para a discriminação.

Existe um argumento baseado em cada frase em Génesis 2:22-24 que é o segundo relato da história da criação. Este argumento diz que, foi um facto que Eva foi criada a partir da costela de foi tirada de Adão e que literalmente. Diz ainda o argumento que, foi um facto que Adão foi criado primeiro. Este facto, segundo o mesmo argumento, foi a forma de Deus demonstrar que os homens são superiores às mulheres.

Quando se salienta que Génesis 1:27, outra história da criação, sugere que tanto homens como mulheres foram criados ao mesmo tempo, argumento é que, Génesis 1:27 não deve ser tomado literalmente em todos os sentidos porque serve como ‘uma introdução de Génesis 2, que na verdade conta uma história completa’. Esta linha de leitura e interpretação da Bíblia entre alguns pentecostais demonstra que, quando os pentecostais afirmam ser literais, estão realmente envolvidos em hermenêutica seletiva. Denota-se uma consistência, pelos pentecostais, no que respeita à interpretação bíblica. Textos que se prenunciam acerca da submissão ou estatuto da mulher, são tomados como de mais poder interpretativos do que os demais.

b) Plena submissão por parte das mulheres devido ao ensino.

As mulheres são, por muitos líderes, encorajadas a aceitar abusos e ainda assim a submeterem-se aos seus maridos porque a Bíblia diz exatamente isso. Embora os textos não incentivem excessivamente a submissão a ‘maridos agressivos’, as interpretações que derivam e são dadas a esses textos incluem a submissão a

maridos agressivos.

Uma das passagens muito usadas é a de Malaquias 2:16 que diz que ‘*Deus odeia o divórcio.*’ Então, mulheres em relações abusivas, são aconselhadas em permanecer em submissão a despeito da injustiça e das agressões (Cesar, 2022:1). “O poder atribuído ao marido, tido na religião como o cabeça e o sacerdote do lar, faz com a violência contra a mulher possa ser justificada pelo simples facto de ela não ser uma esposa virtuosa” (Anjos, 2022:1). Esta é uma prática comum nos países latinos (como, por exemplo, está provado em várias pesquisas no Brasil), sendo que, em Portugal ainda permanece em oculto. A vivência seja na igreja como em casa ou na sociedade em geral, leva a comportamentos autoritários e dominantes do homem e de plena submissão por parte das mulheres devido ao ensino dado pelas autoridades da igreja.

A desigualdade de género, a violência contra as mulheres, o minar das mulheres e o estatuto marginal das mulheres são legitimados através de uma abordagem hermenêutica seletiva.

Enquanto a igreja pentecostal marginaliza as mulheres através da interpretação bíblica, há um poder, uma pessoa, uma força e princípio em jogo dentro e entre pentecostais, nomeadamente, o Espírito Santo, que critica culturas e interpretações da Bíblia que marginalizam e oprimem as pessoas. Uma vez que o Pentecostalismo não é apenas centrado no texto, mas também de uma forma profunda centrado no Espírito Santo, não deveria haver espaço para interpretações rígidas e literais da Bíblia que marginalizem as pessoas, especialmente as mulheres.

4.2 O conservadorismo Baptista

O apoio ao conservadorismo provém do que os membros aprendem na igreja, da rede de interações sociais e relações que a igreja proporciona, e da forma como as ideias e relações são estruturadas (Ammerman, 1987:134-146).

O pastor é reconhecido como a autoridade. É o pastor e, claro, é homem. O símbolo do espaço autoritário é o púlpito e só um homem pode estar atrás dele para pregar. Há três crenças principais que distinguem uma denominação conservadora de outras organizações religiosas,

particularmente os protestantes das linhas principais. (1) A Bíblia é infalível; não falha em cumprir o seu propósito. (2) A Bíblia é inerrante; não contém erros, contradições ou inconsistências para o passado, presente ou futuro e (3) a Bíblia deve ser interpretada literalmente; a verdade é fixa, não simbólica (Hook, 2009:11), (Ammerman, 1987:134-146).

Os conservadores consideram o Velho e Novo Testamentos como a divinamente inspirada Palavra de Deus e, portanto, inabalável e de autoridade suprema (Geisler, 2003:103-141).

Embora esteja bem documentado como os Batistas, principalmente os conservadores, a igreja, e os homens Batistas interpretam as Escrituras que descrevem e definem o papel de uma mulher em casa e na igreja, menos se sabe sobre como as mulheres Batistas interpretam as mesmas Escrituras que é usada para justificar a posição da igreja. Que significado atribuem à liderança? Que áreas ou posições de liderança as mulheres Batistas identificam como adequadas?

4.2.1 Autoridade Religiosa e Desigualdade de Género.

No que diz respeito aos assuntos da Igreja no âmbito da Convenção Batista (SBC)²¹, que é uma das maiores denominações cristãs nos Estados Unidos, as mulheres podem servir, mas não podem ter uma posição de autoridade ou desempenhar funções de liderança que impliquem a ordenação. Tal posição é reservada apenas para homens (Hook, 2009:5-29).

As denominações que apoiam a inerrância bíblica argumentam contra o clero feminino com base numa interpretação literal de um número selecionado de passagens bíblicas. Referindo-se a Keel (2006), Hook T. C. menciona que, as mulheres não devem assumir um papel sobre os homens no culto público, nem devem falar do púlpito ou do espaço de qualquer homem (Hook, 2009:12).

As mulheres que são excluídas dos papéis de liderança dentro das denominações religiosas conservadoras estão em desvantagem porque não lhes é permitido o acesso ao poder e à influência de um papel de liderança. Às mulheres é negada a capacidade, autoridade, privilégio e oportunidade de influenciar outras pessoas numa das mais poderosas instituições de socialização cultural.

O ministro ordenado deve ser ‘biologicamente masculino’, mas a posição e a autoridade das professoras femininas ainda são muitas vezes contestadas, porque ‘como é que as mulheres que não são ordenadas podem preparar os homens para o ministério?’ Para ensinar o género

na teologia, os homens ordenados devem estar convencidos de que se trata de uma questão genuinamente teológica. Uma vez que as mulheres não são ordenadas, mesmo quando ensinam, a sua posição é minada e os seus cursos não serão levados a sério, especialmente quando ensinam cursos de género e teologia (Hendriks, *et al*, 2012: 183-194).

As atitudes específicas do papel do género são influenciadas por numerosos fatores. As circunstâncias da vida são uma das principais determinações na forma como as mulheres estabelecem, interpretam e compreendem a igualdade de género. Emprego, estrutura familiar, nível educacional, idade e participação religiosa ajudam a prever como as ideias feministas ganham aceitação (Myers, 2006:292–304), no entanto, a denominação religiosa e a frequência da igreja tendem a estar mais fortemente correlacionadas com atitudes de género do que a idade ou a educação, já que as imagens religiosas parecem apoiar a supremacia masculina. Deus é pai, juiz, pastor, rei. Jesus e os doze apóstolos são todos homens. (Brinkerhoff; MacKie, 1988:1). A teóloga Mary Daly (1975:156) conclui: “Se Deus no céu 'dele' é um pai que governa o povo 'dele', então é na 'natureza' das coisas e de acordo com o plano divino e a ordem do universo que a sociedade é dominada por homens” (Daly, 1975: 1).

Para Bourdieu a modernidade não rompe com o passado. O velho e novo convivem no ‘*habitus*’. Isso tem enormes consequências na forma como o autor vê a persistência da desigualdade entre os géneros, mesmo com toda a mudança. Homens e mulheres inserem-se nas relações de dominação, reproduzindo-as na intimidade. (Bonelli, 2004:1). Bourdieu concebe o

desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino, como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação (Bourdieu, 2012:47).

²¹ Convenção Batista (SBC) – Original Inglês – (South Baptist Convention).

Além de negar às mulheres o direito de serem ordenadas, em muitas igrejas batistas, as mulheres não podem ensinar homens ou rapazes, não podem presidir a um comitê misto de gênero, ficar atrás do púlpito, interpretar as Escrituras e liderar a música (Chaves; Cavendish, 1997:574–584).

As mulheres batistas ensinam a escola dominical para crianças e outras mulheres, organizam estudos bíblicos, escolas bíblicas de férias, reavivamentos da igreja, funerais, casamentos e preparam refeições para as funções da igreja. Elas são autorizadas a nutrir os seus próprios filhos na fé, a envolverem-se em oração, assistir ao culto, e financiar eventos da igreja. Os deveres que são identificados como a “esfera da mulher” pela igreja, são geralmente deveres que se enquadram nas categorias femininas tradicionais – nutritivas, carinhosas, ouvintes e realizações de trabalho emocional (Shaw, 2008:63-87). Além dos deveres da igreja, elas são ensinadas, através das Escrituras bíblicas, que o seu papel principal é em casa; o seu papel é o da submissão aos seus maridos. Os líderes da Igreja argumentam que este papel é adequado e talvez até benéfico para as mulheres no papel de ‘mãe dedicada’ e que a esposa deve “*submeter-se a si mesma graciosamente ao seu marido*”, como estabelece a ‘SBC’ (a Convenção Batista do Sul), E.U.A. que representa, como denominação, cerca de dezasseis milhões de membros (Kloehn, 1998:1).

Citando Leonard, Bill J. autor da obra ‘*Baptists in America*’. (2005), Tina Colvin Hook transcreve,

Interpretações diversas da Bíblia e questões sobre os papéis de liderança das mulheres, particularmente o seu direito de serem ordenadas, têm causado debates e divisões dentro dos batistas durante anos. Alguns acreditam que ao negar às mulheres o direito de serem ordenadas, a Igreja está a negar-lhes o acesso a importantes papéis de liderança. Como resultado destes debates, os batistas identificaram o papel das mulheres dentro da igreja e do lar e as posições de liderança abertas a elas. Seguindo estes mandatos bíblicos, a igreja cumpre as suas tarefas divinamente nomeadas. Para os Batistas tradicionais, fazer o contrário seria minar o ensino das Escrituras (Hook, 2009:9).

O padrão estabelecido pelas igrejas pentecostais e batistas sobre o papel da mulher na igreja é diferencial. A restrição da mulher tanto nas igrejas pentecostais clássicas como entre as

batistas clássicas, nas relações de poder entre os géneros, é visível. Os deveres que são identificados como a “esfera da mulher” pela igreja batista,

...a existência de diferenças entre os géneros. As mulheres não se apropriam de um discurso próprio, porém, não se considera que seja impossível uma mudança. Os homens, na sua socialização imagética, estão ancorados em discursos machistas, tentando diminuir as contradições existentes na inserção da mulher na liderança religiosa ao lado de seu marido. Confirmou-se, então, que há uma aceitação da mulher como líder no espaço da igreja neopentecostal, porém com algumas ressalvas; que as mulheres continuam a avocar-se o direito natural de mãe, cuidadora nos espaços da igreja; e que o imaginário da mulher na liderança carrega as concepções tradicionais cristãs (Aragão Filho, 2011:6).

A presença feminina no pentecostalismo é notória desde o seu início. Embora William J. Seymour seja reconhecido como o líder do Avivamento de Azusa Street, foi uma mulher negra, que nasceu na escravidão no estado da Virgínia, a pastora Lucy Farrow²², que forneceu a faísca inicial que acendeu esse reavivamento. Ninguém associado à pequena reunião de oração liderada por Seymour tinha falado em línguas até que Farrow, a pedido de Seymour, chegou ao local e começou a colocar as mãos sobre as pessoas e ver Deus a enchê-las com o Espírito Santo como no livro de Atos. Ela também ministrou com o poder em todo o sul dos Estados Unidos e na Libéria, na África Ocidental (de onde os seus antepassados tinham sido trazidos como escravos para a América) (Kraft, 2017:1); (Miller, 2015:11-14).

O maior movimento pentecostal mundial, atinge Portugal no ano de 1913, dando início ao movimento Assembleias de Deus, com a chegada do missionário José Plácido da Costa, um cidadão português que havia emigrado para o Brasil aceitou a mensagem pentecostal através do contacto com os primeiros missionários pentecostais para o Brasil, Daniel Berg e Gunar Vingren, ambos Suecos, tendo-se envolvido fortemente com eles na propagação do Evangelho (Branco, 2020:1).

²² Lucy F. Farrow (1851–1911) foi uma pastora da Santidade afro-americana que foi fundamental nos primeiros fundamentos do pentecostalismo. Ela foi a primeira pessoa afro-americana a ser registada como tendo falado em línguas, depois de participar das reuniões de Charles Fox Parham, e é creditada por apresentar William J. Seymour a essa compreensão. (Alexander, Estrela (2005). ‘The Women of Azusa Street’. Pilgrim Press. pp. 39–46. ISBN 978-0-8298-1685-3)

Com ele vem a posição das mulheres na igreja, segundo os princípios que regiam Daniel Berg e Gunar Vingren. Embora Vingren reafirmasse a sua posição favorável ao trabalho feminino na Igreja, mas é confrontado por uma carta de Samuel Nyström²³ no dia 27 de setembro de 1929, onde este atacava com veemência o ministério feminino²⁴ tudo devido à atuação de Frida Vingren, esposa de Gunar (Fonseca; de Farias, 2010:24).

Tendo a sociedade passado por importantes e drásticas mudanças sociais, económicas e políticas nas últimas décadas, que levaram a uma contestação dos papéis tradicionais atribuídos aos homens e às mulheres, também estas mudanças se repercutiram nas igrejas, pois elas sofrem o impacto dessas transformações, e como resistência leva muitas delas a uma tomada de posição que, por vezes é radical.

²³ Samuel Nyström – sueco supervisor de Daniel Berg e Gunar Vingren.

²⁴ Diário de Gunnar Vingren. In: Dicionário do Movimento Pentecostal (Araujo, 2007:493).

Capítulo V - Para além do Impasse - Mulheres no ministério (O Caso da II Igreja Batista do Barreiro e da Igreja O Renovo)

Ainda temos de questionar o papel das mulheres no ministério? A resposta é “sim!” para muitos cristãos evangélicos conservadores. Para eles, as questões que rodeiam as mulheres no ministério congregacional ainda provocam um debate acalorado seja biblicamente, teologicamente e eclesiologicamente. Apesar de termos mulheres a servir nos mais altos cargos governamentais bem como nas mais diversas esferas da sociedade, os evangélicos continuam a examinar e a servirem-se das Escrituras em busca de respostas a perguntas acerca das mulheres no ministério e que assolam congregações e seminários conservadores.

5.1. As duas posições opostas da questão de liderança das mulheres

Alguns neopentecostais tomaram o que chamam de ‘*Posição Igualitarista*’ sobre as questões das mulheres na liderança da igreja, enquanto outros, mais conservadores, assumem uma ‘*Posição Complementarista*’. Ambas as partes querem chegar a um consenso sobre esta questão, mas não têm a certeza de como colmatar a lacuna.

5.1.1. A II Igreja Batista do Barreiro e a ‘*Posição Complementarista*’

Complementarismo é atualmente um assunto muito discutido no Evangelicalismo global. A cultura portuguesa tem passado por transformações e tem-se tornado, com esforço em certos setores, igualitária. Mas é um facto constatável que a pressão cultural tem influenciado a nossa teologia, quer o queiramos admitir ou não. Essa influência cultural atinge os dois lados. “Parte do que passa por pensamento complementar deve mais ao conservadorismo cultural... do que à teologia bíblica de homens e mulheres” (Turner, 202:1).

Os complementaristas acreditam que homens e mulheres foram criados igualmente à imagem de Deus, iguais em dignidade, valor, essência e natureza humana, mas têm papéis diferentes, complementares, ordenados por Deus, tanto na Igreja como no lar. Defendem que ao homem, foi dada a responsabilidade de assumir amável autoridade sobre a mulher, e à mulher a responsabilidade de oferecer uma assistência submissa, disposta e alegre ao homem. Também acreditam na chefia masculina na Igreja e no lar e acreditam que os homens devem espelhar Deus o Pai, que eles vêm como amoroso, sábio, protetor e o que tudo sabe. Para os complementaristas, há diferenças essenciais entre homens e mulheres que ditam os seus papéis.

Os igualitaristas pensam que o poder deve ser partilhado 50/50; os complementaristas acham que a distribuição deve ser, na memorável frase de um dos alunos bíblicos do primeiro ano do meu marido, ‘60/40 a favor do homem’ (Husbands; Larsen, 2007:242-163).

Nota-se aqui que, tanto o igualitarismo como o complementarismo parecem assentar sobre a distribuição do poder.

Como a maioria dos complementaristas entendem, Gênesis 3:15,16²⁵ informa-nos que o relacionamento entre o homem e a mulher, por causa do pecado, seria afetado pela inimizade mútua. Em particular, a mulher teria o desejo de usurpar a autoridade dada ao homem na criação, levando o homem, por sua vez, a governar a mulher de maneira justa e corretiva ou de maneira indevidamente abusiva.

A maioria dos complementaristas afirma que, o pecado causou uma rutura na ordem de liderança masculina e submissão feminina, em que, (a) a mulher estava inclinada, agora, a usurpar o direito masculino de liderar a mulher, e (b) que o homem estava inclinado a usar erroneamente seu direitos de liderança, seja pela pecaminosa abdicação da sua autoridade dada por Deus, conformando-se ao desejo da mulher de dominá-lo (e portanto, falhando em liderar como deveria), ou pelo pecaminoso abuso dos seus direitos de liderança por meio de uma dominância dura, cruel e exploradora da mulher.

Linda Belleville, que se considera igualitarista, explica que o debate se resume a quatro questões: “A Bíblia ensina uma estruturação hierárquica das relações masculinas e femininas? Encontramos mulheres em cargos de liderança na Bíblia? As mulheres na Bíblia assumem os mesmos papéis de liderança que os homens? A Bíblia limita as mulheres a preencher certos papéis de liderança?” (Belleville, 2000:24)

Sarah Sumner acredita que, “muitas das normas dentro da comunidade cristã são mais culturais do que bíblicas. Por exemplo, de acordo com as Escrituras, não há nada inaptamente masculino acerca de pregar.” (Sumner, 2003:105), e devemos pensar nas mulheres na frente de batalha da fé, assim como os homens. Sara escreve, “As mulheres de Deus estão incluídas na batalha do Senhor... Elas não se sentam à margem a ver os homens. Elas usam a armadura espiritual porque precisam dela. Há provas bíblicas de mulheres que lideraram homens” (2023:109). Em dadas alturas é correto o homem preservar uma mulher e essa mulher receber. Sarah Sumner conclui, “Mas noutras alturas...Deus faz ao contrário. As mulheres e a Igreja também estão aí, tal como os homens, a edificar o reino de Deus.” (Sumner, 2003:109). O propósito de Sumner é continuar a lembrar-nos que há uma “diferença entre o que nos ensinaram a pensar e o que a Bíblia diz ser verdade sobre homens e mulheres” (Sumner, 2003:112). Os argumentos de Sarah Sumner pretendem mover os complementaristas, enquanto avisa os igualitaristas de que a questão não é sobre o poder pessoal.

²⁵ Gênesis 3:15,16 “E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua concepção; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.”

Quase que diariamente, nas últimas décadas, principalmente a partir dos anos oitenta, em Portugal, tem havido um emergir de novas igrejas e, ao mesmo tempo, tem existido um fracionar de igrejas e de movimentos já existentes e estabelecidos há muito. Inquirimos e investigamos duas igrejas. Uma, já estabelecida desde 1962 e outra mais recente estabelecida em 2005.

A II Igreja Batista do Barreiro segundo a investigação e inquérito feito à pessoa do seu pastor principal (à data), Samuel Trancoso, tem uma visão minoritária Complementarista.

1. Breve análise histórica da II Igreja Batista do Barreiro

A II Igreja Batista do Barreiro é uma comunidade cristã evangélica sediada desde 1962 na cidade do Barreiro, Setúbal, Portugal. É membro da Aliança Evangélica Portuguesa e atualmente está localizada na Rua Teresa Borges 24A, 2830-106 Barreiro, Setúbal.

Teve início em 11 de março de 1962 na Rua Dr. Manuel de Arriaga, embora já tivesse a ser formada nos lares onde a mensagem do Evangelho já estava a ser anunciada.

Um missionário, vindo dos Estados Unidos, o Pastor Manuel Matthews, vendo a necessidade espiritual do povo do Barreiro, começou a pregar o Evangelho na rua e em casas particulares no Alto Seixalinho e Bairro das Palmeiras.

Após algum tempo tornou-se evidente e indispensável a fundação da primeira igreja. Um ano após terem iniciado as reuniões numa casa particular, em 1963 houve a oportunidade de alugar uma loja maior na Rua da Guiné, para onde mudaram; e ali se formou oficialmente a igreja. Hoje, conta com cerca de cem membros.

a) O pastor atual

Atualmente o pastor é Samuel Trancoso que tem estado à frente da igreja desde janeiro de 1996.

O pastor Trancoso foi consagrado ao ministério pastoral no dia 25 de maio de 1997. Estudou no Instituto Bíblico Palavra da Vida onde concluiu o curso de um ano. Em 1989 ingressou no Instituto Bíblico Português, Batista, concluindo o curso de três anos. Em outubro de 2007 completou o grau de mestrado em Teologia.

b) Correntes atividades

Aos domingos as atividades começam com a escola bíblica dominical às 10h30. O culto de pregação é efetuado às 17h00.

Às quintas-feiras existe o estudo bíblico e oração pelas 21h00 e aos sábados há atividades que envolvem crianças, adolescentes e jovens. Os Olímpicos (8-12 anos) às 10h30 e o Clube Bíblico para jovens pelas 16h00.

2. Conclusão da investigação feita à II Igreja Batista do Barreiro a respeito da sua posição acerca do papel da mulher na igreja.

As mulheres não podem cursar Teologia no Seminário para formarem-se teólogas em Portugal nem serem ordenadas pastoras. Quando mulheres são ordenadas ao ministério em qualquer outro país não têm a possibilidade de serem aceites ou reconhecidas em Portugal. Por isso, a posição é contrária a uma liderança feminina pois, segundo a orientação da II Igreja Batista do Barreiro este não é o papel bíblico da mulher.

Havendo uma valorização da mulher e tendo ela acesso a tomar a participar a ter ‘uma voz’ nas convenções batistas não tem acesso a cargos ou tomadas de posição nas cúpulas administrativas. Os mecanismos de impedimento da ascensão feminina à liderança não são perceptíveis apenas havendo o recurso a uma posição baseada na interpretação literal de passagens bíblicas.

As respostas ao inquérito efetuado mostram que, a mulher pretende vivenciar o mesmo prestígio e poder dos homens e que o fazem não como mulheres que são. Assim, a posição é que, a mulher batista está resignada ao seu papel tradicional e está disposta a sujeitar-se aos condicionamentos estabelecidos, sendo que ela se deve manter nos papéis de ajudadora e cuidadora. Mesmo com esta posição nítida a afirmação é que, não existe discriminação...

É inexistente a possibilidade de êxito em algum movimento de reivindicação das mulheres em liderança para serem aceites como líderes espirituais ao nível local e nacional, não estando os homens batistas dispostos a deixarem as mulheres ocuparem os espaços anteriormente ocupados tradicionalmente pelos homens, denotando assim uma posição irredutível da subordinação feminina e ao domínio masculino argumentando que, a liderança masculina estava no projeto original da criação. “‘A Queda’ levou ao desejo da mulher de usurpar o lugar legítimo do homem como governante e à inclinação do homem para ‘usar indevidamente os seus direitos de governo’” (Shaw 2008: 71). O pastor, homem, é reconhecido como a autoridade máxima.

As mulheres nesta igreja poderão ser consideradas “iguais em valor aos homens”, mas não podem ocupar cargos de liderança pastoral. Este padrão sugere um ponto de vista complementar, onde homens e mulheres são iguais, mas desempenham papéis diferentes. Esta posição denota uma postura conservadora, oriunda do

patriarcado, com uma intencionalidade mais rígida e oculta, manifestando-se por meio de ações que diminuem as mulheres. Note-se o que Tina Colvin Hook afirma na sua análise pois, transparece a causa da resistência contra a possibilidade do exercício ministerial das mulheres, “ordenar mulheres permitir-lhes-ia ter autoridade sobre os membros da igreja (incluindo os homens) e envolver-se em importantes processos de tomada de decisão” (Hook, 2009:10).

A questão aqui é que, as mulheres muitas vezes estão confinadas aos papéis de apoio em igrejas e relacionamentos complementares, impedidas de liderança, tomada de decisão e ensino. Em qualquer caso onde duas partes são supostamente iguais, mas a uma são concedidas oportunidades e direitos diferentes do que a outra, a verdadeira igualdade não está presente. Muitas igrejas passaram a aceitar e promover mulheres que exercem dons espirituais dentro da sua congregação, mas ainda existem grandes divisões sobre se a Bíblia apoia ou não as mulheres que assumem papéis de liderança sobre os homens (Paetzhold, 2016: 1-2).

A posição contra o clero feminino com base numa interpretação literal de um número selecionado de passagens bíblicas é claro e evidente.

5.1.2. A Igreja de O Renovo e a ‘Posição Igualitarista’

Os igualitários, por outro lado, acreditam que não só homens e mulheres foram criados igualmente à imagem de Deus, como também foram igualmente dotados, dizendo que Gênesis 1:26,27 que diz, ‘E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou’, não faz distinção entre homem e mulher no facto de que ambos são feitos igualmente à Sua Imagem (igualdade ontológica) e a ambos é dada a responsabilidade de dominar Sua criação (igualdade funcional).

Dizem que, Gênesis 1:26,27 mostra que o homem e a mulher compartilham a mesma natureza humana, são feitos à imagem de Deus e recebem de Deus o mandado de dominarem a terra. Não apenas há igualdade de ser ou natureza entre o homem e a mulher, há também, sendo mais importante ainda, igualdade de função ou tarefa – ambos devem dominar. E note-se que, não é feita distinção para dar ao homem uma posição superior neste domínio.

É de notar que a mulher como “auxiliadora” ou “ajudadora”, segundo Gênesis 2:18, “Então o Senhor Deus declarou: ‘Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda’”.

A palavra é עֲזָרָה ('ê-zer) (Strong's 5828)²⁶ no hebraico, sendo mais facilmente percebida como, aquela que veio para completar (completar algo que ainda não está completo) (Scott, 2010:1). Então, longe de colocar a mulher como subordinada ao homem, mostra quanto o homem deve à mulher. Notar que esta a palavra para 'auxiliadora' no hebraico é usada mais frequentemente para se referir a Deus, que não é de modo algum, subordinado àqueles a quem ajuda, ou que necessita de auxílio para agir ou existir. O ponto aqui, então, é que, o homem e a mulher precisam um do outro e, por isso, são parceiros iguais no relacionamento e não que a mulher esteja subordinada ao homem.

Nenhum papel ou posição na igreja se limita apenas a um gênero. Isto porque, como a dádiva dos dons espirituais da parte de Deus é neutra, e já que Deus espera que os Seus dons sejam usados na igreja, segue-se que homens e mulheres devem exercer igualmente seus dons na igreja. Os casamentos estão enraizados idealmente na negociação, no consenso e na submissão mútua, não na chefia. Eles pensam que a liderança exclusiva masculina na Igreja e em casa reprime as mulheres e pode, por vezes, levar a abusos.

A Igreja de O Renovo segundo a investigação e inquérito feito à pessoa do seu pastor principal, João Pedro Soares, tem uma visão minoritária igualitarista.

1. Breve análise histórica da Igreja O Renovo

A Igreja Cristã do Renovo é uma associação evangélica portuguesa fundada pelo empresário pastor João Pedro Santos e sua esposa pastora Ana Paula Santos, no dia 13 de fevereiro de 2005. É membro da Aliança Evangélica Portuguesa e possui sede na zona industrial do Casal do Marco, Seixal, Portugal e igrejas em Lisboa (Olival Bastos), Castelo Branco e Alentejo (Pias, Moura e Vila Nova de São Bento).

²⁶ Gênesis 2:18 “auxiliar” ou “ajudadora”. Esta palavra hebraica עֲזָרָה ('ê-zer) merece maior atenção. A mulher deveria ser apenas uma assistente prestativa do homem? Hoje em dia usamos a palavra “ajudante” no sentido de ajudante de serviços, entregar ao chefe a chave certa para o trabalho. Mas isso está longe do significado da palavra hebraica usada para descrever a primeira mulher. A palavra עֲזָרָה ('ê-zer) ocorre vinte e uma vezes no Antigo Testamento. Em dois casos refere-se à primeira mulher, Eva, em Gênesis 2. Três vezes refere-se a nações poderosas às quais Israel pediu ajuda quando sitiado. Nos dezasseis casos restantes, a palavra refere-se a Deus como o nosso auxílio, o nosso ajudador. Ele é aquele que vem para o nosso lado quando estamos desamparados. Esse é o significado de עֲזָרָה ('ê-zer). Como Deus não está subordinado às suas criaturas, qualquer ideia de que um ajudante עֲזָרָה ('ê-zer) seja inferior é insustentável.

“O substantivo usado aqui [ezer] em todo o Antigo Testamento não sugere 'ajudador' como em 'servo', mas ajuda, salvador, protetor como em 'Deus é nossa ajuda'. Em nenhuma outra ocorrência [desta palavra] no Antigo Testamento isso se refere a um inferior, mas sempre a um superior ou a um igual... 'ajuda' expressa que a mulher é uma ajuda/força que resgata ou salva o homem” (Payne, 2015:42,43)

a) O pastor atual

O ministério foi criado por João Pedro Santos, casado desde os 18 anos com Ana Paula Santos, tendo um casal de filhos e um casal de netos. Foi líder de grupos familiares, presidente da ADHONEP em Portugal e foi consagrado presbítero na última igreja que congregou.

Atualmente João Pedro Santos tem a designação de apóstolo e a sede tem vários pastores.

b) Correntes atividades

Aos domingos as atividades começam às 10h00 chamado o Domingo em Família. Também neste horário tem atividade os Filhos do Reino.

Às terças-feiras existe Intercessão às 10h00. Às sextas-feiras às 21h00 tem lugar a Corrente de Oração e no mesmo horário a Conexão Jovem.

Para além destas atividades ainda existe uma escola de música, reunião de mulheres, uma escola ministerial e os grupos em casa semanais intitulados de Redes Renovo.

2. Conclusão da investigação feita à Igreja O Renovo a respeito da sua posição acerca do papel da mulher na igreja.

As mulheres podem cursar Teologia nos Seminários que podem não pertencer à esta igreja, para se formarem teólogas em Portugal e serem ordenadas pastoras. Quando mulheres são ordenadas ao ministério em qualquer outro país têm toda a possibilidade de serem aceites ou reconhecidas em Portugal. Por isso, a posição não é contrária a uma liderança feminina pois, segundo a orientação da Igreja O Renovo poderá ser o papel bíblico da mulher.

Havendo uma valorização da mulher e tendo ela acesso a participar e a ter ‘uma voz’ nas convenções ou congressos mesmo assim, não tem acesso a cargos ou tomadas de posição nas cúpulas administrativas.

Percebe-se que, em termos de liderança feminina mesmo que elas tenham fundado uma igreja local deverão estar sob a direção do ministério em causa (referindo-se à centralidade de governo da Igreja O Renovo).

Os mecanismos de impedimento da ascensão feminina à liderança não são perceptíveis apenas havendo o recurso a uma posição baseada na interpretação literal de passagens bíblicas, onde se conclui que terá de haver não só uma supervisão, mas uma sujeição ministerial à cúpula.

Ao longo das gerações, as mulheres são mais propensas do que os homens a dizer que as expectativas desiguais são um grande obstáculo à liderança... feminina. A diferença é particularmente pronunciada entre os Baby Boomers; as mulheres Boomer têm cerca de duas vezes mais chances que os homens Boomer de oferecer essa visão (52% contra 25%) (Dimock, 2015:1).

As respostas ao inquérito efetuado mostram que, a mulher não pretende vivenciar o mesmo prestígio e poder dos homens e que o fazem como mulheres que são. Mas mesmo assim, a posição é que, a mulher no Renovo não está resignada ao seu papel tradicional e não está disposta a sujeitar-se aos condicionamentos estabelecidos, sendo que ela não necessita manter-se nos papéis de ajudadora e cuidadora. Com esta posição nítida a afirmação é que, existe descriminação...

A possibilidade de êxito em algum movimento de reivindicação das mulheres em liderança para serem aceites como líderes espirituais ao nível local e nacional é, aparentemente, existente estando os homens de O Renovo dispostos a deixarem as mulheres ocuparem os espaços anteriormente ocupados tradicionalmente pelos homens, denotando assim uma posição redutível da subordinação feminina ao domínio masculino. No entanto, o apóstolo pastor, é reconhecido como a autoridade máxima.

As mulheres nesta igreja poderão ser consideradas “iguais em valor aos homens”, e podem ocupar cargos de liderança pastoral. Este padrão sugere um ponto de vista igualitário, onde homens e mulheres são iguais, poderão desempenhar papéis diferentes, mas terão que estar sujeitas e submissas a uma autoridade superior.

A questão aqui é que as mulheres muitas vezes estão confinadas aos papéis de apoio em igrejas e relacionamentos complementares, impedidas de liderança, tomada de decisão e ensino. Em qualquer caso onde duas partes são supostamente iguais, mas a uma são concedidas oportunidades e direitos diferentes do que a outra, a verdadeira igualdade não está presente. Muitas igrejas passaram a aceitar e promover mulheres que exercem dons espirituais dentro de sua congregação, mas ainda existem grandes divisões sobre se a Bíblia apoia ou não as mulheres que assumem papéis de liderança sobre os homens (Paetzhold, 2016: 1-2).

A posição contra o clero feminino com base numa interpretação literal de um número selecionado de passagens bíblicas é claro e evidente.

Haverá possibilidade de consenso entre os igualitaristas e os complementaristas? Cremos que, estas duas ‘Posições’ poderiam, provavelmente, despende a maior parte da eternidade a debater sobre cuja interpretação das Escrituras e posição está mais perto da verdade...

Considerações Finais

Nas últimas décadas, a sociedade passou por muitas e importantes mudanças sociais, económicas e políticas, que levaram à contestação dos tradicionais papéis atribuídos aos homens e às mulheres. Nesse sentido, o campo religioso também sofreu o impacto dessas transformações, principalmente com a difusão do papel da mulher e Portugal não ficou de fora de toda esta transformação e evolução.

Neste trabalho procuramos investigar o atual papel da mulher na igreja Evangélica em Portugal, e a forma como ela foi e continua a ser tratada historicamente, bem como a importância de inseri-la como sujeito da observação.

O objetivo desta dissertação é não só observar o papel atual da mulher na igreja evangélica em Portugal, mas também, promover um debate mais interno na observação e prática real, pois muito do que é aparente não corresponde à vivência das intituladas ‘liberdades’ e ‘direitos’ anunciados e conquistados.

Neste mesmo trabalho utilizaram-se textos pesquisas e análises que procuram evidenciar a sua trajetória e função em diferentes tempos, particularmente, na igreja evangélica, descrevendo o papel principal da mulher, o seu trabalho e as transformações que ainda são necessárias para que a igreja comece a tratar a mulher sob um novo olhar. Fez-se também uma pequena referência ao pensamento de alguns estudiosos sobre o papel da mulher, a sua influência e a sua importância na busca pela tão almejada igualdade. Apresentaram-se ainda, reflexões sobre o papel da mulher em diversos períodos e segmentos da igreja.

Esta dissertação limitou-se a examinar o caso da II igreja Batista do Barreiro e da igreja O Renovo no papel atual da mulher na Igreja Evangélica em Portugal.

A II igreja Batista do Barreiro exibe todos os traços da ‘*Posição Complementarista*’ a qual “utiliza tanto da biologia quanto da Bíblia para produzir uma prática discursiva que atribui a homens e mulheres características essenciais determinados pela divisão sexual. Estes atributos procuram posicionar a mulher como formada, seja pela natureza, seja pelos mandamentos de Deus, para a maternidade e o casamento. A mulher desejaria instintivamente ser mãe e ocupar o lugar de esposa. Seria este o lugar apropriado para o seu melhor desenvolvimento na sociedade” (Gabat, 2016:101). A mulher é, então, mantida no seu papel tradicional com o reforço de passagens bíblicas interpretadas literalmente.

A igreja O Renovo tendo as três marcas principais do neopentecostalismo (cura, exorcismo e prosperidade) “oferece às mulheres a possibilidade de uma reelaboração das suas identidades no âmbito religioso” (Gabat, 2016:101).

Ao buscar alternativas de inserção comunitária em posições diferentes daquelas que ensejavam uma submissão irrestrita dentro de uma hierarquia marcadamente masculina, as mulheres passam a ocupar um lugar de importância estratégica dentro de suas igrejas (Gabatz, 2016:101).

Não pode passar despercebido que apesar do discurso ser aparentemente favorável ao papel relevante da mulher, a prática mostra que o papel do homem ainda é o mais evidente e proeminente pois, a apóstolo é o presidente e por ele passam todas as decisões.

Há evidências bíblicas e históricas de que, não só a igreja primitiva de Atos dos Apóstolos, como também as posteriores comunidades cristãs, não só sofreram a influência feminina como estiveram a cargo de mulheres. Priscila, Lídia, Febe ou Júnias são alguns exemplos de mulheres, dentre outras, que estiveram ‘na frente’. Elas não estiveram retidas no diaconato feminino (que alguns líderes advogam como um grande avanço na liberdade da mulher na igreja) mas exerceram papéis de liderança, pregação, governo e expansão, sendo uma delas a muito discutida Júnias, *Iouian*, (que todas as traduções mais antigas consideram apenas como feminina), tendo exercido o apostolado cujo ofício não era restrito aos doze Apóstolos iniciais, como não o foi o do apóstolo Paulo. Dizer que Júnias era uma líder é uma coisa e dizer que ela era apóstolo é outra coisa bem diferente! Procuramos analisar a profundidade e as implicações do exercício de algumas mulheres que não só foram relevantes, mas cujo papel traz ao de cima a sua influência e impacto.

Na atualidade, embora haja uma pretenciosa preocupação no discurso oficial da Igreja, no que respeita à dignificação da mulher em geral dentro do contexto dos valores cristãos, mas observa-se que o problema reside na prática e não tanto no que tem sido escrito e dito. Ao observar-se, a forma como esses valores têm sido aplicados há uma falta de maior empenho em fazer com que a mulher aceda a instâncias tanto de gestão como de governação. Nestes espaços a presença feminina é restrita senão ausente. A mulher é mantida no ‘seu lugar’ tradicional e retida no que não deveria de ser. Observa-se, ainda hoje, a continuidade da masculinização, que é defendida por muitos, acerrimamente, sustentando essa posição com passagens bíblicas fora de contexto e numa exegese bíblica totalmente distorcida, como no caso de 1 Timóteo 2:12²⁶ ou 1 Coríntios 14:33-35²⁷, advogando que a Bíblia realmente proíbe papéis de liderança e, logo, governo na igreja.

A despeito do impacto social do feminismo nas últimas décadas que provocou um aumento da presença feminina no espaço público, a igreja manteve a mulher aquém das posições de liderança e autoridade governativa, fora dos padrões assumidos pelo caráter de liderança no período do Novo Testamento. Entretanto, a mulher nas últimas décadas tem reagido e deixado o âmbito doméstico para se inserir e participar do espaço público que era da predominância do homem. O ela desejar ser dona de sua própria vida, ter uma voz e uma carreira provocaram um impacto que tem originado uma mudança de mentalidade acompanhada de uma reação não muito favorável da parte da

²⁶1 Timóteo 2:12 – ‘E não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade sobre o homem. Esteja, portanto, em silêncio.’ https://bibliaportugues.com/1_timothy/2-12.htm.

²⁷1 Coríntios 14:33-35 – ‘Porque Deus não é Deus de confusão, senão de paz, como em todas as igrejas dos santos. As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é indecente que as mulheres falem na igreja.’ <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1co/14>.

supremacia masculina. Havendo assim, ainda, a tentativa da imposição do então aceite como o ‘natural’ papel da mulher que, durante séculos lhe foi imposto. Uma das áreas mais notórias é a da educação. ‘De cada 10 pessoas pobres no mundo, 7 são mulheres. Mais de 60 milhões de meninas não vão à escola e mais de 500 milhões de mulheres não sabem ler e escrever.’²⁸

Muitas mulheres sentem uma grande resistência no que respeita ao seu papel ativo em liderança dentro da igreja embora a voz feminina começa a ser ouvida cada vez mais. No entanto, ainda continua existente ‘...um estigma vinculado à mulher como uma fonte sedutora para o medo, pecado e uma ameaça à castidade masculina...’ (Bingemer, 2017:34).

O papel do homem, na igreja, ainda continua a prevalecer e a impor-se com um tom de dominância patriarcal, apesar de alguns avanços.

‘A discriminação contra as mulheres na igreja se relaciona a questões mais profundas do que simplesmente o poder físico, formação intelectual e a habilidade de trabalhar. A igreja ainda é formada por uma forte identidade patriarcal. Por trás dessa identidade patriarcal subjaz a crença na superioridade masculina, refletida não só na parcialidade intelectual, mas também no que podemos denominar de parcialidade ontológica. A teologia feminista tenta superar essa discriminação através de seu discurso.’ (Bingemer, 2017:34).

As mulheres envolvidas no ministério de Jesus ousaram desafiar as estruturas do poder de uma sociedade patriarcal. Mesmo tendo nascido e vivido numa sociedade centrada no homem, Jesus caracteriza-se por relações de igualdade, de semelhança e de paridade tendo provocado que o ser mulher e assumir uma liderança anteriormente desempenhada por homens, é uma grande conquista tendo provocado com que as mulheres desempenhassem um papel deveras fulcral na evangelização e noutras atividades espirituais, como o ensino, na liderança de orações públicas, etc., tendo elas sido, também, alvo de perseguição como nos é provado por Atos 8:3 ‘E Saulo assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão.’ (Bíblia Online). Elas exerceram ministérios fundamentais tanto em Jerusalém como em Coríntio bem como noutras localidades transformando, assim, a sua condição de submissão e inferioridade.

‘Na contemporaneidade a mulher tem conquistado posições de destaque em espaços da sociedade que até há pouco tempo em um passado não tão distante eram exclusividade do homem. Todavia, com o passar do tempo, dentro das igrejas evangélicas a mulher, mesmo no meio de uma cerrada cruzada fundamentalista, tem conquistado seu espaço.’ (Teixeira; Leal; Almeida; Conceição, 2018:11).

Sendo que as mulheres, mesmo no presente, representam uma parcela bastante expressiva do mundo das igrejas evangélicas, e tendo em conta o que elas têm contribuído bem como realizado dentro das mesmas, nada seria mais justo do que lhes abrir espaços dando-lhes não só a liberdade como a oportunidade do exercício real clerical, de forma a que possam ter condições de oferecer

²⁸ IHU. Mais de 500 milhões de mulheres em todo o mundo não sabem ler e escrever. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/552221-mais-de-500-milhoes-de-mulheres-em-todo-o-mundo-nao-sabem-ler-e-escrever> Publicado em 04/03/2016. Acesso em 07/03/2021.

uma participação e intervenção maior nestes campos religiosos. Nas palavras de Luiz Carlos Cancellier de Olivo e de Athena de Oliveira Nogueira Bastos,

‘Cabe à sociedade contemporânea conscientizar-se para reverter o facto inegável do esforço de suprimir os direitos das mulheres e promover a desconstrução desse legado no tocante ao papel e aos direitos da mulher.’ (de Olivo; Bastos, 2017:97).

Lista de Recursos Consultados

Artigos

- Ahrons, C. (1981). 'The continuing coparental relationship between divorced spouses' *American Journal of Orthopsychiatry*, 51(3). Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1111%2Fj.1939-0025.1981.tb01390.x>. Acesso em: 23.10.2021.
- Almeida, Bruna Rosa de; Gomes, Rafael de Souza Pereira. (2018). '*Feminilidade e Feminismo—Considerações Psicanalíticas sobre as Mulheres do Século XXI*'. Edição 2016: TCC – Psicologia. Disponível em: <https://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/103>. Acesso em: 23.01.2024.
- Andrade, Daphne; Machado, Priscila. (2019). 'A dupla discriminação de gênero nas interações trabalho-família' *Revista Interdisciplinar da PUC Minas do Barreiro*. N°.9. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/percursoacademico/article/view/19445>. Acesso em: 20.11.2021.
- Andrade, Luana; Andrade, Cássia. (2012). 'O Papel da Mulher na Sociedade Contemporânea em Divã' *Anais Eletrônicos do IV Seminário Nacional Literatura e Cultura*. São Cristóvão/SE: GELIC/UFS, V. 4. ISSN: 2175-4128. Disponível em: <https://docplayer.com.br/10473690-O-papel-da-mulher-na-sociedade-contemporanea-em-diva.html>. Acesso em: 29.11.2021.
- Anjos, Simony. (2022). '*Igrejas Evangélicas e a Violência Doméstica, um Tema Urgente*'. Carta Capital - Diálogos da Fé. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/igrejas-evangelicas-e-a-violencia-domestica-um-tema-urgente/>. Acesso em: 24.01.2024.
- Arruda, J. (1941). 'Posição social da mulher na antiga Roma'. *Revista Da Faculdade De Direito, Universidade de São Paulo*, 36(1-2), 195-205. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:EcQeD3Lz56kJ:https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/download/65973/68584/+&cd=3&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>. Acesso em: 27.01.2021.

- Banerjee, Lopa. (2016). 'The Role of Faith-Based Organizations, Institutions and Actors in Achieving Gender Equality Through the Implementation of Agenda 2030'. *Civil Society Section, UN Women* - The 60th session of the UNCSW. Disponível em: https://www.partner-religion-development.org/fileadmin/Dateien/Resources/Knowledge_Center/Religion_and_Gender_Equality_UNWOMEN.pdf. Acesso em: 02.06.2022.
- Barata, F. (2016). 'A Mulher em Roma'. *Apontamentos e contributos sobre a condição feminina na Roma Antiga*. Disponível em: <https://www.academia.edu/>. Acesso: 22.06.2020.
- Barreto, A. (2002). 'Mudança social em Portugal, 1960-2000 [Social change in Portugal, 1960-2000]', Working paper. Lisbon: *Instituto de Ciências Sociais*. Disponível em: <http://www.fcs.unl.pt/docentes/luisrodrigues/textos/Mudanca%20Social%20em%20Portugal%20Antnio%20Barreto.pdf>. Acesso em: 30.01.2021.
- Batista, R. K.; Oliveira, A. P.; Grokorriski, R. (2017). 'A influência do mito: A mulher como origem do mal na sociedade ocidental'. *XV Jornada Científica dos Campos Gerais - Ponta Grossa*, 25 a 27 de outubro. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/jornada/article/view/513>. Acesso em: 23.01.2021.
- Barro, J. H. (2017). '500 ANOS DA PRESENÇA PROTESTANTE NO MUNDO - A Participação das Mulheres na Reforma Protestante'. *Faculdade Teológica Sul Americana*. Disponível em: <https://ftsa.edu.br/home/index.php/artigo/467-500-anos-da-reforma-protestante-parte-3>. Acesso em: 29.01.2021.
- Bingemer, M. C. L. (2017). 'A mulher na igreja e na sociedade'. *Annales, Belo Horizonte*, v.2 n.4: V Colóquio de Teologia e Pastoral. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/3867>. Acesso em: 03.03.2021.
- Blesio, Emy. (2014). 'The Woman-The Role of Women in the Today's Society' *The World Community of Indian Culture & Traditional Disciplines*. Disponível em: file:///C:/Users/faith/Downloads/THE_WOMAN_ROLE.pdf. Acesso em: 28.10.2021.

- Borges, J. C.; Lapolli, É. M.; Amaral, M. R. (2020). '*A mulher e suas concepções históricas*'. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 05, Ed. 06, Vol. 09. junho de. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/concepcoes-historicas#5-A-MULHER-DA-IDADE-MODERNA?pdf=52704>. Acesso em: 27.01.2021.
- Boris, G.D. J. Bloc; Cesidio, Mirella de Holanda. (2007). 'Mulher, corpo e subjetividade - uma análise desde o patriarcado à Contemporaneidade'. *Revista Mal Estar e Subjetividade*. Versão impressa ISSN 1518-6148. Versão On-line ISSN 2175-3644 Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1518-61482007000200012. Acesso em: 03.02.2021.
- Branco, P. N. M. (2020). 'AG of Portugal'. *Seag fellowship-Southern Europe Assemblies of God Fellowship* - Official Website. Disponível em: <http://www.seagfellowship.org/ag-of-portugal/>. Acesso em: 23.01.2020.
- Brissos-Lino, José. (2023). 'Há evangélicos e evangélicos...'. *Visão. Opinião – Vestígios de azul*. Disponível em: <https://visao.pt/opinio/vestigios-de-azul/2023-10-18-ha-evangelicos-e-evangelicos/>. Acesso em: 19.10.2023.
- Brown, M. V. (2020). 'The "Woman" of Augustine of Hippo'. *CBE International*. Disponível em: <https://www.cbeinternational.org/resource/article/priscilla-papers-academic-journal/woman-augustine-hippo>. Acesso em: 29.01.2021.
- Burke, K.C. (2012:122-133). 'Women's Agency in Gender-Traditional Religions: A Review of Four Approaches'. *Sociology Compass*, 6(2). Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1751-9020.2011.00439.x>. Acesso em: 10.02.2021.
- Caballero, C. (2010:133). 'A Gênese da Exclusão - o Lugar da Mulher na Grécia Antiga'. *Sequência Estudos Jurídicos e Políticos* 20(38). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/47427108_A_genese_da_exclusao_o_lugar_da_mulher_na_Grecia_antiga. Acesso em: 27.01.2021.

- Caldeira, R. C. (2017). 'Considerações Sobre a Igreja Católica Romana e a Evolução de Sua Compreensão sobre os Direitos Humanos'. *Dossiê: Religião, Direitos Humanos e Direitos da Natureza*. DOI – 10.5752/P.2175-5841. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2017v15n47p770>. Acesso em: 6.02.2021.
- Cesar, Marília de C. (2022). 'A violência doméstica afeta milhares de mulheres brasileiras. A igreja está contribuindo para piorar o problema?'. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/ct/2022/january-web-only/violencia-domestica-mulheres-brasileiras-igreja-pastores-pt.html>. Acesso em: 24.01.2024.
- Coelho, F. S. (2016). 'Testemunho de Agostinho e Jerônimo sobre as Mulheres na Antiguidade Tardia a Partir de Missivas Cristãs'. *Revista Ágora Vitória* n. 23. ISSN: 1980-0096. Disponível em: https://www.academia.edu/34355108/TESTEMUNHO_DE_AGOSTINHO_E_JER%C3%94NIMO_SOBRE_AS_MULHERES_NA_ANTIGUIDADE_TARDIA_A_PARTIR_DE_MISSIVAS_CRIST%C3%83S. Acesso em: 29.01.2021.
- Condé, A. (2019). 'Papel da mulher na sociedade contemporânea: aspectos psicológicos'. *Centro integrado Bella*. Disponível em: <https://centrointegradobella.com.br/mulher-na-sociedade-contemporanea/>. Acesso em: 30.01.2021.
- da Costa, L. R. (2013). 'História e Gênero: A Condição Feminina no Século XIX a Partir dos Romances de Machado de Assis'. *Revista Eletrônica Discente História.com*, Cachoeira, vol. 1, n. 2. Disponível em: <file:///E:/UNIVERSIDADE/TESE/2020/Raquel/Research/117-Texto%20do%20artigo-362-1-10-20140609.pdf>. Acesso em: 15.02.2021.
- de Gouges, O. (1791). 'Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã'. *Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis*. V.4 n.1 Florianópolis jan/jun. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-dos-direitos-da-mulher-e-da-cidada-1791.html>. Acesso em: 29.01.2021.

- de Oliveira, João; Amâncio, Lúcia. (2002). 'Liberdades Condicionais - O Conceito de Papel Sexual Revisitado' *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 40. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/335/1/40-3.pdf>. Acesso em: 24.11.2021.
- de Olivo, L. C. C.; Bastos, A. O. N. (2017). 'A Literatura Bíblica e a Restrição de Direitos às Mulheres na História do Direito Ocidental'. *ANAMORPHOSIS – Revista Internacional de Direito e Literatura*, v. 3, n. 1. RDL – doi: 10.21119/anamps. Disponível em: <http://rdl.org.br/seer/index.php/anamps/article/view/306>. Acesso em: 03.03.2021.
- de Sousa, I. (2004). 'A MULHER NA IDADE MÉDIA: ametamorfose de um status'. *Revista da FARN, Natal*, v.3, n.1/2. jul. 2003/jun. Disponível em: <http://revistas.unirn.edu.br/index.php/revistaunirn/article/download/97/109/>. Acesso em: 29.01.2021.
- Dias, P.B. (2015). 'Uma Família, uma Cidade e um Império na Encruzilhada Religiosa. A Propósito da Introdução da Epístola a Leta 1-2'. *Universidade de Coimbra. Humanitas* 67. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/38089/1/Uma%20Familia%2C%20uma%20Cidade%20e%20um%20Imperio.pdf>. Acesso em: 29.01.2021.
- Costa, Irla Carvalho, Fernanda; Paiva, Maria. (2010). 'O olhar de três gerações de mulheres a respeito do casamento'. *Boletim de Psicologia, Vol. LIX, Nº 131*: 223-235. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v59n131/v59n131a08.pdf>. Acesso em: 30.10.2021.
- Diniz, M. (2006). 'Para a história das mulheres na Pré-História: em torno de alguns atributos do discurso'. *Promontoria Ano 4 Número 4. Centro de Arqueologia Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/61523518.pdf>. Acesso em: 23.01.2020.
- Domingues, J. E. (2020:1). 'Mulheres ao longo da História (4): Grécia Antiga'. *Ensinar História*. Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/mulheres-ao-longo-da-historia-4-grecia-antiga/>. Acesso em: 27.01.2021.

Domingues, J. E. (2015:1). 'A beleza da Grécia Antiga ao século XIX'. *Ensinar História*. Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/a-beleza-na-grecia-antiga-e-hoje/>. Acesso em: 30.01.2021.

dos Anjos, S. (2018). 'O Pecado original, a submissão e o dever da procriação: o tripé da opressão da sexualidade das mulheres'. *Coluna Féministas*. Disponível em: <http://www.justificando.com/2018/08/13/o-pecado-original-a-submissao-e-o-dever-da-procriacao-o-tripe-da-opressao-da-sexualidade-das-mulheres/>. Acesso em: 22.02.2021.

Ecklund, E. H. (2005). 'Different Identity Accounts for Catholic Women'. *Rice University. Review of Religious Research*, Volume 47:2. Disponível em: http://www.owlnet.rice.edu/~ehe/doc/Ecklund_ReviewReliResearch_47_2.pdf. Acesso em: 6.02.2021.

Faria, Natália. (2017). 'Minorias protestantes em Portugal formam um puzzle em contínuo crescimento'. *Público – religião*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/10/31/sociedade/noticia/minorias-protestantes-em-portugal-formam-um-puzzle-em-continuo-crescimento-1790781>. Acesso em: 14.10.2022.

Fernandes, C. (2002). 'A situação da mulher na Idade Média'. *Brasil Escola. História*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historia/a-situacao-da-mulher-na-idade-media.htm>. Acesso em: 15.02.2021.

Ferrari, M. (2008). 'Erasmus de Roterdão - O porta-voz do humanismo'. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1835/erasmo-de-roterda-o-porta-voz-do-humanismo>. Acesso em: 29.01.2021.

Fleck, Ana; Wagner, Adriana. (2003). 'A Mulher como a Principal Provedora do Sustento Económico Familiar' *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 8, num. esp. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/yJ7FJKchnyMrnhgPPp463yc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03.12.2021.

Figueiredo, Mariana; Diniz, Gláucia. (2018). 'Mulheres, casamento e carreira um olhar sob a

perspectiva sistêmica feminista' *Nova Perspectiva Sistêmica*, n. 60. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nps/v27n60/v27n60a08.pdf>. Acesso em: 23.10.2021.

Gabatz, Celso. (2016). 'As mulheres nas igrejas neopentecostais: a busca pelo protagonismo em meio a tradições hegemônicas'. *Sociedade e Cultura*, vol. 19, núm. 2. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: Vista do As mulheres nas igrejas neopentecostais: a busca pelo protagonismo em meio a tradições hegemônicas (ufg.br). Acesso em: 02.10.2023.

Fonseca, A. D.; de Farias, M. N. (2010:24). 'Relações de Gênero e Cultura Religiosa: Um Estudo Comparado sobre a Atuação Feminina na Igreja Evangélica Luterana do Brasil e a Assembleia de Deus'. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, 4-1: 6-41. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/84>. Acesso em: 23.01.2020.

Gabatz, C. (2016). 'As Mulheres nas Igrejas Neopentecostais: a Busca pelo Protagonismo em Meio a Tradições Hegemônicas'. *Universidade Federal de Goiás – Sociedade e Cultura*. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/703/70352146008/html/>. Acesso em: 11.03.2020.

Gabaitse R. M., (2015). 'Pentecostal hermeneutics and the marginalization of women'. *Theology and Religious Studies University of Botswana - Scriptura*. On-line version ISSN 2305-445X2015. vol.114. Stellenbosch. Disponível em: http://www.scielo.org/za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2305-445X2015000100005. Acesso em: 10.08.2020.

Gagarin, M. (2012:73-92). 'Women's Property at Gortyn'. *Semantic Scholar*. DOI:10.13130/1128-8221/3492Corpus ID: 193943292. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/WOMEN%E2%80%99S-PROPERTY-AT-GORTYN-Gagarin/0e3ca640e7c94a80dca354348507bbcb846a36a0>. Acesso 25.01.2021.

González, P. (2014). 'Gender Issues of the Recent Crisis in Portugal'. In *Revue de l'OFCE* Volume 133, Issue 2. ISSN 1265-9576. ISBN 9782312008363. Disponível em: <https://www.ofce.sciences-po.fr/pdf/revue/9-133.pdf>. Acesso em: 31.01.2021.

Greer, G. (2014). 'Elizabeth Melville Day'. *Way Back Machine*. Disponível em: *Way Back*

- Machine*. Disponível em:
<https://web.archive.org/web/20140512220940/http://www.historyfest.co.uk/pages/elizabeth-melville-day>. Acesso em: 15.02.2020.
- Grzybowski, Luciana; Wagner, Adriana. (2010). ‘Casa do pai, casa da mãe a coparentalidade após o divórcio’. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Jan-Mar 2010, Vol. 26 n. 1. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ptp/a/9nVDRLhm4xH44wbQtQMBZxB/?lang=pt>. Acesso em: 23.10.2021.
- Haldeman A. M. (1973). ‘The Role of Women in the Early Christian Church’. *Adventist Archives*. Disponível em: <https://www.adventistarchives.org/the-role-of-women-in-the-early-christian-church.pdf>. Acesso em: 10.03.2020.
- Hook, T. C. (2009:9). ‘Women's Perceptions of Leadership Roles within a Southern Baptist Congregation’. *Georgia Southern University - Digital Commons@Georgia Southern*. Disponível em:
<https://digitalcommons.georgiasouthern.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1612&context=etd>. Acesso em: 03.08.2020.
- Iop, E. (2009: 231). ‘Condição da mulher como propriedade em sociedades patriarcais’. *Universidade do Oeste de Santa Catarina*. Visão Global, Joaçaba, v. 12, n. 2, jul./dez. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/view/623>. Acesso em: 23.01.2021.
- Jablonski, Bernardo. (2010). ‘A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento’ *Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Psicologia Ciência e Profissão*, 30 (2). Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pcp/a/mJKLzrKLJCcMpnNHfr9PcGt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24.11.2021.
- Just, A. N. (2014). ‘The Catholic Church: Shaping the Roles of Medieval Women’. *Portland State University*. PDXScholar. Young Historians Conference. Disponível em:
<https://pdxscholar.library.pdx.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1057&context=younghistorians>. Acesso em: 12.02.2021.

- Khanna, Meera (2016:14). 'Hinduism and Women's Rights: A Dowry of Knowledge'. *Women, Faith and Human Rights* - UNFPA. ISBN: 978-1-61800-026-2. Disponível em: <https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/WFHR.pdf>. Acesso em: 02.06.2022.
- King, K. L. (1998). 'Women In Ancient Christianity: The New Discoveries'. Front Line – The First Christians. Disponível em: <https://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/religion/first/women.html>. Acesso em: 09.10.2019.
- Kraft, T. L. (2017). 'Lucy Farrow - The Woman Who ignited the Flame at Azusa Street'. *Azusa Street Revival, early 1900s, Lucy Farrow*. Disponível em: <https://www.hhhhistory.com/2017/12/lucy-farrow-woman-who-ignited-flame-at.html>. Acesso em: 23.01.2020.
- Leite, E. S. (2013). 'O cristianismo jeronimiano e as nobres mulheres de Roma: uma reflexão a partir das cartas de São Jerônimo'. *XXIX Simpósio de História Nacional. Contra os preconceitos: História e Democracia*. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1489502772_ARQUIVO_artigo-OcristianismojeronimianoeasnobresmulheresdeRomaumareflexaoapartirdascartasdeSaoJeronimo.pdf. Acesso em: 29.01.2021.
- Lauriola, R. (2005). '*Pandora, o mal em forma de beleza: o nascimento do Mal no mundo grego antigo*'. trad. Eva Bueno. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 52, setembro. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/052/52elauriola.htm>. Acesso em: 27.01.2021.
- Lopes, M. N.; Dellazzana-Zanon, L. L.; Boechel, M. G. (2014). 'A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia'. *Trends in Psychology / Temas em Psicologia*, Vol. 22, nº 4, 917-928. ISSN 1413-389X DOI: 10.9788/TP2014.4-18. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v22n4/v22n04a18.pdf>. Acesso em: 03.02.2021.
- Lopes, Manuela Nunes; Dellazzana-Zanon, Leticia Lovato; Boeckel, Mariana Gonçalves. (2014). 'A Multiplicidade de Papéis da Mulher Contemporânea e a Maternidade Tardia'. *Trends in Psychology / Temas em Psicologia*. Vol. 22, nº 4, 917-928. DOI: 10.9788/TP2014.4-18. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v22n4/v22n04a18.pdf>. Acesso em:

23.01.2024.

Machado, M. D. C. 'Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais'. *Revista Estudos Feministas, Florianópolis*, v. 13, n. 2, ago. 2005:387-396. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/WspmXzNp7XKHytvBzvwl/abstract/?lang=pt>. Acesso em 17.06.2020.

Martins, M. L.; Alexandre, M. C.; de Souza, P. E.; Costa, B. A.; Campos, G. M.; Borges, L. H. F. (2019). 'Grécia Antiga: A Posição da Mulher sob a Ótica Masculina'. V *Seminário Científico do UNIFACIG*. IV Jornada de Iniciação Científica do UNIFACIG – 07 e 08 de novembro. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:7G0Ellkyf5AJ:pensaracademico.facig.edu.br/index.php/seminariocientifico/article/download/1167/1069+&cd=8&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>. Acesso 25.01.2021.

Maslak, M. (2017). 'The role of women in the Catholic Church: Two feminist scholars debate'. *Catholic News Agency*. Disponível em: <https://cruxnow.com/global-church/2017/02/role-women-catholic-church-two-feminist-scholars-debate/>. Acesso em: 6.02.2021.

Masoni, M. (2013). 'O Feminismo e sua contribuição para as relações internacionais'. *Bennett - Centro Universitário Metodista*. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/25076762/o-feminismo-e-sua-contribuicao-para-as-r-i>. Acesso em: 15.02.2021.

Maxwell. (1985). 'A feminilidade na Europa burguesa'. *PUC Rio-Certificação digital n°*. 0913412/CA. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34584/34584_3.PDF. Acesso em: 15.02.2021.

Meeks, W. A.; White L. M., (2014). Frontline: 'From Jesus to Christ - the first christians: paul's mission and letters'. *PBS - Masterpiece*. Disponível em: <https://www.pbs.org/>. Acesso: 2020.08.13.

Mello, A. G. S.; de Lima, D. B. (2016). 'A mulher e os desafios na conquista do pastorado: Um estudo de caso em uma igreja evangélica Assembleia de Deus na cidade de Manaus'. *Coisas do Gênero – Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião*. São Leopoldo |

v. 2 n. 1. Disponível em:
<http://est.com.br/periodicos/index.php/genero/article/viewFile/2753/2608>. Acesso em:
03.03.2021.

Mendelson, M. (2019). 'Saint Augustine'. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/augustine/>. Acesso em: 29.01.2021.

Mongelós, R.; Neves, M.; Ribeiro, R.; Acácio, C. (2011). 'A Condição da Mulher no Império Romano, Noções Jurídicas e Sociais'. *Anais do II Encontro Nacional de Produção Científica do Grupo Institucional de Pesquisa em Direitos Humanos e Fundamentais – GPDH*. Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus/BA. Disponível em: <http://www.redireito.org/wp-content/uploads/2013/05/3-A-CONDI+%C3%A7+%C3%A2O-DA-MULHER-NO-IMP+%C3%ABRIO-ROMANO-falta-a-parte-de-Camila.pdf>. Acesso em: 27.01.2021.

Mowczko, M., (2011). "‘Igualdade’ nas Cartas de Paulo". *Exploring the biblical theology of Christian egalitarianism*. Disponível em: <https://margmowczko.com/portugues/igualdade-nas-cartas-de-paulo/>. Acesso em: 12.10.2019.

Mowczko, M. (2014). 'Paul and Women, in a Nutshell'. *Exploring the biblical theology of Christian egalitarianism*. Disponível em: <https://margmowczko.com/paul-and-women-in-a-nutshell/>. Acesso em: 25.02.2021.

Narvaz, M. G.; Koller, S. H. (2006). 'Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa'. *Psicologia & Sociedade* On-line version ISSN 1807-0310. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Psicol. Soc. vol.18 no.1 Porto Alegre Jan./Apr. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000100007. Acesso em: 23.01.2020.

Neto, A. L. G. (2016). 'Mulheres na Assembleia de Deus: para se pensar a categoria gênero além do estruturalismo'. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 18 n.2. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21999>. Acesso em: 03.03.2021.

- Odell-Scott, D.W., (2000:68-74). 'Editorial dilemma: the interpolation of 1 Cor 14:34–35 in the western manuscripts of D, G and 88.' Em *Biblical Theology Bulletin A Journal of Bible and Theology*. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/>. Acesso: 13.08.2020.
- Oliveira, Cibele; Traesel, Elisete. (2008). 'Mulher, Trabalho e Vida Familiar: A Conciliação de Diferentes Papéis na Atualidade' *Disc. Scientia. Série: Ciências da Saúde, Santa Maria*, v. 9, n. 1. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/943>. Acesso em: 03.12.2021.
- Pelecioli, C. I. (2012). 'Papel da mulher na sociedade contemporânea'. *Pelecioli advogados*. Disponível em: <http://www.pelecioliadvogados.com.br/o-papel-da-mulher-na-sociedade-contemporanea/>. Acesso em: 30.01.2021.
- Pederson, R. (2007:9). 'The Lost Apostle: Searching for the Truth About Junia'. *John Wiley & Sons*. Disponível em: http://cemes-en.weebly.com/uploads/2/7/8/8/27884917/17b_paul_vasileiadis_o_or_h.pdf. Acesso em: 25.02.2021.
- Ponzellini, A. M.; Seveso, F. R. P.; Aumayr, C.; Wolf, F. (2010) 'Addressing the gender pay gap: Government and social partner actions'. *European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions*. Disponível em: https://www.eurofound.europa.eu/sites/default/files/ef_files/docs/eiro/tn0912018s/tn0912018s.pdf. Acesso em: 31.01.2021.
- Preto, D. J. (2019). 'Junia, a Female Apostle: An Examination of the Historical Record'. *The Academic Journal of CBE International*. Disponível em: <https://www.cbeinternational.org/resource/article/priscilla-papers-academic-journal/junia-female-apostle-examination-historical>. Acesso em: 25.02.2021.
- Projeto de Lei N.º 833/XIII. (2018). 'Assegura medidas de promoção da igualdade e não discriminação entre mulheres e homens no exercício de cargos dirigentes'. Disponível em: <https://www.pcp.pt/assegura-medidas-de-promocao-da-igualdade-nao-discriminacao-entre->

- mulheres-homens-no-exercicio-de. Acesso em: 30.01.2021.
- Reid, B. E., (2008). ‘Women and Paul: Was Paul an egalitarian or a chauvinist?’. *America the Jesuit Review*. Disponível em: <https://www.americamagazine.org/>. Acesso: 30.07.2020.
- Ribeiro, C. (2016). ‘Qual o Papel da Mulher na Sociedade Contemporânea’. *Na Mira – Especial Mulher*. Divulgação/Assessoria. Disponível em: <https://imirante.com/namira/brasil/noticias/2016/03/12/qual-o-papel-da-mulher-na-sociedade-contemporanea.shtml>. Acesso em: 30.01.2021.
- Rocha-Coutinho, M.; Losada, B. (2007). ‘Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresárias’ *Psicologia em Estudo*, 12(3). Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nps/v27n60/v27n60a08.pdf>. Acesso em: 23.10.2021.
- Rocha, D.; de Souza, E. A. A.; Silva, F. P.; Garbo, K.; Peteffi, L. H. C. (2020:183). ‘Declaração dos direitos da mulher e da cidadã, de Olympe de Gouges’. *TRANSLATIO* Porto Alegre, n. 17, junho. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/327051287.pdf>. Acesso em: 29.01.2021.
- Rodrigues, J. A. (2010). ‘Agostinho e as Mulheres, uma Leitura do Livro das Confissões’. *UFRGS-Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/28943/000774528.pdf>. Acesso em: 29.01.2021.
- Sachedina, Abdulaziz. (2003). ‘Globalization, Religion, and Women’. *Critical Half – Annual Journal of Women International – Vol.1*; num.1. Disponível em: <http://wfwmarketingimages.womenforwomen.org/news-women-for-women/files/crit-half/CHJournalv1.pdf>. Acesso em: 12.04.2022.
- Santos, G. G. (2010). ‘A Igualdade de Mulheres e Homens no Trabalho e no Emprego em Portugal: Políticas e Circunstâncias’. *Edição: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego*. ISBN: 978-972-8399-47-4. Disponível em: http://cite.gov.pt/asstscite/downloads/publics/Igualdade_CITE_NET.pdf. Acesso em: 31.01.2021.

- Santos, L. A., (2000). 'O Protestantismo em Portugal (Seculos XIX E XX): Linhas de Força da sua História e Historiografia'. *Lusitânia Sacra*, 2 série. Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/lusitaniasacra/article/view/7420>. Acesso em: 23.01.2020.
- Santos Martins, M. G.; de Castro Guedes, M. (2020). 'Feminismo e religião: uma análise das feministas evangélicas na rede social na rede social'. Rosado Nunes, M. J. F. '*O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões*'. Cadernos Pagu, UNICAMP, Campinas. v. 16, p. 79-96, 2001. Disponível em: periodicos.sbu.unicamp.br. Acesso em: 18.06.2020.
- Santos, R. C.; Sacramento, S. M. P. (2011). 'O Antes, o Depois e as Principais Conquistas Femininas'. *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*. Ano 5 - Edição 1 – Setembro-Novembro. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35598/38317>. Acesso em: 15.02.2021.
- Stetina, K. (2017). 'What the Reformation Did and Didn't Do for Women'. *Biola University*. The Good Book Blog. Talbot School of Theology Faculty Blog. Disponível em: <https://www.biola.edu/blogs/good-book-blog/2017/what-the-reformation-did-and-didn-t-do-for-women>. Acesso em: 6.02.2021.
- Schouten, M. (2019). 'Undoing Gender Inequalities Insights from the Portuguese Perspective'. (UBI - University of Beira Interior [Portugal]. Volume 1 Number 2 (June). DOI: 10.9770/ird.2019.1.2(1). Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02163006/document>. Acesso em: 30.01.2021.
- Scott, L. (2010:1). 'The Role of Women – Genesis 2:18-22'. *The Prodigal Thought*. Disponível em: <https://prodigalthought.net/2010/06/11/the-role-of-women-genesis-218-22/>. Acesso em: 25.02.2021.
- Sola Martínez, Tomás; Cáceres Reche, M^a Pilar. Hinojo Lucena, F. J.; Aznar Díaz, I., (2008). Historical Review of Women's Role in Patriarchal Model Society of the Spanish Context. '*The International Journal of Interdisciplinary Social Sciences*'. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/297508772_Historical_Review_of_Women's_Role_in_Patriarchal_Model_Society_of_the_Spanish_Context. Acesso: 18.07.2020.

Stark, J. C. (ed.), (2007:1). *'Feminist Interpretations of Augustine'*. Pennsylvania State University Press. ISBN 9780271032580. Disponível em: <https://ndpr.nd.edu/news/feminist-interpretations-of-augustine/>. Acesso em: 30.01.2021.

Teixeira, J. M.; Leal, D. A.; Almeida, L.C. S.; Conceição, V. A. S. (2018). *'A Atual Liderança Feminina nas Igrejas Evangélicas: Uma Questão de Género'*. Centro de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana. Anais III CINTEDI. Campina Grande: Realize Editora. ISSN: 2359-2915. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/44180>. Acesso em: 03.03.2021.

Turner, Greg (2021). *'Uma visão global do Complementarismo'* *Voltemos ao Evangelho - Evangelização e Missões*. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2021/07/uma-visao-global-do-complementarismo/>. Acesso em: 01.12.2021.

Ulrich, C. B. (2016). *'A atuação e a participação das mulheres na reforma protestante do Século XVI'*. *Estudos de Religião*, v. 30, n. 2, maio-ago. ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/309474869_A_Atuacao_e_a_Participacao_das_Mulheres_na_Reforma_Protestante_do_Seculo_XVI. Acesso em: 29.01.2021.

Ulrich, C. B.; Dalferth, H. G. (2017). *'Katharina Von Bora, uma Mulher Forte Corajosa e Empoderada do Movimento da Reforma, do Século XVI'*. *REFLEXUS - Ano XI, n. 17, 1*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/318122379_KATHARINA_VON_BORA_UMA_MULHER_FORTE_CORAJOSA_E_EMPODERADA_DO_MOVIMENTO_DA_REFORMA_DO_SECULO_XVI. Acesso em: 29.01.2021.

Wilcox, W. (2009). *'The Evolution of Divorce'* *National Affairs – Number 44, Fall*. Disponível em: <https://www.nationalaffairs.com/publications/detail/the-evolution-of-divorce>. Acesso em: 03.12.2021.

Wilson, S. H., (2017–2020). ‘Lutheran Saints #3: Elisabeth Cruciger (1500–1535)’. *Sarah Hinlicky Wilson Blog*. Disponível em: <https://www.sarahhinlickywilson.com/blog/2019/5/1/lutheran-saints-3-elisabeth-cruciger-15001535>. Acesso em: 15.09.2019.

Vaquinhas, I. (2019). ‘História das mulheres e de género em Portugal: Horizontes temáticos e desafios atuais’. *Scielo Portugal – Scientific Electronic Library Online*. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/>. Acesso: 14.03.2020.

Vasconcelos, Manuela. (2017). ‘O que mudou nas famílias portuguesas nos últimos anos’ *Sapo – lifestyle – Saber Viver*. Disponível em: <https://lifestyle.sapo.pt/familia/pais-e-filhos/artigos/o-que-mudou-nas-familias-portuguesas-nos-ultimos-anos>. Acesso em: 23.10.2021.

Wall, Karin (coord.); Cunha, Vanessa; Atalaia, Susana; Rodrigues, Leonor; Correia, Rita; Correia, Sónia Vladimira; Rosa, Rodrigo. (2016). ‘LIVRO BRANCO - Homens e Igualdade de Género em Portugal’. Editores: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. ISBN 978-972-8399-75-7. Disponível em: <https://www.ffms.pt/sites/default/files/2022-07/Livro-Branco-%E2%80%93-Homens-e-Igualdade-de-G%C3%A9nero-em-Portugal.pdf>. Acesso em: 11.09.2021.

Villasenor, R. L., (2019). ‘Maria Madalena, Apóstola dos Apóstolos!’ *Xaverianos do Brasil Sul*. Disponível em: <https://www.xaverianos.org.br/noticias-e-artigos/teologia/1146-maria-madalena-apostola-dos-apostolos>. Acesso em: 05.07.2019.

Vilhena, J. (2005). ‘A violência da imagem - estética, feminino e contemporaneidade’. Revista Mal-Estar e Subjetividade’. *Fortaleza*. V. V N. 1. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v5n1/06.pdf>. Acesso em: 03.02.2021.

Artigos de Jornal

Ladeira, C.; Leite, B. (1993). ‘Inquisição, Idade Moderna e as bruxas: as mulheres em chamas’.

Super Interessante. História. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/inquisicao-idade-moderna-e-as-bruxas-as-mulheres-em-chamas/>. Acesso em: 15.02.2021.

Leite, G. (2020). 'Ofélia e a evolução do papel da mulher'. *Jornal Jurid*. ISSN 1980-4288.

Disponível em: <https://www.jornaljurid.com.br/colunas/gisele-leite/ofelia-e-a-evolucao-do-papel-da-mulher>. Acesso em: 15.02.2021.

Butt, R. (2008). 'Church divided: Women bishops an obstacle to unity, Vatican warns'. *The Guardian*. Tue 8 Jul, 19.01 EDT. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2008/jul/09/anglicanism.catholicism>. Acesso em: 6.02.2021.

Flannery, T. (2018). 'Unequal treatment of women the greatest challenge for the Catholic Church'. *The Irish Times*. Tue, Mar 13, 01:00. Disponível em: <https://www.irishtimes.com/opinion/unequal-treatment-of-women-the-greatest-challenge-for-the-catholic-church-1.3424203>. Acesso em: 6.02.2021.

Hooper, J. 'A woman's place is to wait and listen, says the Vatican'. *The Guardian*. Sat 31 Jul 19. 53 EDT. Opinião. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2004/aug/01/religion.uk>. Acesso em: 6.02.2021.

O Público. Lusa. 'Sócrates diz que igualdade entre homens e mulheres é um caminho sem fim'. *O Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2010/02/02/politica/noticia/socrates-diz-que-igualdade-entre-homens-e-mulheres-e-um-caminho-sem-fim-1420955>. Acesso em: 17.02.2019.

Peter Lang; Nadar, S. (2004). 'The Bible Says!' *Feminism, Hermeneutics and Neo-Pentecostal Challenges. Journal of Theology for Southern Africa* Vol 134. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282203581_Pentecostal_hermeneutics_and_the_marginalisation_of_women. Acesso em: 17.03.2020.

Kirchgaessner, S. (2016). 'Pope Francis says women will never be Roman Catholic priests'. *The*

Guardian. Tue 1 Nov 18.12 GMT. Disponível em:
<https://www.theguardian.com/world/2016/nov/01/pope-francis-women-never-roman-catholic-priests-church>. Acesso em: 13.02.2021.

Kloehn, S. (1998). 'Southern Baptists Approve Submissive Wives Doctrine'. *Tribune Religion Writer*. Chicago Tribune. Disponível em: <https://www.chicagotribune.com/news/ct-xpm-1998-06-10-9806100212-story.html>. Acesso em: 10.02.2019.

Boletins

Dimock, Michael. (Pres.). (2015). 'Obstacles to Female Leadership'. *Pew Research Center. Women and Leadership*. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/social-trends/2015/01/14/chapter-3-obstacles-to-female-leadership/>. Acesso em: 05.12.2020.

Perriman, A. C., (1993:129-142). 'What Eve Did, What Women Shouldn't Do: The Meaning of Authenteō in 1 Timothy 2:12'. *Tyndale Bulletin* 44.1, 130. Disponível em: https://legacy.tyndalehouse.com/tynbul/Library/TynBull_1993_44_1_08_Perriman_EveITi m2.pdf. Acesso em: 25.02.2021.

Dissertações

Hook, Tina Colvin. (2009). 'Women's Perceptions of Leadership Roles within a Southern Baptist Congregation'. *Georgia Southern University - Digital Commons @ Georgia Southern. Electronic Theses and Dissertations*. 612. Disponível em: <https://digitalcommons.georgiasouthern.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1612&context=etd>. Acesso em: 24.01.2024.

Livros e Brochuras

Alexander, E. (2009). "Introduction." In Philip's Daughters: 'Women in Pentecostal-Charismatic Leadership', (eds.) Estrela Alexander and Amos Yong, Eugene, Oregon: Pickwick

Publications. Disponível em: <http://www.scielo.org.za/pdf/scriptur/v114/05.pdf>. Acesso em: 22.01.2020.

Allen, S. P. (2016:). 'The Concept of Woman'. *Vol. III. the Search for Communion of Persons*. William B. Eerdmans Publishing Company. ISBN 978-0-8018-6843-5. Disponível em: https://books.google.be/books?id=_p4xDwAAQBAJ&pg=PA205&lpg=PA205&dq=Nicholas+of+Cusa+and+his+views+on+women&source=bl&ots=hpKofEa0v1&sig=ACfU3U0Pp9jdmTMBLFery5E35m4u_kb8uw&hl=en&sa=X&ved=2ahUKEwic4ZnKmvHuAhXACWMBHd2jCRM4HhDoATAAegQIAxAC#v=onepage&q=Nicholas%20of%20Cusa%20and%20his%20views%20on%20women&f=false. Acesso em: 12.02.2021.

Abreu Bentes, A. L.; da Silva, E. A.; de Almeida, É. C.; Koga K.C.; Moura Saldanha, M. E. (2018). 'A Situação da Mulher na Europa Moderna'. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/remadih/wp-content/uploads/sites/11/2019/03/MulherIdadeModerna.pdf>. Acesso em: 01.12.2019.

Ammerman, N. T. (1994). 'Bible Believers: Fundamentalists in the Modern World'. *Publicadora: Rutgers University Press*. SBN-10:081351231X. ISBN-13:9780813512310. Disponível em: <https://www.amazon.com/Bible-Believers-Nancy-Ammerman/dp/081351231X>. Acesso em: 23.02.2020.

Belleville, L. (2000). 'Women Leaders and the Church: Three Crucial Questions'. *Plough Publishing House*. (Grand Rapids, Mich.) (2000:24). ISBN-13:978-0310-25437-9. Disponível em: https://www.academia.edu/3130607/Review_Women_Leaders_and_the_Church_Three_Crucial_Questions_by_Linda_L_Belleville. Acesso em: 23.09.2019.

Birmann, P. (1996). 'Mediação feminina e identidades pentecostais'. *Cadernos Pagu, Unicamp, Campinas*, v. 6. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1868/1989>. Acesso em: 17.02.2020.

Brinkerhoff, M. B.; MacKie, M. (1988). 'Religious Sources of Gender Traditionalism'. *The Religion and Family Connection - Social Science Perspectives*. ISBN 0-8849-4636-3.

- Disponível em: <https://rsc.byu.edu/religion-family-connection/religious-sources-gender-traditionalism>. Acesso em: 27.3.2020.
- Bolzendahi, Catherine and Daniel J. Myers. (2004). ‘*Feminist Attitudes and Support for Gender Equality: Opinion Change in Women and Men 1974-1998*’. *Social Forces* 83 (2):759-790. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/236804665_Feminist_Attitudes_and_Support_for_Gender_Equality_Opinion_Change_in_Women_and_Men_1974-1998. Acesso em: 07.08.2020.
- Bonelli, M. G. (2004). ‘Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções’. *Cadernos Pagu*. Print version ISSN 0104-8333 On-line version ISSN 1809-4449. Cad. Pagu no.22 Campinas. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332004000100015>. Acesso em: 22.05.2020.
- Bourdieu, P. (2012). ‘A Dominação Masculina’. Tradução de: ‘*La domination masculine*’. Inclui anexo. ISBN 978-85-286-0705-5. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3026074/mod_resource/content/1/BOURDIEU%20C%20P.%20A%20Domina%C3%A7%C3%A3o%20Masculina.pdf. Acesso em: 10.04.2020.
- Brock, A. G. (2003). ‘Mary Magdalene: The First Apostle - The Struggle for Authority.’ *Harvard Press. Harvard Divinity School* Cambridge, MA. ISBN 9780674009660. Disponível em: <https://www.hup.harvard.edu/catalog.php?isbn=9780674009660&content=toc>. Acesso em: 27.3.2020.
- Brown, P. (1990). ‘Corpo e sociedade: o homem, a mulher e renúncia sexual no início do cristianismo’. *Editora: ZAHAR. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. ISBN: 9788571101579*. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Corpo-Sociedade-Peter-Brown/dp/8571101574>. Acesso em: 27.3.2020.
- Burk, P. (2002). ‘História e Teoria Social’. *Editora: UNESP. São Paulo. ISBN: 9788539302246*. Disponível em: <https://editoraunesp.com.br/catalogo/9788539302246,historia-e-teoria-social-2-edicao>. Acesso em: 27.3.2020.
- Castillo Gómez, A. (1993): “Entre la marginación y el silencio: las mujeres en la España

Medieval”. En F. Arriero y A. Castillo, *Las mujeres en la Historia de España (Siglos XIII al XX)*. Biblioteca Digital Universidade de Alcalá. Dirección General de la Mujer: Comunidad de Madrid. Disponible em: <https://ebuah.uah.es/dspace/handle/10017/6780>. Acesso em: 27.3.2020.

Castro Martínez, E. (2005). ‘Mujeres matemáticas en la historia de Occidente. Lección Inaugural’. Lección Inaugural Del Curso Académico 2005-06. Facultad de Ciencias de la Educación, Universidad de Granada. Disponible em: <http://www.uco.es/~ma1mamaa/GIHEM/documentos/Mujeres%20y%20Matem%C3%A1ticas.pdf>. Acesso em: 04.10.2021.

Carli, L. L. 1999. “Gender, Interpersonal Power, and Social Influence.” *Journal of Social Issues* 55(1):81-99. Disponible em: <https://spssi.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/0022-4537.00106> Acesso em: 04.10.2021.

Chaves, M.; Cavendish, J., (1997:574–584). ‘Recent Changes in Women's Ordination Conflicts: The Effect of a Social Movement on Intraorganizational Controversy’. *Journal for the Scientific Study of Religion*. 36 (4): 574–584. doi:10.2307/1387691. ISSN 0021-8294. Disponible em: <https://www.jstor.org/stable/1387691?seq=1>. Acesso em: 27.3.2020.

Cobo, Rosa. (1995). ‘Fundamentos del patriarcado moderno’. *Madrid: Cátedra*. Cobo, R. (1995): “Género”. EnC. Amorós (Dir.). Diez palabras clave sobre mujer. Estella (Navarra): Eud. Constitución Española (BOE nº311, de 29 de diciembre de1978). Disponible em: <https://www.legisver.gob.mx/equidadNotas/publicacionLXIII/Rosa%20Cobo-Fundamentos-Del-Patriarcado-Moderno%20jean%20Jacques%20Rousseau.pdf>. Acesso em: 04.10.2021.

Contrato, T. S. R. (2016). “‘Homem’ e ‘Mulher’ numa Visão Tradicional Segundo Tomás de Aquino”. *UFRJ - Departamento de Filosofia e Biblioteconomia*. Disponible em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/22000>. Acesso em: 29.01.2021.

Cothen, Grady C. 1993. 'What Happened to the Southern Baptist Convention? A Memoir of the Controversy'. *Macon, GA: Smyth & Helwys Publishing*. Editora: Smyth & Helwys Pub. ISBN 10: 1880837269; ISBN 13: 9781880837269. Disponível em: https://www.abebooks.com/9781880837269/What-Happened-Southern-Baptist-Convention-1880837269/plp?cm_sp=plped-_1-_image. Acesso em: 06.06.2021.

Cott, Nancy F., (1987). 'The Grounding of Modern Feminism'. *New Haven: Yale UP*. Disponível em: https://conservancy.umn.edu/bitstream/handle/11299/165275/07_01_BR_Oneill.pdf;jsessionid=67074E19D570322B120058DFA53BBCDA?sequence=1. Acesso em: 15.04.2020.

Culver, Elsie. (1967). 'Women in the World of Religion'. *Doubleday & Co., Inc., Garden City, N. Y.* 1st Edition (January 1, 1967). ASIN: B001A2R320. Disponível em: <https://www.abebooks.com/Women-World-Religion-Culver-Elsie-Thomas/5590044989/bd>. Acesso em: 05.12.2021.

Daly, M. (1975). 'Radical Feminist Theology'. *Philosopher Kings*. Disponível em: <http://www.philosopherkings.co.uk/Radicalfeministtheology.html>. Acesso em: 27.3.2020.

da Silva, Luciana; Rabinovich, Elaine; de Amorim, Ivonete. (2019). 'Relações Familiares na Contemporaneidade e Construção da Subjetividade' *In book: Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira 5*. DOI:10.22533/at.ed.55619200822. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335376528_RELACOES_FAMILIARES_NA_CONTEMPORANEIDADE_E_CONSTRUCAO_DA_SUBJETIVIDADE. Acesso em: 23.10.2021.

Doblhammer, Gabriele; Gumà, Jordi (Eds). (2018). 'A Demographic Perspective on Gender, Family and Health in Europe' *German Center for Neurodegenerative Disease (DZNE), Bonn-Germany*. ISBN 978-3-319-72355-6 ISBN 978-3-319-72356-3 (eBook). Disponível em:

<https://library.oapen.org/bitstream/handle/20.500.12657/27831/1002174.pdf?sequence=1#page=45>. Acesso em: 12.10.2021.

Doely, Sarah. (1970). 'Woman's Liberation and the Church'. *New York: Association Press*. DOI:10.1093/JCS/14.3.513 Corpus ID: 146916153. Disponível em : <https://www.semanticscholar.org/paper/Women%27s-Liberation-and-the-Church.-Edited-by-Sarah-Huey/882a81206050cb7b21700bac8921616828ba7097>. Acesso em: 21.11.2021.

Eisler, R. (2007). 'O Cálice e a Espada: nosso passado, nosso futuro'. *São Paulo: Palas Athena*. Disponível em: <https://universo10.files.wordpress.com/2010/11/riane-eisler-o-cc3a1lice-e-a-espada.pdf>. Acesso: 12.11.2019.

Enloe, C. (2014). 'Bananas, Beaches and Bases: Making Feminist Sense of International Politics'. *Berkeley: University of California Press*. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1525/j.ctt6wqbn6>. Acesso em: 10.10.2019.

Faber, R. (1998). 'Martin Luther on Reformed Education'. *SpindleWorks*. Disponível em: http://www.spindleworks.com/library/rfaber/luther_edu.htm. Acesso: 21.06.2020.

Fiorenza, Elisabeth Schüssler (Ed.). (1994). 'Searching Scriptures Volume Two: Feminist Commentary'. Ed. Fiorenza, Elisabeth, Ann Brock and Shelly Mathews. *New York: Crossroad*. (The Gospel of Mary Magdalene; 601– 634). Print. Disponível em: <https://lib-o57pzvtzqmj27igcndbjlflj.fit.wf/book/704634/3fbb5a>. Acesso em: 21.12.2022.

Gabatz, Celso. (2016). 'As mulheres nas igrejas neopentecostais: a busca pelo protagonismo em meio a tradições hegemônicas'. *Sociedade e Cultura*, vol. 19, núm. 2. Universidade Federal de Goiás. DOI: 10.5216/sec. v19i2.48673. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/48673>. Acesso em: 02.10.2023.

García, Gual; C. y Pérez Jiménez, A. (1977). 'Aristóteles'. *Lapolítica. Madrid: Editora Nacional*. Biblioteca Clásica Gredos. Disponível em: [https://bcn.gob.ar/uploads/ARISTOTELES,%20Politica%20\(Gredos\).pdf](https://bcn.gob.ar/uploads/ARISTOTELES,%20Politica%20(Gredos).pdf). Acesso: 25.08.2021.

Gaspari, Leni Trentim. 'Educação e Memória: Imagens Femininas nas "Gêmeas do Iguaçu" nos anos 40 e 50'. *Gráfica e Editora Kaygangue*. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2003.

Disponível em:

https://openlibrary.org/books/OL23710562M/Imagens_femininas_nas_g%C3%A4meas_d_o_Igua%C3%A7%C3%BA_nos_anos_40_e_50. Acesso: 01.04.2022.

Gebara, I. (2000). 'Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal'. *As mulheres nas igrejas neopentecostais – Revista de Pesquisa Histórica – CLIO*. Petrópolis: Vozes. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/243111>. Acesso: 22.08.2019.

Geisler, N. L. (org.). (2003). 'A inerrância da Bíblia'. *Tradução Antivan Guimarães Mendes- São Paulo: Editora Vida*. Título original: Inerrancy edição publicada pela Zondervan Publishing House (Grand Rapids, Michigan, EUA). ISBN 8 5-7367-632-9. Disponível em: https://www.academia.edu/33701036/da_%C3%ADblia_Uma_s%C3%B3lida_defesa_da_infalibilidade_das_Escrituras. Acesso em: 12.07.2020.

Goldenberg, M. (2000). 'Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros'. *Rio de Janeiro: Editora Record Ltda*. ISBN 978-85-01-09685-2. Disponível em: https://books.google.com/books/about/Os_novos_desejos.html?id=Hv7gSYagLZQC. Acesso em: 22.01.2021.

Grzybowski, L. S. (2002). 'Famílias monoparentais: Mulheres divorciadas chefes de família'. Em A. Wagner (Ed.), *'Família em cena: Tramas, dramas e transformações'*. Petrópolis, RJ: Vozes. ISBN-10: 853262717X. ISBN-13: 978-8532627179. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Familia-Cena-Tramas-Dramas-Transforma%C3%A7%C3%B5es/dp/853262717X>. Acesso em: 02.01.2022.

Hamman, A. G. (1989). 'Santo Agostinho e seu tempo'. *São Paulo: Edições Paulinas*. ISBN 8505009495, 9788505009490. https://www.estantevirtual.com.br/livrariaalento/a-g-hamman-santo-agostinho-e-seu-tempo-3407203078?show_suggestion=0. Acesso em: 22.12.2022.

Hendricks, H. J.; Mouton, E.; Len Hansen; le Roux, E. (Ed). (2012). 'Men in the pulpit, Women in the pew? Addressing gender inequality in Africa'. *SUN PRESS - SUN MeDIA*. Stellenbosch. ISBN 978-1-920338-77-0 (Print). ISBN 978-1-920338-78-7 (PDF). Disponível em: <http://netact.christians.co.za/wp-content/uploads/sites/6/2016/10/Men-in->

the-Pulpit-Women-in-the-Pew.pdf. Acesso em: 25.10.2019.

Herford, R. Travers (Aut.); Tepfer, John (Int.). (1987). 'Pirke Aboth -The Ethics of the Talmud: Sayings of the Fathers'. *Published by Schocken Books*. ISBN 10: 0805200231. ISBN 13: 9780805200232. Disponível em: <https://www.abebooks.com/9780805200232/Pirke-Aboth-Ethics-Talmud-Sayings-0805200231/plp>. Acesso em: 07.12.2022.

Hintz, H. C. (2001). 'Novos tempos, novas famílias? Da modernidade a pós-modernidade'. *Pensando Famílias*. Disponível em: http://www.susepe.rs.gov.br/upload/1363010551_hintz_novos_tempos,_novas_fam%C3%ADlias_-_complementar_8_abril.pdf. Acesso em: 12.06.2020.

Husbands, M.: Larsen, T., (Ed). (2007). 'Women, Ministry and the Gospel: Exploring New Paradigms'. *Downers Grove, IL: Intervarsity Press*. ISBN 978-0-8308. Disponível em: <https://www.amazon.com/Women-Ministry-Gospel-Exploring-Paradigms/dp/0830825665>. Acesso em: 29.07.2020

Kalu, O. (2008). 'African Pentecostalism: An Introduction'. *Oxford: Oxford University Press*. Masenya, M 2004. How Worthy is the Woman of Worth? Rereading Proverbs 31:10-31 in African- South Africa. New York; Peter Lang. Disponível em: <http://www.scielo.org.za/pdf/scriptur/v114/05.pdf>. Acesso em: 22.01.2020.

King, Karen L. (2003). 'The Gospel of Mary of Magdala: Jesus and the first woman apostle'. Publicado por *Polebridge Press*. Library of Congress Cataloging-in-Publication Data. ISBN 0-944344-58-5. Disponível em: <https://lib-o57pzvtzqmj27igcndbjlflj.fit.wf/book/704634/3fbb5a>. Acesso em: 16.02.2022.

León, L. (1987). 'La perfecta casada I y II - Réflexions et travaux'. *Extrait du El Correo*. Disponível em: http://www.elcorreo.eu.org/IMG/article_PDF/La-perfecta-casada-I-y-II_a20263.pdf. Acesso em: 01.12.2019.

Leipoldt, Johannes. (1921). 'Jesus und die Frauen: Bilder aus der Sittengeschichte der alten Welt'. *Editores: Quelle & Meyer, Leipzig*. Disponível em: <https://www.worldcat.org/pt/title/65126998>. Acesso em: 22.08.2022.

- Lerner, G. (1986). 'La Creación Del Patriarcado'. © 1990 de la traducción castellana para España y América: Editorial. Crítica, S.A., Aragó, 385, 08013 Barcelona ISBN: 84-7423-474-3. Disponível em: https://www.antimilitaristas.org/IMG/pdf/la_creacion_del_patriarcado_-_gerda_lerner-2.pdf. Acesso em: 18.06.2020.
- Lopes, M. N., Dellazzana-Zanon, L. L., Boeckel, M. G. (2020). 'A Multiplicidade de Papéis da Mulher Contemporânea e a Maternidade Tardia'. *Temas em Psicologia* 2014, Vol. 22, nº 4. DOI: 10.9788/TP2014.4-18. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000400018. Acesso em: 01.12.2019.
- Lopes, M. N.; Dellazzana-Zanon, L. L.; Boeckel, M. G. (2014). 'A Multiplicidade de Papéis da Mulher Contemporânea'. *Temas em Psicologia*, vol. 22, núm. 4. Sociedade Brasileira de Psicologia. Ribeirão Preto, Brasil. DOI: 10.9788/TP2014.4-18. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/276935743_A_multiplicidade_de_papeis_da_mulher_contemporanea_e_a_maternidade_tardia. Acesso em: 01.12.2019
- Yong, A. (2005). 'The Spirit Poured Out on All Flesh: Pentecostalism and the Possibility of Global Theology'. Michigan: Baker Academic. Disponível em: <https://www.scribd.com/book/234999391/The-Spirit-Poured-Out-on-All-Flesh-Pentecostalism-and-the-Possibility-of-Global-Theology>. Acesso em: 10.08.2020.
- Machado, M. D. C; Mariz, C. (1997). 'Mulheres e práticas religiosas nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos'. *RBCS*, v. 12, n. 3. Disponível em: http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/34/rbcs34_05.pdf. Acesso em 17.06.2020.
- Mafra, C., (1998). 'Construção de Gênero e Estilo Eclesial Entre os Evangélicos'. Oxford University Press, Inc., Nova York. Disponível em: https://www.antimilitaristas.org/IMG/pdf/la_creacion_del_patriarcado_-_gerda_lerner-2.pdf. Acesso em: 18.06.2020.

- Marshall, I. H. (2004). 'The Pastoral Epistles'. *London, T & T Clark. International Critical Commentary*. ISBN: 9780567084552. Disponível em: <https://www.bloomsbury.com/us/the-pastoral-epistles-9780567084552/>. Acesso em: 25.02.2021.
- Martínez, López, C. (1991). 'La experiencia silenciada: las mujeres en la Andalucía Antigua'. *Estado de la cuestión. En Las mujeres en la historia de Andalucía*. Actas del II Congreso de Historia de Andalucía. Córdoba, Junta de Andalucía: Consejería de Cultura y Medio Ambiente'. *MENGA 06 – Revista de PreHistoria de Andalucía*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/309873336_La_arqueologia_iberica_y_los_estudios_de_genero_en_Andalucia_Avances_y_desafios. Acesso em: 10.12.2019.
- Mariano, R. (1999). 'Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil'. *Editora: Loyola*. São Paulo. ISBN: 9788515019106. Disponível em: https://www.estantevirtual.com.br/jacarelivros/ricardo-mariano-neopentecostais-3941453705?show_suggestion=0. Acesso em: 26.11.2021.
- Maux, A. A. B., & Dutra, E. (2009). 'Do útero à adoção: A experiência de mulheres férteis que adotaram uma criança'. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 14(2), 113-121. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v14n2/a04v14n2.pdf>. Acesso: 23.05.2020.
- Mendonça, J. (2008). 'O Evangelho Segundo o Gospel: mídia, música pop e neopentecostalismo'. *Revista do Conservatório de Música UFPEL*, v. 1, 220-249, n. 09. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RCM/article/view/2442/2289>. Acesso em: 19.03.2020.
- McKee, E., (2006:267). 'Katharina Schütz Zell, Church Mother: The Writings of a Protestant Reformer in Sixteenth-Century Germany'. Translated by Elsie McKee. Illustrated. (The Other Voice in Early Modern Europe.) Chicago and London: The University of Chicago Press. ISBN 10:0226979687. ISBN 13:9780226979687. <https://lib-o57pzvtzqmj27igcndbjlflj.fit.wf/book/980666/355b63>. Acesso em: 12.10.2022.
- McClintock-Fulkerson, Mary. (2000). 'Changing the Subject: Women's Discourse and Feminist Theology'. *Publisher: Wipf & Stock Publishers*. ISBN 10: 157910570X. ISBN 13: 9781579105709. Disponível em: <https://www.abebooks.com/9781579105709/Changing->

Subject-Womens-Discourses-Feminist-157910570X/plp. Acesso em: 20.08.2022.

Miller, D. R. (2015). 'The Women of Azusa Street - Four Spirit-Anointed Leaders of the Azusa'. AIA Publications 580-D Central Street Springfield, MO 65802. *Library of Congress Cataloging-in-Publication Data* Miller, Denzil R., 1946. Disponível em: <http://www.decadeofpentecost.org/wp-content/uploads/2015/08/10-Women-of-Azusa-Street-eBooklet.pdf>. Acesso em: 23.01.2020.

Myers, S. (2006). 'Religious homogamy and marital quality: Historical and generational patterns, 1980–1997'. *Journal of Marriage and Family*. Disponível em: https://scholar.google.com/scholar_lookup?journal=Journal+of+Marriage+and+Family&title=Religious+homogamy+and+marital+quality:+Historical+and+generational+patterns,+1980%E2%88%921997.&author=S+Myers&volume=68&publication_year=2006&pages=292-304&. Acesso em: 27.3.2020.

Mumford, L. (1998). 'A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas'. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5631528/mod_resource/content/1/MUMFORD%20Lewis%20A%20cidade%20na%20historia%20compacto.pdf. Acesso em: 23.01.2021.

Paetzhold, Katerina. (2016). 'Regarding the Treatment of of Women, Where Did Jesus Set the Bar?' *University Honors Theses. Paper 331*. Disponível em: <https://pdxscholar.library.pdx.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1390&context=honorsthese>. Acesso em: 21.11.2021.

Palomeras, Lorenzo, J. (1993). "Las mujeres en la España del Antiguo Régimen: el desprecio de una voluntad". En F. Arriero y A. Castillo, *Las mujeres en la Historia de España (Siglos XIII al XX)*. Dirección General de la Mujer: Comunidad de Madrid. Disponível em: <https://www.abebooks.com/MUJERES-HISTORIA-ESPA%C3%91A-Siglos-XIII-XX/13214713568/bd>. Acesso em: 21.11.2021.

Perrot, M. (2006). 'Minha História das Mulheres'. Editora Contexto, São Paulo. ISBN 10:8572443487. ISBN 13:9788572443487. Disponível em: <https://lib-o57pzvtzqmj27igcndbjlflj.fit.wf/book/5943701/f32f9d>. Acesso em: 12.010.2019

Powers, JA. (2001:328-330). 'Your Daughters Shall Prophecy': Pentecostal Hermeneutics and the Empowerment of Women." In *'The Globalization of Pentecostalism: A Religion Made To Travel'*, edited by M Dempster, B Klaus and D Petersen. Irvine: Regnum. Disponível em: <https://lib-o57pzvtzqmj27igcndbjflj.fit.wf/book/4995589/84ace2>. Acesso em: 10.08.2020.

Robles, M. (1966). 'Mulheres, mitos e deusas o feminino através dos tempos'. Traduzido por William Lagos e Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006. ISBN 8576574675, 9788576574675. Disponível em: <https://docer.pl/doc/s008v0v>. Acesso em: 27.01.2021.

Rodhen, F. 'Catolicismo e Protestantismo: O Feminismo como uma questão emergente'. *Cadernos Pagu*, UNICAMP, Campinas, v. (8/9), p. 51-97,1997. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1878/1999>. Acesso em: 02.09.2020.

Santos, E. C. P. (2007). 'O mito de Prometeu e Pandora - A criação do homem e da mulher'. In: *III Congresso Internacional de Ética e Cidadania - Religião e Cultura*. Disponível em: <http://docplayer.com.br/6592951-O-mito-de-prometeu-e-pandora-a-criacao-do-homem-e-damulher.html>>. Acesso em: 03.08. 2019.

Sumner, S. (2003). 'Men and Women in the Church'. *Library of Congress Cataloging-in-Publication Data*. ISBN 0-8308-2391-3. Disponível em: <https://www.amazon.com/Men-Women-Church-Consensus-Leadership/dp/0830823913> Acesso em: 29.07.2020.

Sauzana, E. S. (2001). 'Era uma vez... umas mulheres chamadas "canutas". A mulher no pentecostalismo chileno'. In: *'Mulheres: Autonomia e Controle Religioso na América Latina'*. (Org.) BIDEGAIN, A. M. Vozes: Petrópolis, 1996. p. 71-100 ROSADO NUNES. Disponível em: <https://docplayer.com.br/22321852-Ministerio-feminino-na-igreja-do-evangelho-quadrangular-autonomia-alem-do-espaco-religioso-notas-de-uma-pesquisa.html>. Acesso em: 03.10.2019.

Shaw, Susan M. (2008:63-87). 'God Speaks to Us, Too: Southern Baptist Women on Church'. *Home and Society*. Lexington, KY: University Press of Kentucky. ISBN 978-0-8131-2476-6.

- Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/232564816.pdf>. Acesso em: 28.03.2020.
- Siqueira, S. M. A. (2021). ‘Instruir as mulheres - admoestação à modéstia do De cultu feminarum de Tertuliano’. *Universidade Estadual do Ceará*. Meireles, Fortaleza, Ceará, Brasil. DOI: 10.4025/actascieduc.v33i2.14512. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4864675>. Acesso em: 29.01.2021.
- Stuurman, Siep (October 1997). ‘Social Cartesianism: Francois Poulain de la Barre and the Origins of the Enlightenment’. *Journal of the History of Ideas*. 58 (4): 617–640. doi:10.1353/jhi.1997.0041. JSTOR 3653963. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3653963?seq=1>. Acesso em: 04.05.2020.
- Tan-Chow, ML. (2007). ‘*Pentecostal Theology for the Twenty First Century: Engaging with Multi-Faith Singapore*’. Burlington: Ashgate Publishing Company. Disponível em : https://www.academia.edu/27425472/Pentecostal_Theology_for_the_Twenty_first_Century_Engaging_Multi_Faith_Singapore_By_Tan_chow_May_Ling. Acesso em: 10.08.2020.
- Tolbert, M. A. (1998). ‘Mark’. *Women’s Bible Commentary*. Ed. Newsom, Carol and Sharon Ringe. Kentucky; Westminster John Knox Press. Disponível em: <https://pdxscholar.library.pdx.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1390&context=honorsthese>. Acesso em: 22.01.2020.
- Tomita, Luiza. ‘O desejo sequestrado das mulheres: desafio para a Teologia Feminista no século 21’. In: SOUZA, Sandra Duarte de (org.). *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Paulo: Metodista de S. Paulo, 2006. Disponível em: Da exclusão a objeto de prazer: o corpo das mulheres oferece ...www.metodista.br > PDF article. Acesso em: 29.05.2020.
- Vale, Ana. (2015). ‘A Mulher e a Pré-história. Alguns apontamentos para questionar a tradição e a tradução da mulher-mãe e mulher-deusa na Arqueologia Pré-histórica’. *Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património. Departamento de Ciências e Técnicas do Património. Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Disponível em: https://www.academia.edu/30850891/A_Mulher_e_a_Pr%C3%A9_hist%C3%B3ria_Algu ns_apontamentos_para_questionar_a_tradi%C3%A7%C3%A3o_e_a_tradu%C3%A7%C3

%A3o_da_mulher_m%C3%A3e_e_mulher_deusa_na_Arqueologia_Pr%C3%A9_hist%C3%B3rica. Acesso em: 09.11.2022.

Valcárcel, A. (1997). 'Lapolítica de las mujeres'. *Madrid: Cátedra*. Disponível em: <https://valcarcelamelia.files.wordpress.com/2015/09/la-politica-de-las-mujeres.pdf>. Acesso em: 15.04.2020.

Wainwright, Elaine. 'The Gospel of Matthew'. *Searching Scriptures Volume Two: Feminist Commentary*. Ed. Fiorenza, Elisabeth, Ann Brock and Shelly Mathews. New York: Crossroad. Disponível em: <https://pdxscholar.library.pdx.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1390&context=honorsthesis>. Acesso em: 22.01.2020.

WEBER, M. (1994). 'Economia e Sociedade - Fundamentos da sociologia compreensiva'. *Editora Universidade de Brasília*. Título original: *Wirtschaft und Gesellschaft: Grundriss der verstehenden Soziologie*. ISBN 85-230-0390-8 Volume 2. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4239311/mod_resource/content/0/AULA%20%20-%20C%20-%20Weber-economia-e-sociedade%20-%20volume-2.pdf Acesso em 16.09.2020.

Wordelman, A. (1998). 'Everyday Life Women in the Period of the New Testament'. *Women's Bible Commentary*. Ed. Newsom, Carol and Sharon Ringe. Kentucky; Westminster John Knox Press. Disponível em: https://www.academia.edu/34607161/Women_in_the_Period_of_the_New_Testament. Acesso em 16.09.2020.

Manuais

Antunes, T. Quintino. (1873). 'As Farpas: chronica mensal de política, das letras e dos costumes'. *Tipografia Universal de Thomaz Q. Antunes*, impressor da Casa Real. Rua dos Calafates, 110. Disponível em: https://books.google.com/books/about/As_Farpas.html?id=HnFPAQAAMAAJ. Acesso

em: 14.10.2020.

Alves, C. (2012). 'Sensibilização em Igualdade de Género'. *Equipas de Serviços Técnicos superiores e chefes de secção Entidade Qualitividade Consultoria, Lda*. Manual de Formação. Disponível em:
https://www.academia.edu/13173338/Sensibiliza%C3%A7%C3%A3o_em_Igualdade_de_G%C3%A9nero. Acesso: 12.08.2019.

Revistas

Rodhen, F. (1997) '*Catolicismo e Protestantismo: O Feminismo como uma Questão Emergente*'. *Cadernos pagu* (8/9). Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1878/1999>. Acesso em: 12.010.2019.

Sítios na Internet

King, Karen L. (1998). 'Women In Ancient Christianity: The New Discoveries'. *FrontLine*. Disponível em:
<https://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/religion/first/women.html>. Acesso: 14.03.2020.

Teses

Aragão Filho, I. L. (2011). 'Religião e gênero: o imaginário sobre o lugar da mulher na igreja neopentecostal'. *Pontifícia Universidade Católica de Goiás*. Disponível em:
<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/831/1/IRAN%20LIMA%20ARAGAO%20FILHO.pdf>. Acesso em: 19.01.2021.

Borland, J. A. (1991). 'Women in the Life and Teachings of Jesus'. *Faculty Publications and Presentations*. Paper 110. Disponível em:
http://digitalcommons.liberty.edu/sor_fac_pubs/110. Acesso em: 09.10.2019.

de Alencar, A.P. (2016). 'Uma Abordagem no Feminino nas Relações Internacionais: O Papel da

- Mulher nos Conflitos'. *Universidade de Lisboa Faculdade de Direito*. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/37264/1/ulfd136304_tese.pdf. Acesso em: 15.02.2021.
- Gabatz, C. (2018). 'Idiossincrasias religiosas contemporâneas: Qual o lugar das mulheres nas Igrejas Neopentecostais?' DOI: <http://dx.doi.org/10.7213/2175-1838.10.001.AO01>. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/384308132/Celso-Gabatz-Idiossincrasias-religiosas-contemporaneas>. Acesso em: 12.10.2020.
- Gabaitse, RM. (2015). '*Pentecostal hermeneutics and the marginalisation of women*'. *Scriptura* 114. Disponível em: https://repository.up.ac.za/bitstream/handle/2263/71011/Mogoane_Role_2019.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 17.11.2019.
- Gomes, Kesia. (2017). 'Vulnerabilidade Masculina Frente Às Novas Configurações da Mulher Atual' *Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA*. Disponível em: <https://repositorio.faema.edu.br/bitstream/123456789/1186/1/GOMES%2C%20K.%20-%20VULNERABILIDADE%20MASCULINA%20FRENTE%20AS%20NOVAS%20CONFIGURA%C3%87%C3%95ES%20DA%20MULHER%20ATUAL.pdf>. Acesso em: 22.11.2021.
- Hook, T. C. (2009). 'Women's Perceptions of Leadership Roles within a Southern Baptist Congregation'. *Electronic Theses and Dissertations*. 612. Disponível em: <https://digitalcommons.georgiasouthern.edu/etd/612>. Acesso em: 25.10.2019.
- Jordão, Carina. (2017). 'As desigualdades entre mulheres e homens no mercado de trabalho e a sua medição - Contributos de um Novo Indicador Composto para os Países da UE-28' *Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra*. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/79734/1/As%20desigualdades%20entre%20mulheres%20e%20homens%20no%20mercado%20de%20trabalho%20e%20a%20sua%20medi%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 23.10.2021.
- León, L. S., (2011). 'François Poullain de la Barre: Filósofo Feminista Y Cartesiano Sui Generis'. *Éndoxa: Series Filosóficas, N.º 27, UNED, Madrid*. Disponível em: <http://e-spacio.uned.es/fez/eserv/bibliuned:Endoxa-2011-27-5020/Documento.pdf>. Acesso em:

15.09.2019

- Losada, E. F., (2019). ‘La Contribución de las Mujeres al Boletín de la Institución Libre de Enseñanza’. Disponível em:
https://dspace.uib.es/xmlui/bitstream/handle/11201/150354/Fernandez_Losada_Edelmira.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 01.12.2019.
- Machado, Luciane. (2007). ‘Satisfação e insatisfação no casamento-os dois lados de uma mesma moeda’ *Universidade Federal de Uberlândia*. CDU: 392.5:159.9. Disponível em:
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/17275/1/LMMachadoDISPRT.pdf>. Acesso em: 24.11.2021.
- Maluf, Adriana. (2010). ‘Novas Modalidades de Família na Pós-Modernidade’ *Faculdade de Direito da USP – São Paulo*. Disponível em:
https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2131/tde-31012011-154418/publico/TESE_COMPLETA_PDF_ADRIANA.pdf. Acesso em: 02.12.2021.
- Martins, Adeliâne; Da Silva, Jaqueline; Vieira, Pauliane. (2017). ‘Desigualdade de Género no Mercado de Trabalho’ *Faculdades Integradas - ITC – Caratinga*. Disponível em:
<https://dspace.doctum.edu.br/bitstream/123456789/414/1/TCC%20Desigualdade%20de%20G%C3%AAnero.pdf>. Acesso em: 24.11.2021.
- Masenya, M. (2009). ‘How Worthy is the Woman of Worth: Rereading Proverbs 31:10-31 in African South Africa’. *Unisa*. Disponível em: <http://uir.unisa.ac.za/handle/10500/5380>. Acesso em: 17.03.2020
- Menniti, D. (2015). ‘As Mulheres não tão Silenciosas de Roma-representações do feminino em Plínio, o Jovem (62 a 113 d.C.)’. *Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista*. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136754/000859277.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27.01.2021.
- Miranda, F. H. (2009). ‘Religião e Mulher: Liderança Feminina no Pentecostalismo Evangélico’. *Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal*. Disponível em:
<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/13579/1/Religi%C3%A3oMulherLider>

an%c3%a7a_Miranda_2009.pdf. Acesso em 12.09.2019.

Nunes, Lopes, M.; Dellazzana-Zanon, L. L.; Gonçalves Boeckel, M. (2014). 'A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia'. *Temas em Psicologia*. vol.22 no.4
Ribeirão Preto. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000400018.
Acesso: 03.06.2020.

Nunes Lopes, M.; Dellazzana-Zanon, L. L.; Gonçalves Boeckel, M. (2014). 'A Multiplicidade de Papéis da Mulher Contemporânea e a Maternidade Tardia'. *Trends in Psychology / Temas em Psicologia*, Vol. 22, nº 4, 917-928 Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/276935743_A_multiplicidade_de_papeis_da_mulher_contemporanea_e_a_maternidade_tardia. Acesso: 10.06.2020.

Oliveira, Nayara. (2009). 'Recomeçar: família, filhos e desafios' *Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" Faculdade de História e Serviço Social*. Franca: UNESP. Disponível em:
https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/ServicoSocial/tese_nayara_pdf.pdf. Acesso em: 24.11.2021.

Paetzhold, K. (2016). 'Regarding the Treatment of Women, Where Did Jesus Set the Bar?'.
Portland State University. PDX Scholar. Disponível em:
<https://pdxscholar.library.pdx.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1390&context=honorsthese>.
Acesso em: 10.03.2020.

Santos, M. G. (2002). 'A mulher na hierarquia evangélica: o pastorado feminino'. *Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro*. Disponível em:
<<https://www.escavador.com/sobre/4022607/maria-goreth-santos>> Acesso em: 17.09. 2019.

Spence, L. (2016). 'Intersectionality and the Female Ordination Movement in the Roman Catholic Church'. *Faculty of Arts. Department of Sociology and Social Policy*. University of Sydney. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/212689653.pdf>. Acesso em: 10.02.2021.

Tavares, M. M. P. F. (2008). ‘Feminismos em Portugal (1947-2007)’. *Universidade Aberta*.

Disponível em:
<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1346/1/Tese%20de%20doutoramento%20Manuela%20TavaresVF.pdf>. Acesso em: 03.02.2021.

Toledo-Francisco, C. V. (2002). ‘*Passagens híbridas: relações de gênero e pentecostalismo*’.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em:
https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-05042006-124323/publico/TOLEDO-FRANCISCO_Passagens_hibridas_relacoes_de_genero_e_pentecostalismo.pdf. Acesso em: 23.09.2019.